HISTORIA ALEGRE DE PORTUGAL

Ao Ill.^mo e Ex.^mo Sr.

CONSELHEIRO

MIGUEL MARTINS DANTAS

Ministro de Portugal em Londres

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Am.^{o} e Sr.

Ha dois ou tres annos, desejando eu obter de Inglaterra um livro que foi citado no parlamento por um deputado da opposição ao ministerio Beaconsfield, dirigi-me a v. ex.ª, meu collega na Academia, perguntando-lhe se seria possivel alcançal-o. A resposta de v. ex.ª não se fez esperar. Enviou-me o livro pedido, que obtivera com summa difficuldade, e juntamente com elle quantos documentos officiaes se referiam á questão da escravatura, questão de que esse livro se occupava, e que então me captivava mais particularmente a attenção. Foi mais longe ainda a amabilidade de v. ex.ª; enviou-me um livrinho francez de que eu não tinha conhecimento, intitulado *Entretiens populaires sur l'histoire de France*, perguntando-me se não seria possivel fazer, com relação á historia portugueza, um livro n'este genero.

Li o livro e achei-o encantador. Tempos depois encontrei-me com v. ex.ª em Lisboa, e disse-lhe que ía tentar o emprehendimento a que v. ex.ª me incitára, e pedi-lhe licença para lhe dedicar o livro, que fosse o fructo d'essa tentativa. É o que faço agora. Como v. ex.ª verá, o plano da *Historia Alegre de Portugal* é diversissimo do dos *Entretiens populaires sur l'histoire de France*, mas a *Historia Alegre* vae escripta tambem no tom faceto, folgazão, singelo e popular que achei original, picante e util no livro francez que v. ex.ª me recommendava.

Folgo de ter ensejo de mostrar publicamente a minha gratidão a v. ex.ª pelas provas de estima e de consideração que me dispensou n'esta e n'outras

occasiões, e o alto apreço em que tenho o talento e o saber do escriptor distinctissimo, que renovou completamente, com os seus *Faux Don Sébastien*, o estudo de uma época interessante da historia portugueza, que nos deu emfim n'esse primoroso livro um estudo profundamente moderno, um estudo, como Gachard os sabe fazer, de um dos episodios mais curiosos e mais romanescos da nossa vida nacional.

De v. ex.ª

Cruz Quebrada, 25 de outubro de 1880.

Att.º v.ºr e ob.º

Pinheiro Chagas

ao bom do professor os livros da sua limitada bibliotheca; em Bellas tambem se relacionára com um engenheiro francez, empregado nas obras de agua de Valle de Lobos, de Broco e de Valle de Figueira, o qual tomára gosto em desenvolver o espirito intelligente e ávido de saber do velho professor. Apesar d'isso vivia modestamente na sua pobre casa, lidando com os saloios que o tratavam com verdadeiro respeito, e tinham por elle um affecto em que entrava um pouco de veneração.

Era no inverno, e o João da Agualva estava passando a noite em casa de uma boa velha, a tia Margarida, viuva de um caseiro do marquez de Bellas, e mãe do Francisco Artilheiro, que, depois de ter servido cinco annos em artilheria, como indicava o seu sobre-nome, viera para Bellas ajudar a mãe a cuidar de umas leiras de terra, que a velhinha herdára do marido. Um grupo de saloios de Bellas e das aldeias proximas, sabendo que o João da Agualva viera para alli seroar, tinham vindo tambem, desejosos de ouvir algumas das historias que o velho ás vezes contava e que entretinham agradavelmente a noite. N'essa occasião, porém, o professor estáva macambusio, e, quando o velho Bartholomeu, irmão da tia Margarida, que era dos que mais gostavam de o ouvir, lhe pediu que contasse alguma das suas historias, o bom do João da Agualva abanou negativamente a cabeça.

—Não estou hoje com disposição para historias da

carochinha, disse elle, e sabem vocês? Tenho andado a matutar n'uma cousa. Não é uma vergonha que vocês saibam de cór e salteiadas historias de cousas que nunca succederam, nem podiam succeder, e não saibam ao mesmo tempo nem o que foram seus paes nem os seus avós, nem o que fizeram, nem como elles viveram, nem o que succedeu n'esta boa terra de Portugal, que nós todos regamos com o nosso suor, que hoje nada vale, mas que deu brado no mundo pelas façanhas que os nossos praticaram?

— Tomára eu saber tudo isso, sr. João da Agualva, disse o Manuel da Idanha, rapazote de cara esperta, moço de lavoura do sr. Carignan, o antigo dono de collegio, que hoje reside na aldeia da Idanha, a cousa de quinhentos metros de Bellas, tomára eu saber tudo isso, mas como ha de ser!? É verdade que, graças a Deus, sei ler e escrever, e lá o patrão emprestou-me uma vez uns livros de historia que eu lhe pedi, mas, mal os comecei a ler, deu-me o somno. Diziam á gente os nomes dos reis e os filhos que tinham tido, e as batalhas que tinham ganho, e mais umas lenga-lengas de que não percebi patavina. Ora, sr. João da Agualva, eu, para dormir, graças a Deus, ainda não preciso de ler historia.

— Mas que diriam vocês, tornou o velho professor, se eu n'estes nossos serões, lhes contasse, em vez de contos de fadas, e de historias de Carlos Magno, a historia do que succedeu em Portugal? Talvez vocês me

INTRODUCÇÃO

O sr. João Martins, mais conhecido pelo nome de João da Agualva, porque morava na pequena aldeia d'este nome, que fica entre Bellas e o Cacem n'um sitio arido e feio, fôra mestre de instrucção primaria n'uma das freguezias do concelho de Cintra. Conseguira a sua aposentação, e viera para a sua aldeia natal amanhar umas terras que alli possuia, e cujo rendimento o impedira já de morrer de fome nos tempos, em que o Estado lhe pagava munificentemente os noventa mil réis annuaes, com que remunerava n'essa época os primeiros guias do homem nos asperos caminhos da instrucção. Mas o João da Agualva era homem de uma illustração excepcional. Convivera muito tempo com o prior de Monte-lavar, padre instruido que emprestára

ao bom do professor os livros da sua limitada bibliotheca; em Bellas tambem se relacionára com um engenheiro francez, empregado nas obras de agua de Valle de Lobos, de Broco e de Valle de Figueira, o qual tomára gosto em desenvolver o espirito intelligente e ávido de saber do velho professor. Apesar d'isso vivia modestamente na sua pobre casa, lidando com os saloios que o tratavam com verdadeiro respeito, e tinham por elle um affecto em que entrava um pouco de veneração.

Era no inverno, e o João da Agualva estava passando a noite em casa de uma boa velha, a tia Margarida, viuva de um caseiro do marquez de Bellas, e mãe do Francisco Artilheiro, que, depois de ter servido cinco annos em artilheria, como indicava o seu sobre-nome, viera para Bellas ajudar a mãe a cuidar de umas leiras de terra, que a velhinha herdára do marido. Um grupo de saloios de Bellas e das aldeias proximas, sabendo que o João da Agualva viera para alli seroar, tinham vindo tambem, desejosos de ouvir algumas das historias que o velho ás vezes contava e que entretinham agradavelmente a noite. N'essa occasião, porém, o professor estáva macambusio, e, quando o velho Bartholomeu, irmão da tia Margarida, que era dos que mais gostavam de o ouvir, lhe pediu que contasse alguma das suas historias, o bom do João da Agualva abanou negativamente a cabeça.

— Não estou hoje com disposição para historias da

carochinha, disse elle. e sabem vocês? Tenho andado a matutar n'uma cousa. Não é uma vergonha que vocês saibam de cór e salteiadas historias de cousas que nunca succederam. nem podiam succeder. e não saibam ao mesmo tempo nem o que foram seus paes nem os seus avós, nem o que fizeram. nem como elles viveram, nem o que succedeu n'esta boa terra de Portugal, que nós todos regamos com o nosso suor. que hoje nada vale, mas que deu brado no mundo pelas façanhas que os nossos praticaram?

— Tomára eu saber tudo isso. sr. João da Agualva. disse o Manuel da Idanha, rapazote de cara esperta, moço de lavoura do sr. Carignan. o antigo dono de collegio. que hoje reside na aldeia da Idanha. a cousa de quinhentos metros de Bellas, tomára eu saber tudo isso, mas como ha de ser!? É verdade que, graças a Deus, sei ler e escrever. e lá o patrão emprestou-me uma vez uns livros de historia que eu lhe pedi. mas. mal os comecei a ler, deu-me o somno. Diziam á gente os nomes dos reis e os filhos que tinham tido, e as batalhas que tinham ganho. e mais umas lenga-lengas de que não percebi patavina. Ora, sr. João da Agualva, eu. para dormir. graças a Deus, ainda não preciso de ler historia.

— Mas que diriam vocês. tornou o velho professor. se eu n'estes nossos serões, lhes contasse. em vez de contos de fadas. e de historias de Carlos Magno. a historia do que succedeu em Portugal? Talvez vocês me

entendessem, quer-me parecer que se não aborreceriam muito, e, em todo o caso, se se enfastiassem, diziam-m'o francamente, e eu não continuava, porque lá para massador é que não sirvo.

—Ah! sr. João, exclamou o Manuel da Idanha, isso é que era um regalo!

Os outros não disseram palavra, e o João, que os percebeu, riu-se para dentro, e fingiu-se desentendido.

—Pois então, vá feito, eu hoje estou cançado, porque já fui a pé ao Sabugo tratar da compra de um boi: mas ámanhã é domingo. Venham vocês á noite aqui para casa da tia Margarida, e eu começarei a minha historia.

No domingo á noite ninguem faltou; mas, se vieram, foi pelo respeito que tinham ao João da Agualva, não porque esperassem divertir-se muito. O Bartholomeu já abria a bôca ainda antes do João da Agualva principiar. Mas o João chegou-se mais para o lume, porque a noite estava fria a valer, sorriu-se, e principiou como o leitor verá no capitulo immediato.

PRIMEIRO SERÃO

O que era Portugal.—Os seus primeiros habitantes.—As colonias estrangeiras.—Os phenicios.—Os gregos.—Os carthaginezes.—Os romanos.—Viriato.—Sertorio.

—Meus amigos, começou o João da Agualva, é de saber que esta terra em que nós vivemos nem sempre foi Portugal, e, se alguem se lembrasse de fallar, aqui ha cousa de uns tres ou quatro mil annos ou mesmo só de mil annos, em Portugal e em portuguezes, havia de ver como todos ficavam embasbacados sem perceber patavina. Isto lá para os antigos era tudo Hespanha, desde os cocurutos dos Pyrinéus, que são uns montes que separam a Hespanha da França, até essas aguas do mar que cercam por todos os lados a nossa terra, mais a dos hespanhoes, e até por estar este pedação de terra cercado de agua por toda a parte, menos pela banda dos Pyrinéus, é que se chama a isto *peninsula,*

que quer dizer uma cousa que é quasi uma ilha, mas que o não vem a ser de todo.

—Bem sei, bem sei! peninsula é onde houve uma guerra em que entrou meu avô! exclamou o fallador do Manuel da Idanha.

—Mette a viola no sacco, Manuel; quem muito falla pouco acerta. Lá chegaremos á guerra da peninsula. Roma e Pavia não se fez n'um dia.

—Pois então, vá lá vocemecê contando a sua historia.

—Como eu ia dizendo, esta peninsula, a que se chama Hespanha e Portugal, era então só Hespanha. Hespanhoes eramos nós todos...

—Menos eu! acudiu o Bartholomeu, levantando-se todo furioso, hespanhol é que nunca fui, nem sou, sem serei. Vae aqui tudo raso, se...

—Espera, homem de Deus! Que tem que tudo isto fosse hespanhol se nunca mais o ha de ser? Tambem a Hespanha, e a França, e a Inglaterra, e a Italia, e a Grecia, e o Egypto foi tudo imperio romano, e vae lá dizer agora a essas nações todas que se sujeitem ao mesmo governo! Tambem a França d'antes se chamava Gallia e estendia-se pela Belgica fóra, e mais pela Suissa, e, se o Gambetta, ou quem é que governa lá na França, quizesse por isso empolgar a Suissa e a Belgica, ía ahi em toda a Europa uma berraria de seiscentos demonios.

—Pois sim, resmungou o Bartholomeu sentando-se de mau humor, mas não me digam a mim que eu fui hespanhol.

—Ora, meus amigos, quem foram os que primeiro moraram cá n'este canto de terra é que ninguem sabe. Seriam uns iberos, que falavam uma lingua arrevezada, assim a modo semelhante á que falam hoje os hespanhoes das Vascongadas que nem o demo entende? Isso é que lhes não posso dizer. O que sei é que, quando a Hespanha começou a ser conhecida, havia aqui uma sucia de povos que era uma cousa por demais, turdetanos para um lado, celtiberos para outro, ilergetas para aqui, bastetanos para acolá. Estava até ámanhã a dizer-lhes nomes estramboticos, se não preferisse falar-lhes só nos nossos avós, cá nos que moravam na nossa terra.

—Isso é que é! bradaram todos em côro.

—Pois muito bem! Saibam vocês que não era um povo só. No Algarve e n'um pedaço do Alemtejo havia os *cuneenses*, no resto do Alemtejo, na Extremadura e na Beira moravam os lusitanos, e lá para cima para o Douro, para o Minho e mais para Traz-os-Montes moravam os gallegos.

—Os gallegos! exclamou o irritavel Bartholomeu, veja lá como fala, sr. João da Agualva, olhe que o pae de minha mulher veiu de Traz-os-Montes, e meu sogro não era nenhum gallego, ouviu?

—Valha-te Deus, Bartholomeu, então tu cuidas que os gallegos andam todos com o barril ás costas, e são todos uns grosseirões como os aguadeiros dos chafarizes de Lisboa? Pois digo-te, e depois t'o mostrarei, que de todos os povos lá das Hespanhas foram os gallegos os que mais depressa se poliram. Mas, cala-te bôcca, não vá o carro adeante dos bois, e, como tu não queres ser genro de um gallego, sempre te direi que os que moravam para cá do Minho não eram da mesma casta que os de lá. Os nossos chamavam-se *Bracharos* e os gallegos da Galliza chamavam-se *Lucenses*.

—Ainda bem! murmurou o Bartholomeu, isso de *Bracharos* até parece que dá idéa de *Braga*.

—E é verdade que dá, sr. Bartholomeu, lavre lá dois tentos.

Todos se riram, e o João da Agualva continuou:

—Mas não imaginem que os nossos antepassados eram assim como nós, que viviam em cidades, villas e aldeias, que andavam vestidos dos pés até a cabeça, que tinham espingardas para a caça e para a guerra. Qual carapuça! Eram uns selvagens, uns lapuzes. As armas eram lanças de cobre, e o amante pedregulho, mais uns dardos e uma especie de escudo para se defenderem; fato pouco havia, cabello comprido como o das mulheres, que atavam com uma fita quando tinham de ir para a guerr

As mulheres é que tinham os seus enfeites e os seus bordados, os seus vestidos compridos, etc.

—Pois já se vê que lá as meninas nunca podem passar sem arrebiques! disse o Zé Caneira, relanceando um olhar malicioso para a boa tia Margarida, que fiava na sua roca ao pé da lareira.

—Melhor para ellas, ouviu! redarguiu a velha. Que pena que não vivesses n'esse tempo para atares os cabellos com uma fita, quando fôsses para a guerra!

Como o Zé Caneira era calvo, uma gargalhada geral acolheu a observação da tia Margarida.

—Em comidas não eram muito requintados, de carne de cabra é que elles principalmente se alimentavam, e o seu pão era cousa de pouca substancia. Bebiam agua, dormiam no chão, tinham barcos de couro, matavam gente em sacrificio aos seus deuses, quando tinham algum doente punham-n'o á beira da estrada, quem fazia algum roubo ou outro crime grave era apedrejado. Não passavam de ser uns selvagens. Então que querem? nem os homens nem os povos nascem ensinados. Todos começam assim. Valentes eram elles, isso sim, valentes como touros. Tiveram occasião de o mostrar, porque esta nossa terra foi na antiguidade uma especie de California.

Por muito tempo ninguem soube d'ella, e os navios da gente civilisada que vivia lá para o Oriente

nunca passavam para cá do estreito de Gibraltar, até que um dia passaram os phenicios, gente atrevida, que queriam metter o nariz em toda a parte, e que sobretudo procuravam terras novas para commerciar. Acharam que lhes convinham a Andaluzia, e o Algarve, e aqui fundaram algumas colonias, sendo Cadiz a principal. Como tinhamos por cá muitas minas de ouro, e os homens deram sempre o cavaquinho por este metal, estavam os phenicios nas suas sete quintas. Ao mesmo tempo outro povo civilisado do Oriente, os gregos, vieram na piugada dos phenicios, mas esses estabeleceram-se principalmente na Hespanha do lado de lá, onde hoje é a Catalunha, e o Aragão e Valencia, etc.

Os indigenas de cá não se deram mal com os phenicios, emquanto elles se limitaram a trocar as suas fazendas pelo nosso ouro e outras producções, mas, quando viram que os taes extrangeiros começavam a fazer casa, acabaram com o negocio, foram aos gaditanos e deram-lhes uma tareia real.

—Foi bem feito! observou Bartholomeu.

—Mas os phenicios, que estavam muito longe da sua terra, chamaram em seu soccorro os carthaginezes, que eram tambem uns phenicios, quer dizer tinham assim com os phenicios o mesmo parentesco que os brazileiros têem comnosco. Ora os carthaginezes viviam aqui mais proximo, alli na Africa, ao pé de Tunis, não muito longe de Argel.

— Argel! exclamou o Francisco Artilheiro, já lá estive.

— Já lá estiveste?

— Já, sim senhor. Quando eu andava ao serviço, e que fui para a India, o vapor que me levou arribou a Argel. É uma bonita terra.

— Já vês que não fica muito longe. Carthago era mais para o lado de lá. Vieram pois os carthaginezes em soccorro dos phenicios, mas gostaram da terra, pozeram fóra os que vinham soccorrer, e á fôrça de bordoada, porque bons guerreiros eram elles, sujeitaram ao seu poder tudo.

— Mas então, tornou o Francisco Artilheiro, vocemecê diz que os nossos eram tão valentes?...

— Ora, que outro me fizesse essa pergunta, vá, mas tu que fôste militar! Quem vence é quem tem disciplina. Por mais valentes que os homens sejam, em combatendo sem ordem, um por aqui, outro por alli, um regimento bem formado dá logo cabo d'elles.

— Isso é verdade.

— Estavam os carthaginezes senhores da Hespanha, e, como tinham posto fóra os phenicios, queriam tambem pôr fóra os gregos, quando estes se lembraram de pedir o soccorro dos romanos, que andavam ha muito tempo de rixa velha com os carthaginezes, e que eram dos povos mais pimpões d'aquelle tempo.

— Vieram então os romanos? perguntou o Fran-

cisco Artilheiro, que estava seguindo com interesse a narrativa.

— Não tiveram tempo de vir, porque um tal Annibal, rapazote dos seus vinte e cinco annos, e que dizem até que era filho de uma lusitana, succedendo no commando dos carthaginezes a seu pae Amilcar, não esperou que elles viessem, correu a Sagunto, uma das taes colonias gregas, tomou-a e queimou-a, e depois sae da Hespanha, atravessa os montes Pyrenéos e mais os montes Alpes, que parecia que tinha mesmo o diabo no corpo, bate os romanos aqui, derrota-os acolá, escangalha-os mais além, e ás duas por tres, se continua assim de vento em pôpa, era uma vez Roma. Porém, os romanos, que eram tambem levadinhos da breca, nunca desanimaram, e, apesar de estarem de corda na garganta, tiveram artes de mandar para cá um exercito, de forma que, emquanto Annibal sahia por uma porta, entravam os romanos por outra. O atrevimento ia-lhes sahindo caro, isso é verdade, mas a fortuna virou, e o que é certo é que d'ahi a pouco tempo não havia nem um carthaginez na peninsula, e estavam os romanos senhores de tudo isto.

— Então os povos de cá estavam a olhar ao signal? perguntou Bartholomeu.

— Ora ahi é que bate o ponto. Effectivamente, os povos cá das Hespanhas acharam assim exquisito que os carthaginezes e os romanos andas-

sem a dispôr d'elles, sem ao menos lhes perguntar a sua opinião, de forma que, quando os romanos, julgando-se senhores da Hespanha, começaram a espreguiçar-se, os differentes povos da peninsula disseram-lhes d'esta maneira: «Ora esperem lá, senhores romanos, que nós somos duros para colchões!

— Ah! boa rapaziada! observou, esfregando as mãos, o Francisco Artilheiro.

— Começou a pancadaria, e o povo que andou sempre na frente foram cá os nossos lusitanos, principalmente os serranos do Herminio (que era assim que se chamava d'antes a serra da Estrella). Não eram os romanos capazes de metter dente cá para este lado, até que uma vez um dos seus generaes, chamado Sergio Galba, apanhou os lusitanos á traição, e fez n'elles uma mortandade de que poucos escaparam.

— Ah! grande patife! exclamou o Manuel da Idanha.

— Isso era, mas além de patife era tôlo, porque isto de excitar muito dá maus resultados. Os lusitanos, que escaparam, ficaram como uma bicha. Ora um d'elles era um pastor chamado Viriato, homem decidido e esperto, que disse para os seus patricios: «Façam vocês o que eu mandar, e deixem os romanos commigo.» Assim foi, juntaram-se á roda de Viriato, e, quando appareceu um exercito romano com-

mandado pelo consul Vetilio, o nosso homem, que era das bandas de Vizeu, esconde n'uma emboscada uma parte da sua gente, e com o resto põe-se a fazer fosquinhas aos romanos, parecendo a modo medroso. O consul percebe que elle está com seu susto, e diz lá de si para si: «Vaes apanhar uma surra mestra». Corre sobre elle, Viriato faz tres meia volta, e, pernas para que te quero, elle ahi vae. O consul Vetilio desata a correr atraz de Viriato, e vae-se mesmo metter na bôcca do lobo. Era uma vez um exercito romano. Depois de Vetilio vem outro e outro, e elle sempre zás, pásada de crear bicho. Em Roma havia terror, diziam que o lusitano lhes dava mais que fazer que o proprio Annibal. Em Hespanha isso era um enthusiasmo por ahi além. Se Viriato já nem se contentava em estar nas montanhas, entrava pelos povoados romanos levantava contribuições, revolucionava os povos, era um vivo demonio, e cada novo exercito, que por cá apparecia, não lhes digo nada, sumia-se n'um abrir e fechar de olhos, até que emfim o consul Scipião apanha lá dois patifes que Viriato mandára para tratar de um negocio, e tantas endrominas lhes metteu na cabeça, e tantas promessas lhes fez que elles, quando voltaram para onde estava o seu chefe, apanharam-n'o a dormir e mataram-n'o.

— Oh! que grandes malvados! exclamou Bartholomeu.

— E assim acabou esse homem que foi o que se pode chamar um homemzarrão! Ó senhores, eu sou um pateta, que não percebo nada d'estas cousas, mas, quando me ponho a pensar n'este Viriato, quando me lembro que era apenas um pobre pastor de cabras, um selvagem que não entendia nada de guerras, nem de manobras, nem de legiões para aqui, nem de centuriões para ahi, e que, apesar d'isso, em defesa da sua terra, fez andar os romanos em palpos de aranha, e atarantou aquella poderosa Roma que mettia medo a todos, quando me lembro que elle era filho d'esta boa terra, que hoje se chama Portugal, ah! c'o a breca, sinto assim uns arrepios pela espinha, e parece que é até uma vergonha para o paiz não se lhe ter levantado uma estatua de um tamanho por ahi além no alto da serra da Estrella, que aquillo é que se podia chamar a sentinella da nossa independencia.

E o bom do João da Agualva, no impeto do seu enthusiasmo, cerrava os punhos; faiscavam-lhe os olhos e dava mostras de querer elle mesmo ir pôr nos fraguedos da serra da Estrella a estatua do seu heroe.

— Tem razão, tem, observou o Bartholomeu, lá que o tal Viriato foi um homem de truz, isso foi.

— A morte de Viriato, como podem imaginar, continuou o João da Agualva, deixou ficar os lusitanos um pouco atrapalhados. Mas continuaram

a defender-se, e os romanos viram uma bruxa com elles. Pode-se dizer que Roma só foi senhora da Lusitania quando não ficaram nas nossas montanhas senão as mulheres e as creanças. Mas as creanças fizeram-se homens, e os homens estavam mortos por jogar as cristas com os romanos. Não tardou a apparecer-lhes uma boa occasião.

—Vamos lá a vêr isso! exclamou o Bartholomeu, com um orgulho patriotico.

—É de saber que em Roma havia umas guerras civis, tal qual como nós tivemos cá por muito tempo em Portugal, assim umas cousas á moda da *Maria da Fonte* ou da guerra dos dois irmãos. Um fulano Sylla e um sicrano Mario andaram á pancadaria um com o outro, até que venceu um d'elles que foi Sylla. Era homem de cabellinho na venta este Sylla, e, apenas se viu no poleiro, começou a chacinar nos que eram do partido contrario, de forma que parecia que não queria deixar vivo nem um só. Os amigos de Mario trataram de se escapulir, e um d'elles, homem desembaraçado, chamado Sertorio, safou-se cá para Hespanha, para os lados do Oriente. Ahi, n'um instante revolucionou tudo, arranjou um exercito, mas os generaes de Sylla espatifaram-lh'o, e o amigo Sertorio tingou-se para a Africa. Souberam os lusitanos do caso, e disseram comsigo: «Este maganão é que nos faz conta». Mettem-se uns poucos n'um barco, vão alli a Marrocos,

por onde o Sertorio andava aos paus, offerecem-lhe o vir commandal-os. Sertorio saltou logo para dentro do barco, e d'ahi a pouco estavam os lusitanos em campo com Sertorio á frente.

Este, porém, não era, como Viriato, um pastor de cabras, era homem civilisado, sabendo tudo o que se sabia no seu tempo, e que tratou de arranjar cá nas nossas terras uma especie de Roma. Pareceu-lhe que Evora servia para o caso, estabeleceu-se alli, e, como o tinham acompanhado muitos romanos, conseguiu perfeitamente o seu fim.

Que o Sertorio era uma grande cabeça, isso é que não tem duvida! Não só poz o sal na moleirinha dos seus patricios que se quizeram metter com elle, mas costumou os lusitanos a ser gente civilisada, e a imitar os romanos em tudo, de forma que Viriato, se resuscitasse, não os reconhecia. E a final de contas, vejam como as cousas são! Este Sertorio deu lambada nos romanos por um sarilho! pois ninguem fez mais serviços a Roma do que elle! Introduziu aqui as artes, os usos e os costumes de Roma, de forma que, depois, os nossos começaram a ter menos repugnancia aos extrangeiros, a confundir-se com elles. Isto de falar a mesma lingua, de ter os mesmos habitos, sempre é uma grande cousa! Sertorio foi assassinado, assassinado tambem por um traidor, um patricio d'elle, um tal Perpenna! Pois senhores, quando morreu, já isto

por cá era tão romano como a propria Roma! de forma que nunca mais houve revoltas, e os lusitanos como o resto dos habitantes de Hespanha, á excepção dos vasconsos que sempre foram mettidos comsigo, e nunca se deram com os visinhos, os lusitanos ficaram fazendo parte do grande imperio que vinha do Mar Negro ao Oceano Atlantico, e da bôcca do Rheno até a foz do Guadalquivir, e ainda mais para baixo, do outro lado do estreito.

E com isto os não enfado mais, meus amigos, a Margarida já acabou a sua estriga, a luz do candieiro está assim a modo aos upas como quem se quer ir embora. e então domingo á noite continuaremos com esta conversa, visto que vocês parece que vão gostando.

— Ora se gostamos, sr. João da Agualva! bradaram todos em côro. Venha depressa o domingo para ouvirmos o resto.

E, despedindo-se de Margarida, e de João. retiraram-se para suas casas.

SEGUNDO SERÃO

Cesar e os montanhezes do Herminio. — O imperio romano. —O christianismo.—Os barbaros.—Suevos, alanos e visigodos — Os mouros. — O reino das Asturias. — O reino de Leão — Portucale.—Os condados de Portugal e de Coimbra.

—Meus amigos, começou o João da Agualva, apenas todos fizeram roda no domingo immediato, e que a boa da tia Margarida, depois de carregar a sua roca, principiou a fazer girar o fuso nos seus dedos ageis, deixámos no outro dia os bons dos nossos lusitanos, depois da morte de Sertorio, costumados já á civilisação romana, e falando o latim como se tivesse sido sempre a sua lingua, gostando de dar as suas passeatas até Roma, e provavelmente chamando barbaros aos que se lembravam com saudades dos tempos de Viriato. Nas serras continuavam a refilar o dente aos senhores do mundo, e o proprio Cesar, que veiu a ser depois um grande ho-

mem estreou-se nas guerras, tendo cá na Lusita
nia os seus dares e tomares com os montanheze
do Herminio, que vieram deante d'elle em rota ba
tida até aqui as proximidades de Peniche, pouc
mais ou menos, e que, quando deram de cara co
o mar, não estiveram lá com meias medidas, me
teram-se n'umas jangadas, e foram merendar á
Berlengas, deitando a lingua de fora ao sr. Cesa
que se foi embora de queixo cahido. Mas isso era
barulhos lá de quando em quando. A verdade
que a Lusitania estava sendo devéras romana.
então, quando lá em Roma á republica succedera
os imperadores, nem mais se pensou em indepen
dencias, nem meias independencias. As cidades co
os nomes romanos ferviam por ahi, as estradas m
litares cortavam o paiz, e uma pessoa podia ir
Lisboa até Roma sem perguntar a ninguem. Ho
diz-se: quem tem bôcca vae a Roma. Pois n'aquel
tempo, e com as estradas militares, bastava ter p
e olhos, ia-se lá direito como um fuso.

—Havia caminho de ferro? perguntou o Zé C
neira embasbacado.

—Qual caminho de ferro, bruto! Teu avô ain
nem sabia que vinha isso a ser, e já tu querias q
o teu trigesimo ou quadragesimo avô andasse
wagon! Não senhor, eram estradas ordinarias, m
feitas com todo o cuidado e limpeza, e que, pa
tindo de Roma, iam ter aos pontos mais distant

do imperio! Lá que os taes romanos eram um grande povo, isso eram!

—Pois sim! mas regalaram-se de levar tapona cá na nossa terra, interrompeu o Bartholomeu.

—Quem vae á guerra dá e leva, respondeu o João da Agualva, e afinal quem vence é quem mais sabe. Se os romanos venceram, não foi nem porque tinham mais fôrça, nem porque eram mais valentes, foi porque sabiam mais. Tu verás ao depois. Olha que isto cá no mundo não se leva a poder de bordoada. Queres um exemplo? Ora ahi tens tu o mundo todo romano. O imperador está em Roma, e tudo governa. N'isto saem da Judéa uns homens de bordão na mão e de pés descalços, que começam a prégar por esse mundo, a dizer que Deus veiu á terra, que foi crucificado, que disse que todos os homens eram eguaes, senhores e escravos e grandes e pequenos, que a gente deve amar não só os seus amigos, mas tambem os seus inimigos, que ha mais alegria no céo pela volta de um peccador que se arrepende, do que pela entrada de noventa e nove justos, e outras cousas assim que embasbacavam todos, e vae os imperadores romanos começaram a scismar que esta gente que lhes fazia mal, que desorganisava tudo, e botam a chacinar n'esses sujeitos que se diziam christãos, e a queimal-os, e a deital-os ás feras, e a martyrisal-os, e quanto mais os desbastavam mais elles cresciam, e

tanto e tanto que lhes não digo nada. Ás duas por tres o mundo romano tinha sido conquistado, sem pau nem pedra, por esses soldados de Christo. Ora aqui tens tu como quem vence nem sempre é a fôrça bruta.

—Essa agora é mais fina! acudiu o Manuel da Idanha. Esses, se venceram, é porque eram os santos apostolos, e porque prégavam a palavra de Deus.

—Pois assim é, Manuel, dizes tu muito bem, mas isto que se chama civilisação não é tambem senão palavra de Deus. A civilisação é o que concorre para nos fazer melhores, mais dignos de ser homens. Umas vezes prégam-n'a os santos, outras vezes são os sabios, e ás vezes tambem são os soldados, porque Deus de todos os meios se serve para chegar aos seus fins. E é assim que o instrumento d'isto a que eu chamo civilisação umas vezes é o livro, outras vezes a cruz, e outras vezes a espada.

Os bons dos saloios ouviam boqui-abertos estas cousas todas, que só o Manuel da Idanha parecia perceber um boccadinho, por isso o João da Agualva, que não queria perder a attenção do auditorio, apressou-se a continuar:

—Isto quer dizer, meus amigos, que foi por este tempo que principiou a prégar-se no mundo a nossa santa religião, e foi cá a nossa terra uma das

primeiras que se converteram. Dizem até que veiu aqui o proprio apostolo Sant Iago, mas isso estou que são lérias; o que é certo, porém, é que ainda quasi não havia bispos por esse mundo de Christo, e já Braga era bispado, tanto assim que se chama ao arcebispo de Braga arcebispo primaz das Hespanhas, porque foi o primeiro que na Hespanha houve.

Mas, entretanto, meus amigos, grandes cousas se passavam pelo mundo. Fora dos limites do imperio, do lado de lá do Rheno, do lado de lá do Danubio, havia povos que Roma não conseguira conquistar: gente selvagem como os lusitanos do tempo do Viriato; valentes como elles, e ao mesmo tempo gente inquieta que não parava n'um sitio e que não podia viver quasi senão de caça e de rapina. Tinham os romanos um trabalhão em os conter, mas, quando o imperio começou a fraquear, porque aquillo estava já sendo uma choldra, quando as legiões, que é como quem hoje diria as divisões e as brigadas, começaram cada uma a apregoar um imperador pela sua banda, desabam todos aquelles meus amigos sobre o imperio, e foi como quem diz uma verdadeira inundação. Ahi pelos annos quatrocentos e tantos cahiram em cima de Hespanha, vindos das bandas dos Pyrenéos, nada menos de tres povos, os Alanos, os Suevos e os Vandalos. Nós, só á nossa parte, tivemos dois que tomaram conta de

tudo isto, que foram os suevos e os alanos. Mas qual! as florestas de alem do Danubio e do Rheno parece que se não fartavam de despejar povos que se empurravam uns aos outros. Atraz d'estes tres povos vieram os visigodos que expulsaram os outros e ficaram senhores da Hespanha toda. E agora ahi têem vocês como nem sempre quem vence é quem conquista. Julgam por acaso que se falou na Hespanha o visigodo, e que as leis visigothicas é que governaram, e que a religião dos visigodos é que triumphou? Qual carapuça! os vencidos é que conquistaram os vencedores e deram-lhes a sua lingua, as suas leis e a sua religião, Porque? porque os mais civilisados eram os vencidos, e quem mais sabe é quem triumpha.

—Mas então, a final de contas, perguntou o Manuel da Idanha, sempre isto ficou sendo romano?

—Não, rapaz, não é assim. Ora dize-me uma cousa, quando tu deitas sal e carne para dentro de uma pouca de agua, o que é que fica? é agua, é carne ou é sal?

—Essa agora é mais fina, não fica nem uma cousa nem outra, o que fica é caldo.

—Ora pois ahi tens tu: a agua eram os lusitanos, os romanos foram o sal, e os visigodos a carne, e de tudo isso sahiu uma cousa nova, um povo novo, este caldo que depois veiu a chamar-se portuguez, que é no fundo lusitano, como o caldo é

agua, e a que Roma deu o sal que foi a idéa, e os visigodos a carne que foi a fôrça.

Acharam graça á comparação os bons dos saloios e o João da Agualva proseguiu d'esta maneira:

—Mas as cousas não ficaram por aqui, porque no anno de 756 appareceu de repente em Hespanha gente nova. Eram os mouros. Esses, em vez de vir do norte, vinham do sul. Seguiam uma reigião nova, a de Mafoma. Não eram uns selvagens, como tinham sido os visigodos. Traziam uma civilisação e das mais apuradas. Por isso a lucta que se travou foi medonha: civilisação contra civilisação, Jesus contra Mafoma. Primeiro venceram os mouros. Na batalha do Guadalete foram os visigodos vencidos, e morto o seu rei Rodrigo. Em pouco tempo tinham os mouros tomado toda a Hespanha. A nossa terra lá foi tambem para elles. Só nos montes das Asturias, que são levados de quantos diabos ha, um punhado de visigodos continuou a resistir, commandado por um tal Pelayo, que foi o primeiro rei das Asturias. Metteram-se os mouros com elle, levaram para o seu tabaco. Deixaram-n'o lá estar no seu reino, que era como quem diz um ninho de aguia, encarrapitado no cucuruto das montanhas, e co' a bréca, parece-me que uma aguia co' as azas extendidas fazia-lhe sombra a elle todo. A pouco e pouco foi augmentando. Agora tomava-se

uma cidade, logo outra; a grão e grão, diz o proverbio, enche a gallinha o papo. D'ahi a duzentos annos já os visigodos tinham tirado aos mouros terras bastantes para formar não só um reino, mas uns poucos. A moda que havia de se dividir o reino pelos filhos de um rei que ia para o outro mundo, dava este resultado. Deixemos, porém, isso, e vamos a saber o que era feito de nós.

—Isso é que é, acudiu o Bartholomeu, os hespanhoes que tratem de si.

—Pois nós faziamos parte do reino que se chamou reino de Leão; quando digo nós, quero dizer de Coimbra para cima, porque entre Coimbra e Lisboa, umas vezes era-se mouro e outras vezes christão, mas de Lisboa para baixo não havia duvida nenhuma, era tudo mourama.

—Mas então, vamos a saber, isto era já Portugal ou não era Portugal? perguntou o Zé Caneira.

—Ora com que tu vens! Sabes o que era Portugal? Era, para assim dizer, o Minho. Havia Portugal e havia o condado de Coimbra. Portugal chamava-se assim porque na foz do Douro existia uma terra que se chamava *Cale*, que depois se mudou em Gaya, e vae defronte mesmo á beira do rio, começou a levantar-se outra terra que se chamou *Portus Cale* ou *Porto de Cale*. Esta terra é a que se chama hoje simplesmente *Porto*, e o nome de *Por-*

to de Cale, que se foi mudando em *Portugal*, dava-se a tudo o que ficava para o norte do Douro. E aqui está, meus amigos, como Portugal deve o seu nome ao Porto, exactamente como depois lhe veiu a dever a liberdade.

—E então Coimbra já não era Portugal?

—Não, rapaz. Coimbra era outro condado, tambem christão, mas que tinha existencia sobre si. Ora o que lhes digo, meus amigos, é que a corneta do destacamento que chegou hoje está já a tocar a recolher, que são horas de se ir chegando cada um para suas casas, e que no proximo domingo continuaremos a nossa historia.

TERCEIRO SERÃO

D. Affonso VI de Leão.—O conde D. Henrique.—D. Thereza.—O conde de Trava.—Batalha de S. Mamede. —Egas Moniz.—Fundação da monarchia.—D. Affonso Henriques.—Os cruzados.— D. Sancho I.—D. Affonso II.—D. Sancho II.—D. Affonso III

—Viram vocês, meus amigos, tornou o João da Agualva, no domingo immediato, que o Portugal de agora, ahi pelo anno mil, pouco mais ou menos, estava, do Mondego para baixo, quasi todo em poder dos mouros, e do Mondego para cima distribuido em dois condados, um que se chamava de Portugal, que era como quem diz do Porto, e o outro que se chamava de Coimbra, e ambos estes condados faziam parte do reino de Leão, onde governava um rei de cabellinho na venta, chamado o sr. D. Affonso VI. Ora, como D. Affonso VI tinha sempre guerra com os mouros, e como n'esse tempo o grande pratinho para um principe ou para um fidalgo, era jogar as cristas com elles, tanto que os iam bus-

car a casa de seiscentos diabos, só para lhes dar tapona, aconteceu que dois francezes, chamados um Henrique e o outro Raymundo, ambos primos, e ambos da casa de Borgonha, em vez de ir á Palestina, vieram aqui a Hespanha que lhes ficava mais ao pé da porta pedir para dar tambem as suas garfadas nos de Mafoma. Não havia duvida, a mesa estava sempre posta e podiam servir-se á vontade. Deram bordoada de crear bicho, e o D. Affonso VI, que viu que eram uns valentões, e que lhe podiam servir para muito, casou-os com duas filhas que tinha, uma legitima filha do matrimonio, e outra cousas e tal, etc. A primeira chamava-se Urraca e foi para o Raymundo, a segunda chamava-se Tareja ou Thereza, e dizem até que era uma rapariga de truz, para o Henrique. Ora ao primeiro, como era casado com a legitima, deu elle o governo de toda a parte do reino, que ficava á borda do mar, desde os altos da Galliza até ás proximidades do Tejo, e a D. Henrique deu especialmente os condados de Portugal e de Coimbra, ficando sempre sujeito ao primo. Ha quem diga que Portugal veiu como dote de D. Tareja! Tó carocho! N'esse tempo nem os paes davam dotes ás filhas, os que queriam casar com ellas é que ainda davam alguma cousa.

— E acho isso muito bem entendido! exclamou vivamente o Zé Caneira, que tinha uma filha casadoira.

— Pois sim! redarguiu sorrindo o João da Agualva. O que é certo é que a moda não pegou. D. Henrique, porém, ficou sendo vassallo de Affonso VI, e empenhou-se em alargar os seus dominios, dando pancadaria nos mouros. Muito cedo deixou de ser sujeito a seu primo, e teve a sua capital em Guimarães, que por isso se chama o *berço da monarchia* Mas este D. Henrique parece que tinha bicho carpinteiro, foi á Palestina, como se não tivesse por cá mouros com fartura, e, quando o sogro morreu deixando o throno á cunhada D. Urraca, que já então era viuva, o bom do conde metteu-se em todos os barulhos que lá iam por Hespanha, para vêr se apanhava mais alguma cousa para si. Qual carapuça! não apanhou nada, e ia perdendo muito, porque os mouros, que se viram á larga, começaram a fazer-se finos, e já subiam por ahi acima, como quem estava com desejo de se espreguiçar o seu pedaço nos montes verdes de Coimbra.

No meio d'esta azáfama toda, morreu em 1114 o honrado conde deixando uma viuva muito frescalhota ainda, e um filho pequeno que teria os seus tres annos, e se chamava Affonso Henriques, que é o mesmo que se dissesse Affonso filho de Henrique, assim como Sanches queria dizer filho de Sancho, Fernandes filho de Fernando, e Martins filho de Martim.

— Ora essa! exclamou um que até ahi estivera silencioso, aqui estou eu que me chamo Antonio Martins e mais meu pae chamava-se José.

— Pois isto que eu digo, tornou João, era n'aquelle tempo, depois os nomes ficaram, mas já sem se lhes saber a significação, como acontece a muitas outras cousas.

A mãe de D. Affonso Henriques, uma mulher bonita e desembaraçada, continuou a andar por cercos e batalhas, a vêr se isto cá em Portugal ficava independente, e, emquanto ella assim procedeu, correu tudo bem; mas mulheres sempre são mulheres — não se zangue, tia Margarida — e D. Thereza lá teve o seu fatacaz por um conde gallego, Fernão Peres de Trava, que d'ahi a pouco era quem punha e dispunha em Portugal. Não agradava isso muito aos nossos fidalgos, e menos ao rapazelho, que era levadinho da bréca, esperto como um alho, valente como seu pae, e que fôra de mais a mais educado por um fidalgo ás direitas, um tal Egas Moniz, portuguez dos quatro costados. Já se vê que o aio não lhe ensinou a revoltar-se contra sua mãe, e até devo dizer que são verdadeiras patranhas muitas das cousas que a esse respeito se contam. Por exemplo, diz-se que o rapazote andava ás bulhas com a mãe, e que o rei de Leão, D. Affonso VII, viera em soccorro da tia contra o primo. Pêta! D. Affonso VII veiu a Portugal, é verdade, mas foi para obrigar a infanta-rai-

nha (assim lhe chamavam) e o filho e os fidalgos e todo o povo a reconhecer a sua suzerania. Apanhou o rapaz em Guimarães, cercou-o, e pôl-o deveras em talas. Egas Moniz foi ter com elle, e disse-lhe que se fôsse embora e que lhe empenhava a sua palavra que a sua suzerania seria reconhecida. Affonso VII assim o fez, e partiu d'alli contra D. Thereza, que essa reconheceu-o immediatamente por seu senhor e suzerano. Mas D. Affonso Henriques, livre do primo, pediu á mãe que fizesse favor de lhe dar o governo a elle, que sempre era mais portuguez que o conde de Trava. Este disse á rainha que não tivesse cuidado, que elle iria dar uma duzia de palmatoadas no pequeno. Foram boas as palmatoadas! Em S. Mamede, ao pé de Guimarães, e no anno de 1128, o conde gallego levou uma esfrega, e teve de se pôr a andar, levando comsigo D. Thereza. De forma que nem D. Affonso Henriques prendeu a mãe, nem fez cousa que se parecesse com isso. Quiz apenas governar, porque tinha o direito de o fazer, e porque os barões portuguezes estavam fartos de aturar o gallego. E a vassallagem que promettera a D. Affonso VII? Boa vae ella! Mesmo agora D. Affonso Henriques pozera fora o gallego para se sujeitar ao de Leão! Nem se pensou em tal. Mas Egas Moniz tinha dado a sua palavra, e não queria que um patife de um extrangeiro dissesse que havia portuguezes desleaes. Não contou nada ao seu

querido discipulo, e foi até dos primeiros a aconselhar que se mantivesse a independencia, mas agarrou em si, na mulher e nos filhos, e fôram todos de corda ao pescoço ter com o rei de Leão, e dizer-lhe: «Para resgatar a minha palavra, só tenho a minha cabeça e a dos meus! Ellas aqui estão!» O rei ficou assombrado d'este acto de lealdade e mandou-os embora com palavras de muito louvor.

— Homem! isso agora parece-me asneira! acudiu o Zé Caneira. Que diabo de culpa tinha elle que esse D. Affonso Henriques não fizesse o que promettera?

— Nenhuma, bem sei! mas elle é que ficára por fiador. Outro seria que dissesse: Eu quiz, mas não pude. Elle foi mais franco e disse: Não pude e não quiz. O interesse da nação oppunha-se a isso, mas a minha vida ha de resgatar a minha palavra, e não se fundará n'uma deslealdade a nova monarchia.

— Aquillo é que eram homens! murmurou o Manuel da Idanha.

— Espera que tu vaes vêr o que era um homem. Este D. Affonso Henriques digo-te que foi mesmo fadado para fundador de reino. Não parava um instante. No principio do governo, andou sempre á bulha com o primo, e com os gallegos, e tudo era ver se passava o Minho; mas um bello dia olhou para o sul, e percebeu que para alli é que havia muito que fazer. Os mouros começavam a dar signal de si, e

a romper de novo por alli acima. Em 1129, Affonso Henriques vae só n'uma galopada até ao Alemtejo, derrota os mouros em Ourique, e volta para casa. A respeito de Ourique tem havido mosquitos por cordas. Diz-se que appareceu Nosso Senhor a D. Affonso, que este foi alli acclamado rei pelos soldados, que aquillo foi uma batalha formidavel, etc. Eu cá não me metto n'essas cousas. Que Nosso Senhor Jesus Christo apparecesse crucificado a D. Affonso Henriques, é muito possivel, Deus pode fazer estes milagres, sempre que lhe aprouver, e milagre de Deus foi a nossa historia toda. Sem a ajuda de Nosso Senhor mal podia este pequeno povo fazer o que fez. Que a batalha fôsse muito importante, não me parece, pelo menos não teve consequencias; ficou tudo como d'antes, e o que se não pode dizer é que o quartel general fôsse em Abrantes, porque a Abrantes ainda nós não tinhamos chegado; que os soldados se lembrassem de acclamar D. Affonso Henriques rei n'esta occasião, tambem me parece historia. Sou capaz de apostar que rei já lhe chamavam desde muito, como chamavam rainha á mãe; depois, esse titulo de rei, que affirmava mais a nossa independencia, onde se deveria dar era n'uma batalha contra os leonezes, mas n'uma batalha contra os mouros, que tanto se importavam que Portugal fôsse independente, como que fôsse vassallo de Leão, a quem tanto convinha

que Affonso Henriques fôsse rei como que fosse conde, não se percebe. Diz-se tambem que foi nas côrtes de Lamego que o titulo se confirmou. Ora adeus! Côrtes com clero, nobreza e povo ainda cá se não faziam. E de mais, quem diz isso parece que imagina que n'aquelle tempo se passavam as cousas como agora, e que isto de fazer rei um conde soberano era negocio que se não podia praticar sem grandes cerimonias e ajuntamentos. Boas noites, meus amigos. Oiçam vocês o que succedia! Morria o rei de Leão, por exemplo, e dividia os estados pelos filhos, e aqui ficava sendo um rei da Galliza, o outro rei de Leão e o outro de Castella. E depois juntavam-se os estados, e já não havia reinos nem em Galliza, nem em Castella, depois tornavam-se a separar, e assim andavam, sem maior maçada. D. Affonso Henriques fizera-se independente, era o essencial, depois começaram a chamal-o rei, e rei se ficou chamando. O que elle fez, como era espertalhão, para garantir a conservação do reino, foi declarar-se vassallo do Papa, e mandar-lhe pagar um pequeno tributo, para que o pontifice lhe valesse. A manha não era má; n'aquelle tempo quem tinha por si a côrte de Roma tinha tudo.

Mas o caso não era chamar-se uma pessoa rei, era ter um reino que merecesse o nome, e esse Portugalsito, que vinha apenas do Minho até ao Mondego, para falar verdade, não parecia lá um grande

reino. E D. Affonso Henriques disse então com os seus botões: Toca a alargal-o! Ora o que faz um de vocês quando se vê com uma terreola para seu grangeio? Cospe nas mãos, agarra na enchada, começa a fossar o chão, e alli está desde pela manhã até á noite. D. Affonso Henriques fez o mesmo, cuspiu nas manapolas, arrancou do montante, e elle ahi vae para a faina em que andou desde pela manhã até á noite, quer dizer, desde que lhe apontou o buço até que a morte pregou com elle na sepultura. O montante era a sua enchada, rapazes, e, a cada enchadada, sahia do chão sarraceno agora Santarem, depois Lisboa. Ah! meus amigos, que vida! Aquillo era um lidar continuado! Elle casou com uma princeza de Saboya, a sr.ª D. Mafalda, mas estou em dizer que não fôram muitas as noites em que dormiu muito bem aconchegado com ella nos seus paços de Coimbra. Alta noite lá ia elle tomar Santarem, de surpresa, e outra vez constava-lhe que ia uma gente do norte fazer guerra aos mouros na Palestina, para defender contra elles o sepulcro de Christo, e D. Affonso Henriques ia logo á beira-mar ter com os homens, e pedir-lhes que descançassem aqui um pedaço, e que o ajudassem ao mesmo tempo na sua tarefa de todos os dias. Elles não se fizeram rogar, desembarcaram, e d'ahi a pouco estava Lisboa no poder dos nossos. Muitos d'elles por cá ficaram, porque D. Affonso Henriques deu-

lhes terras, e até ha por ahi povoações que ainda se chamam com os nomes d'elles, por exemplo Villa Franca, que é como quem diz villa dos Francos, etc.

— Então os de Villa Franca são extrangeiros? perguntou o Manuel da Idanha.

— Qual carapuça, homem! Tu não te lembras da minha comparação do caldo? Não é sal, nem agua, nem carne; mas tem carne, agua e sal. A carne eram os godos, a agua os lusitanos e os romanos o sal; pois tambem no caldo se deita ás vezes o seu raminho de hortelã ou de segurelha, que sempre lhe dá assim um sabor mais cousas, tal, etc., pois esses raminhos de segurelha e de hortelã foram os extrangeiros, que aqui vieram a Portugal e por cá se deixaram ficar. Vieram tambem contribuir para fazer o nosso bom caldo portuguez.

— É bem achado, sim senhor, observou a tia Margarida.

— Pois assim mesmo é que é. Ora já vocês vêem que o pobre do D. Affonso não podia estar muito tempo socegado. Hoje tomava Cintra, ámanhã Mafra, no outro dia Palmella, no outro Abrantes! Era um vivo demonio. Os mouros com elle andavam n'um sarilho. Por isso tambem tinham-lhe tomado um medo!... Falarem-lhes no Ibn-Errik, assim lhe chamavam elles na sua lingua, como quem diz *filho de Henrique*, falarem-lhes em Ibn-Errik, era o mesmo

que falarem-lhes no diabo. E que gente que elle tinha! homens como um Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador, que morreu combatendo, e mais andava já pelos noventa annos, e um que tomou Evora, Giraldo sem Pavor, e outro que tomou Beja, cada qual por sua conta e risco. Gente levadinha da bréca, isso é que é falar a verdade.

Mas, emfim, meus amigos, ainda que se diz «pedra movediça não cria bolor», sempre dá o caruncho n'uma pessoa, por mais que ella se mexa e trabalhe. D. Affonso envelheceu, mas antes d'isso já deitára um filho que era o seu retrato, valente como elle e homem de grande talento, D. Sancho, que foi depois rei. Podia morrer descançado D. Affonso Henriques, deixava a sua espada em boas mãos e a sua corôa em boa cabeça. E com essa consolação morreu em 1185 el-rei D. Affonso Henriques, depois de ter não só tornado o rei independente, mas de o ter alargado até o meio do Alemtejo, e principalmente de ter tomado Lisboa que era, como diz o outro, a menina dos olhos dos arabes, a cidade sem a qual não se podia fazer cá para estas bandas cousa que geito tivesse. Ah! meus amigos, se algum de vocês fôr alguma vez a Coimbra, e entrar na egreja de Santa Cruz, suba até á capella mór, e olhe para os dois tumulos que alli se vêem, pergunte qual é o de D. Affonso Henriques, e depois ajoelhe deante d'elle, porque, com seiscentos dia-

bos, se nós hoje não somos para ahi uns gallegos e uns andaluzes, se démos que falar no mundo, e praticámos cousas que fazem com que uma pessoa tenha orgulho de se chamar portuguez, é a elle que o devemos, pois que, como lá diz o outro, «de pequenino se torce o pepino», e este reino de Portugal era bem pequerrucho ainda, quando esse homem de ferro levou a sua vida inteira a costumal-o a fazer cousas grandes.

E o bom do João da Agualva limpou o suor, que lhe escorria pela testa com o enthusiasmo que o inflammava. Os seus companheiros escutavam-n'o silenciosos, e já não faziam interrupções nem observações. Estavam devéras interessados com a narrativa.

—Meus amigos, continuou o João da Agualva, no governo como na lavoura, ha tempo para tudo, agora cava-se e depois semeia-se. Primeiro compra-se a terra e depois é que se amanha. Pois assim foi em Portugal; D. Affonso Henriques ou D. Affonso I conquistára, D. Sancho tratou de povoar. Por isso a historia chamou *conquistador* ao primeiro e *povoador* ao segundo; e olhem que isso não quer dizer que D. Sancho não fôsse tambem um guerreiro de truz. Tó carocho! Já na vida do pae elle dera que falar. Apenas o pae morreu, começou elle a namorar uma terra do Algarve, que hoje está bem decahída, mas que n'esse tempo era, por assim dizer,

a Lisboa lá do sul — Silves. Não se lhe mettia dente, porém, com facilidade. Para ir lá por terra, era custoso como o demonio, para ir por mar, é de saber, meus rapazes, que o sr. D. Sancho I ainda não se lembrára de comprar nem a fragata *D. Fernando,* nem esse navio com que andam por ahi sempre os jornaes aos tombos, e a que uns chamam o *Pimpão* e os outros *Vasco da Gama.*

Uma gargalhada geral mostrou que os bons dos ouvintes tinham apanhado facilmente o chiste do jovial anachronismo do narrador.

— Mas, meus amigos, isto de Portugal ficar no caminho da Palestina para os christãos que vinham lá das terras do norte, foi uma verdadeira pechincha. Descançavam aqui e sempre havia por cá algum biquinho de obra. Foi o que succedeu tambem d'esta vez. D. Sancho apanhou uma frota de cruzados...

— Novos? perguntou o Zé.

— Novos eram elles, que não costumavam vir para a guerra os carecas como tu; mas é de saber que se chamavam cruzados aos christãos que tinham ido tirar o sepulcro de Christo das mãos dos infieis, e que depois o defendiam. D. Sancho apanhou pois uma frota de cruzados, e disse-lhes d'esta maneira:

«— Vocemecês é que me podiam fazer um favor.

«— Se estiver na nossa mão!...

«— Lá isso está. É simplesmente acompanhar-me

alli a baixo a Silves. e ajudar-me a intimar mandado de despejo aos mouros que lá estão dentro. Eu fico com a cidade, e os senhores levam as riquezas que se apanharem.

«—Vá de feição.

E foi. Tomou-se Silves, tanto mais que lhes ficava na estrada. e não tinham de torcer caminho. Mas D. Sancho não póde continuar com essas funçanatas. porque os mouros cá da peninsula, que começavam a estar assim esmorecidos, receberam de repente uns reforços da Moirama, e... não lhes digo nada, vieram outra vez por ahi acima que parecia que tornava a haver invasão. Foi uma torrente que levou tudo adeante de si. O Tejo tornou a ser a fronteira de Portugal, e apenas no Alemtejo uma terra ou outra surgia ainda, como uma ilha, com a bandeira portugueza, d'entre as ondas da mourisma. Então D. Sancho pensou que primeiro que tudo era necessario tratar do que era seu, e começou n'uma lida abençoada: elle mandou vir gente do norte da Europa para povoar os nossos campos desertos, elle edificou, elle fez castellos, elle cuidou emfim de tudo, e não se esqueceu tambem de mostrar aos bispos que tinha muita contemplação por elles, emquanto se limitavam ás suas rezas, mas que lhes não permittia metter o nariz assim de muito perto nos negocios do Estado. Afinal, este bom rei morreu, menos velho que o pae, em 1212. Tinha sido

casado com uma princeza chamada D. Dulce, filha do conde de Barcelona. De forma que aqui temos pois já duas rainhas de Portugal, D. Mafalda e D. Dulce.

O filho mais velho de D. Sancho, que veiu a ser rei depois d'elle, não se parecia muito, valha a verdade, nem com o pae, nem com o avô, mas olhem que nem por isso foi menos util cá ao nosso paiz. É o que eu digo. Cada qual tem a sua tarefa. Uns cavam, outros semeiam, outros põem fora os pardaes e arrancam o joio, que podem dar cabo da ceara. Foi esta a tarefa de D. Affonso II. Ora vêem perfeitamente que, se este Portugal tão pequeno se começasse a dividir, pedaço para aqui, pedaço para acolá, ia-se tudo quanto Martha fiou. D. Sancho, que tivera uma sucia de filhos, pensára mais em os deixar bem arranjados do que em assegurar a conservação do reino. Por isso no testamento era... umas mãos rôtas. Esta e aquella villa para o senhor infante fulano, esta e aquella cidade para sicrano, e terras para este, e terras para aquelle. D. Affonso II arrebitou a venta, e disse d'este modo: «Então vamos a saber, e eu com que fico?» E ahi começa á bulha com as irmãs e com os fidalgos. Andava tudo em polvorosa com elle. Os fidalgos, por exemplo, tinham recebido de D. Affonso e de D. Sancho esta ou aquella terra, mas iam-se fazendo finos, e por sua conta e risco iam apanhando mais alguma.

os frades então nunca chegavam á cabeceira de um moribundo que não apanhassem algumas terras de bom rendimento. Isto assim não pode ser, berrava D. Affonso II, ás duas por tres fico a olhar ao signal. E elle ahi vae por essas provincias fora, a obrigar os fidalgos a pôr para alli os titulos das suas propriedades, declarando que não valiam senão os que elle confirmasse, e foi a isso que se chamou *confirmação*. Ao mesmo tempo prohibia ás corporações religiosas que tivessem mais terras do que as que tinham. Quanto ao testamento de D. Sancho I, cumpriu só o que lhe parecia bom, e, como as irmãs refilassem, houve pancadaria a menos de real.

— Então, por esse andar, os mouros deviam ter vida folgada com elle? observou o Francisco Artilheiro.

— Lá isso é verdade, e tanto assim que, quando se tomou Alcacer do Sal, os cruzados, que nos ajudaram, e que nunca pozeram a vista em cima do soberano, imaginaram que era uma rainha que governava em Portugal; mas, meus amigos, olhem que o nosso paiz não lhe deve menos por isso. Se as infantas começam a puxar para um lado, os fidalgos a puxar para o outro, e ainda os frades a arrancar tambem as terras, n'um abrir e fechar d'olhos tinhamos para ahi vinte reinos, e adeus Portugal. Mas o gordanchudo do Affonso II, apesar de se

não importar para nada com os mouros, tinha cabellinho na venta; e por isso os fôrades fram prohibidos de ter mais terras, as infantas tiveram de pôr para alli as cidades que o pae lhes tinha deixado, porque D. Affonso II disse-lhes que a respeito de corôa em Portugal não havia senão uma, e finalmente os fidalgos tiveram de receber d'elle as terras mas por favor e mercê real. De forma que a 25 de março de 1223, quando morreu apenas com trinta e seis annos de edade, Portugal era pequeno, mas estava todo na mão do rei, o que já era grande façanha.

—E o filho foi pelo mesmo caminho, sr. João? perguntou o Manuel da Idanha.

—Ora, meu amigo, eu te vou dizer o que succedeu ao filho, e por aqui tu verás se o que eu acabo de dizer não é verdade, e se não ha na historia exemplos para tudo. O filho era creança, quando subiu ao throno, por conseguinte foi necessario haver regencia. Chamava-se Sancho o pequenote, Sancho II, por alcunha o *Capello*, porque em creança andára com um capuz de frade, lá por promessa da mãe, ou cousa assim. Quem ficou com o governo fôram os ministros do pae, e, ainda que eram homens de truz, sempre lhes faltava a auctoridade que tinha um rei. De forma que toda aquella nobreza e fradaria, quando se viu assim á sôlta, livre da mão de ferro de D. Affonso II, come-

çou a alvorotar-se, e os ministros, para os terem quietos, iam dando o que elles pediam. As infantas apanharam as cidades, os frades fôram juntando terras ás que já tinham, e parece que o rei andava umas vezes nas mãos de uns, outras vezes nas mãos de outros. Pouco se sabe d'aquelle tempo. Ia pelo reino todo uma confusão de seiscentos demonios. O que é certo é que, quando D. Sancho II chegou á maioridade, estava já tão costumado a não ser rei que não soube puxar pelos seus direitos. E não era que elle fôsse fraco! Pois não! pelo contrario! Era da raça do avô, não estava bem senão a cavallo e com os mouros de volta. Tomou uma boa parte do Alemtejo e do Algarve, mas fidalgos e frades esses faziam o que queriam e sobrava-lhes tempo. Vêem vocês? Para uma pessoa governar não basta ser um valentão. Ás vezes um porta-machado, com umas barbaças por ahi além, anda em bolandas nas mãos de um creançola; outras vezes uma fraca figura faz andar um regimento alli direitinho que nem um fuso. D. Affonso não queria nada com os mouros, o que não impedia de governar como um homem; para D. Sancho as batalhas eram o pão nosso de cada dia, e em Portugal todos governavam menos elle. Cousas da vida! Como os fidalgos faziam o que lhes dava na cabeça, e os frades tambem, e os bispos a mesma cousa, parecia que deviam estar todos muito satisfeitos. Mas não succedia assim. Os

bispos queixavam-se dos fidalgos, estes queixavam-se dos frades, e todos do rei, os frades porque não reprimia os bispos, os bispos porque não tinha mão nos fidalgos, os fidalgos porque não puxava as orelhas ao clero. Quando elle saltava nos mouros, ainda as cousas não corriam mal. A fidalguia gostava d'aquillo, iam todos atraz do rei, e não se pensava em mais nada. Mas, quando uma hespanholita, chamada D. Mecia Lopes de Haro, cahiu em graça ao rei, que casou com ella, e que passou os dias a namorar os olhos pretos da rainha, foi tudo pela agua abaixo. A desordem excedeu todos os limites, e os bispos fôram ter com o Papa afim de lhe pedirem que tirasse a corôa a D. Sancho II. O Papa, que era Innocencio IV, pulou de contente com o pedido. Era o mesmo que virem-lhe dizer que era elle quem dava e tirava as corôas n'este mundo, e que vinha a ser portanto o rei dos reis. Estava em França n'esse tempo um irmão de D. Sancho II, chamado D. Affonso, que sahira de Portugal para ir correr terras, encontrara em França uma condessa de Bolonha, viuva, e já durazia, ao que parece, que gostou d'elle e com elle casou, levando-lhe o condado em dote. Ora o tal condado era uma especie de reino, sujeito ao rei de França, que n'esse tempo era o rei santo que elles tiveram, a saber S. Luiz.

—S. Luiz rei de França, interrompeu a Marga-

rida, é uma egreja que fica alli para as bandas do Rocio.

—Pois é uma egreja e foi um rei, tia Margarida, respondeu o João da Agualva, como Santa Isabel é uma egreja que fica alli para as bandas da Estrella, o que a não impediu de ser tambem uma rainha e rainha de Portugal.

—Isso é verdade! confirmou a tia Margarida.

—Pois então, como lhes ia dizendo, reinava S. Luiz em França, e D. Affonso, seu vassallo, por ser conde de Bolonha, fôra com elle á guerra, e dera provas de ser homem desembaraçado. Lembraram-se d'elle para rei, e D. Affonso, que era ambicioso, acceitou. Os bispos e os fidalgos disseram comsigo que um rei feito por elles havia de ser um creado que tivessem alli no throno, e o Papa entendeu tambem que aquillo era «senhor mandar, preto obedecer». Combinou-se tudo. D. Affonso prometteu quanto quizeram, e ahi vae elle caminho de Portugal, fingindo que ia para a Terra Santa. Desembarca e principia a guerra civil. Tambem se não sabe muito do modo como as cousas se passaram. Parece que foi uma guerra levada do diabo como são sempre as guerras civís, queimaram-se villas e cidades, arrasaram-se muitas searas, ficou muita gente na miseria, e o pobre D. Sancho viu-se abandonado por todos, dizem até que pela mulher que fôra, a final de contas, o motivo de todas aquellas cou-

sas. Houve só um ou outro que se lhe mostrou fiel. D. Sancho teve de sahir do nosso paiz, e foi para Hespanha, onde morreu em Toledo apenas com trinta e sete annos.

—Pobre do homem! acudiu compassiva a tia Margarida. Então que mal tinha elle feito áquella gente toda?

—Era um rei fraco, e, como se costuma dizer, não era nem para si nem para os outros. Até a mulher não fez caso d'elle, porque as mulheres são assim: em estando uma pessoa embasbacada a olhar para ellas, não fazem caso nenhum, e ás vezes de quem gostam é de quem lhes chega um *calor* ao corpo, como o outro que diz.

—Vae-te, excommungado, bradou indignada a tia Margarida. Se um homem me batesse, eu até parece que era capaz de lhe arrancar os olhos.

—Pois sim, tia Margarida! não digo menos d'isso. Mas a rainha D. Mecia não era do mesmo parecer, e pagou bem as pieguices de D. Sancho!... Só de dois fidalgos se conta que se mostraram fieis ao desgraçado rei. Um foi o alcaide de Celorico, que até dizem que fez uma partida com graça. Estava-o cercando D. Affonso, e elle já não tinha nem uma migalha de pão, n'isto passa uma aguia por cima da praça com uma truta no bico, e deixa-a cahir dentro da villa. O alcaide, em vez de a comer, manda-a cozinhar muito bem, e envia-a de presente aos cercado-

res. D. Affonso, vendo que na praça havia petiscos d'aquelles, entendeu de si para si que estava perdendo o tempo e o feitio, e foi-se embora. Pode ser que isto seja patranha, mas o que é verdadeiro, sem tirar nem pôr, é o caso de Martim de Freitas. Esse era alcaide de Coimbra, foi cercado tambem, não se rendeu. Disseram-lhe que já D. Sancho morrera, e que por conseguinte era D. Affonso o seu natural successor. Não acreditou. Affirmaram-lhe que morrera em Toledo. Pediu para ir vêr. Deram-lhe um salvo conducto, e Martim de Freitas, mettendo na algibeira as chaves de Coimbra, foi de passeio até Toledo. Mostraram-lhe o tumulo do rei, mandou-o abrir; mostraram-lhe o caixão, quiz vêr o corpo; e ao vêr emfim o pobre cadaver do seu rei, que assim morrera aos trinta e sete annos, longe da sua terra e longe dos seus, ajoelhou e poz as chaves da cidade nas mãos do rei que lh'as entregára; depois, tirou-as d'essas mãos já frias que as não podiam segurar, e partiu para Coimbra, entregando-as ao novo rei, que louvou muito a acção.

— E tinha razão para isso, tornou a tia Margarida, que estava sendo agora a interruptora, mas com o tal rei novo é que eu não engraço nada. Olhem que irmão! Sempre tinha uns figados!

— Não era muito boa rez, não, tia Margarida, mas então n'este mundo não são só as boas pessoas que servem. Que D. Affonso se importava tan-

to com a familia, como eu me importo com a familia do imperador da China, é o que não tem questão, mas que foi um grande rei, isso tambem é verdade.

— Era fresco o tal rei, que assim fazia guerra ao seu irmão sem mais nem menos!

— Ha mais exemplos d'isso, tia Margarida, e não vão elles tão longe que uma pessoa se não possa lembrar. Mas olhe que não param ahi as maldades de D. Affonso. Tambem não fez caso da mulher, a tal condessa de Bolonha, que nunca foi capaz de pôr pé em Portugal, e casou, em vida d'ella, com uma filha do rei de Hespanha.

— E ainda você o gaba, sr. João? perguntou a tia Margarida. Sabe o que eu lhe digo? Parece-me que você é tão bom como elle!

— Olhe, tia Margarida, não me rogue você nunca outra praga, que lá com essa não me hei de eu dar mal. O que lhe disse é que o sr. D. Affonso III foi um dos reis que fizeram mais bem ao pobre povo, e sabe vocemecê porque? Porque era homem de cabeça, e o que succedera com elle não tinha cahído em cesto rôto. Elle disse comsigo: Estes patifes d'estes fidalgos e d'estes bispos são capazes de me fazer a mim o mesmo que fizeram a meu irmão. Ora, eu sósinho não posso com elles. A quem me hei de encostar? Olhou em tôrno de si e viu o povo, o povo em quem ninguem falava, e que era a final de contas quem pagava

as custas dos barulhos entre os grandes, o povo que pagava tributos a toda a gente, e que mesmo quando vivia em seus concelhos governando-se pelos seus foraes, que eram por assim dizer as suas leis, mesmo então era ralado pela fidalguia. E Affonso III disse comsigo: Ora ahi está quem me serve. E desata a fazer concelhos, e quando reuniu côrtes que até ahi eram só de fidalgos e de padres, chamou tambem procuradores do povo, e favoreceu o mais que pôde o seu negocio, e deu-lhes socego e cousas e tal, de forma que depois pôde dar para baixo nos prelados, que berravam pelos contratos que tinha diabo, mas D. Affonso III, que era finorio, abanou-lhes as orelhas. É que os Papas tinham deposto não só o rei D. Sancho II, mas tambem um imperador da Allemanha, de modo que aos chefes dos estados já ia cheirando a chamusco, e principiaram a fazer parede contra o Papa. Assim os bispos, que levavam tapona de D. Affonso III, iam a Roma fazer queixas ao Papa, e o Papa naturalmente respondia-lhes contando-lhes uma fabula que lhes vou contar a vocês tambem.

—Conte lá, sr. João da Agualva, exclamou o Manuel da Idanha, ainda que eu, a dizer a verdade, não sei lá muito bem o que venha a ser isso de *fava* ou *fabula* ou o que é.

—Fabula é assim uma historia em que os animaes falam como se fôssem gente, e pelo que elles dizem tira a gente... sim... é como diz o outro

pelos domingos se tiram os dias santos... Eu lá, n'estas explicações, não se pode dizer que seja um barra, mas, em eu contando o caso, logo vocês percebem.

—É isso mesmo, tio João, conte lá, disse o Bartholomeu.

—Uma vez as rãs fôram ter com Deus Nosso Senhor e pediram-lhe um rei, e Deus Nosso Senhor, que estava de maré, não quiz abusar das pobresinhas, e atirou-lhes para o charco com um cepo; mas o cepo não fazia nada, andava á tôna da agua, para aqui e para acolá, as rãs não lhe tinham respeito nenhum, e saltavam n'elle, qual de baixo qual de cima, e o cepo sempre um paz d'alma, que tanto valia terem rei como não o terem. Vae então as rãs voltaram a Deus Nosso Senhor, e disseram-lhe d'esta maneira: Dê-nos Vossa Divindade um rei que se veja, um rei que nos governe.—Pois então ahi vae um rei como vocês querem, respondeu Nosso Senhor, e atirou-lhes para o charco uma serpente, e a serpente, a primeira cousa que fez, foi engulir as primeiras vassallas que lhe pareceram mais gordas, e depois outras e outras, de forma que as pobres rãs já se não atreviam nem sequer a coaxar para que sua majestade não désse com ellas. Percebem vocês agora porque é que o Papa podia contar esta historia aos bispos que iam ter com elle?

—Percebo eu, acudiu logo o Manuel da Idanha.

É que elles não descançaram emquanto não pozeram fora um rei que era um paz d'alma, um cepo, o D. Sancho II, e foram buscar outro rei que era uma serpente e que deu cabo d'elles que foi um regalo.

—Ora, tal qual, sô Manel. Com gente assim é que eu me entendo. D. Affonso III bem se pode dizer que era uma serpente, porque as serpentes são manhosas, e elle tinha manha a valer. Mostrou-a em tudo, até no modo como se assenhoreou do Algarve, que era só o que faltava para Portugal chegar ao mar pelo lado do sul. Tomou-o aos mouros, e isso foi obra de pouco tempo; mas o rei de Castella começou a berrar que o Algarve lhe devia pertencer a elle. D. Affonso III nunca lhe disse o contrario, mas foi arrastando a entrega, e depois aproveitando tudo, de forma que ás duas por tres estava senhor do Algarve, e, quando D. Affonso III morreu, que foi a 16 de fevereiro de 1279, estava Portugal completo e seguro, e, visto que chegámos ao fim d'esta primeira parte, parece-me que o melhor é irmos dormir, que para o outro domingo continuaremos.

—Mas ó sô João, disse o Manel da Idanha, já agora, faça favor, não deixe ir a gente embora, sem nos explicar uma cousa. Vocemecê diz que o rei, para esmurrar as ventas aos bispos mais aos fidalgos, começou a fazer concelhos por dá cá aquella palha, e lá

isso é que eu não percebo muito bem. Então que diabo tinham os fidalgos com o haver ou não haver concelhos?

— Pois tem razão, sô Manel da Idanha, e bom é que essas cousas fiquem explicadas, porque a mim parece-me cá no meu modo de vêr que o que nos importa a nós, que somos do povo, não é tanto saber as batalhas que se deram, e mais os reis que houve: o que nos importa é saber como é que viviam nossos paes, e como se governavam e cousas e tal. Ora pois, saibam vocês que muitos dos nossos paes eram a bem dizer escravos, não como os do tempo dos romanos que podiam ser vendidos como uns negros, mas faziam parte das terras que cultivavam, e, como ellas passavam de dono para dono. Isto foi melhorando, e os servos passaram a ser gente livre, mas sem ter terras suas; pagavam foros e foros pesados, os senhores das terras eram os reis, os nobres, os bispos e os mosteiros. As terras dos reis chamavam-se *terras da corôa*, as dos fidalgos e as da Egreja *coutos, honras e behetrias* Ora os fidalgos, que só tinham obrigação de servir o rei na guerra e não pagavam mais nada, ou por herança de seus paes, ou por doações dos reis em recompensa dos seus serviços, iam mettendo em si o paiz todo, já se vê de embrulhada com os padres; e os reis pouco tinham de seu, porque, de mais a mais fidalgos, bispos e conventos apanhavam tudo quan-

to podiam, o se que lhes dava e o que se lhes não dava. Por isso D. Affonso fez as taes *inquirições*, quer dizer, obrigou todos a pôrem para alli os seus titulos, para se saber se tinham as terras com direito ou sem elle, estabeleceu mais as famosas confirmações que punham a fidalguia sempre na dependencia da corôa, porque cada novo rei confirmava ou não confirmava as doações dos outros, e finalmente prohibiu aos conventos que arranjassem mais terras. E vae o povo o que fazia? Sempre que se podia livrar dos fidalgos e dos padres por qualquer modo e feitio, formava-se um concelho. Então continuavam a pagar tributo, e serviam nas guerras, mas não estavam sujeitos a ninguem, governavam-se elles por si, e tinham as terras muito suas. Ora, como os reis é que os podiam ajudar a vêr-se livres da fidalguia, chegavam-se para elles, e os reis, que tinham nos concelhos gente que tambem ia á guerra e que lhes pagava tributos, encostavam-se para esse lado, para terem quem lhes valesse quando os barões ou os bispos se faziam finos. Aqui tens tu explicado pela rama como cada concelho, que se formava, era ao mesmo tempo um asylo de liberdade para o povo e um auxiliar para o rei contra as ameaças dos fidalgos.

— Muito obrigado, só João da Agualva, tornou o Manel; mas sempre lhe digo que quem não sabe é como quem não vê. Ora quem me *havera* de dizer que

essa historia de ter uma terra, um pelourinho no meio da praça, era de tanta vantagem cá para o povo! Pois até domingo, e tomára eu que passasse depressa a semana porque divertimentos como este é que ha muito tempo a gente não apanha.

QUARTO SERÃO

D. Diniz.—A universidade de Coimbra —Os Templarios.—Santa Isabel.—D. Affonso IV.—A batalha do Salado.—Morte de D. Ignez de Castro.—D. Pedro I.—D. Fernando I.—Leonor Telles. Estado de Portugal no fim do reinado de D. Fernando.

—Meus amigos, principiou o João da Agualva, corriam os annos, e lá por esse mundo de Christo iam todos abrindo os olhos. Os romanos, como lhes disse, eram um povo que sabia o nome aos bois. Elles faziam estradas, elles faziam edificios que ainda hoje, arruinados, deixam ficar uma pessoa embasbacada, elles tinham escholas, o diabo! Mas depois, vieram os barbaros dos bosques da Allemanha e da Russia, e zas, tras, catatrás, lá se foi tudo pela agua abaixo. Por muito tempo não se pensou senão em pancadaria. Tudo era gente rude, os reis não sabiam ler nem escrever, os povos falavam uma lingua assaralhopada que nem era latina, nem deixava de o ser. Mas a pouco e pouco fôram-se aclarando as

cousas, foi havendo estudos, e D. Diniz, que subiu ao throno, depois da morte de D. Affonso III, era já um sabichão. Elle fazia os seus versos de pé quebrado, que a gente hoje quasi que não entende, mas que eram já escriptos n'uma lingua com termos, elle emfim viu que havia escholas por esse mundo onde se ensinava tudo o que então se sabia, e quiz tambem ter uma que foi a universidade de Coimbra. Depois tratou de fazer do reino alguma cousa com geito. Já não tinha que pensar em mouros, e então pensou na lavoura, pensou na marinha, pensou em tudo o diabo do homem! Mandou vir capitães de navios, de Italia, para ensinarem os nossos, e ajudou os navegantes do Porto, que sempre foram gente desembaraçada, a crear uma especie de companhia de seguros, e não se descuidou tambem de dar para baixo na nobreza e nos padres para elles se não fazerem finos, e dava-lhes de modo que elles não tinham razão de queixa, porque era sempre com justiça. Ora, por exemplo, d'antes havia uma especie de frades que se chamavam freires militares, que eram, como quem diz, frades e soldados ao mesmo tempo. Em vez de fazerem voto de rezar e de jejuar, faziam voto mas era de dar bordoada nos mouros. Havia umas poucas de ordens n'esse gôsto, a ordem dos Templarios, a de Sant'Iago, a de Aviz e outras. Ora, como é de vêr, esses templarios, por exemplo, que se fartavam de tomar terras aos mou-

ros, com algumas haviam de ficar para si. E depois tinham doações, emfim eram ricos a valer. O que acontecia por cá, tambem acontecia lá por fora. Succedeu, pois, que um rei de França e um Papa acharam excellente apanhar para si essas riquezas todas, e acabaram com a ordem dos Templarios em toda a parte; mas D. Diniz, que era um homem serio, não esteve pelos ajustes, e entendeu que seria um roubo tirar aos homens o que elles tinham ganho á custa do seu sangue, e então, como não havia de desobedecer ao Papa, aboliu a ordem dos Templarios, mas passou todos os bens para outra que pediu ao Papa que creasse e a que chamou ordem de Christo.

— Ó sr. João, perguntou o Francisco Artilheiro, esse D. Diniz não era marido da rainha Santa Isabel?

— Era sim, rapaz, e já vou falar n'essa rainha, que foi tambem uma das bençãos de Portugal n'esse tempo. Era filha do rei de Aragão, e bem se pode dizer que aquella é que foi uma verdadeira santa. Pobre senhora! Não lhe faltaram desgôstos, não. Primeiro houve grande bulha entre o marido e um cunhado, D. Affonso Sanches, que embirrou em que lhe pertencia a corôa, apesar de ser mais novo; depois e isso foi o peor, o filho, que veiu a ser D. Affonso IV, revoltou-se contra o pae, e porque? Porque el-rei D. Diniz, que era frécheiro, e que se fartou de

ter filhos bastardos, parecia que olhava mais por elles do que pelos proprios filhos do matrimonio. Imaginem o desgôsto da rainha! Primeiro porque emfim não havia de gostar muito de vêr o marido sempre ao laré com esta e com aquella a arranjar filhos por fora de casa, e depois por vêr assim a guerra accesa entre seu marido e seu filho. E ainda por cima o rei desconfiou que ella ia de accôrdo com o filho, e chegou até a tratal-a mal, e a mandal-a sahir da côrte. Pobre senhora! aquillo era o que alli estava. Ella tudo supportou com resignação — as infidelidades e as injustiças do marido, só o que queria vêr era tudo em paz. E sempre o conseguiu. Tanto pediu, tanto chorou, que o filho e o pae vieram ás boas. Mas d'ahi a pouco torna a haver intrigas, e o D. Affonso, que era um vivo demonio, torna á pancadaria com o pae. Pois senhores, a batalha estava para ser aqui ao pé de Lisboa, no Campo Grande: mas quando já começavam á lambada, apparece no meio d'elles a boa rainha, que foi mesmo o anjo da paz, e depois que ella appareceu ninguem mais se atreveu a levantar uma lança. Oh! rapazes! digo-lhes que até me parece que não era necessario que o Papa a fizesse santa para que o povo a adorasse! Pois então se aquella não fôsse santa quem é que o havia de ser? Dizem que mudava o ouro em rosas, e rosas em ouro. Isso creio eu, que aquellas bentas mãos haviam de mu-

dar em flôres tudo em que tocassem, porque eram, como o outro que diz, mãos puras e boas, como a aragem de maio! Mas milagres maiores fazia ella ainda, porque as lagrimas que chorava em segredo cahiam depois sobre a cabeça do pae e do filho como orvalho de paz e como chuva de amor! Sim! Sim! continuou o bom do João da Agualva, com voz trémula, e meio a chorar, digam lá vocês que ella não mudava tudo em que tocava em rosas, quando agora mesmo, que diabo! só de falar n'ella, parece que até as palavras da minha bôcca se estão mudando em flôres!

— Ai! a minha rica Santa Isabel! exclamou a tia Margarida, pondo as mãos, n'um enlêvo. Coitadinha da minha rica santa que foi logo casada com um homem tão mau!

— Não era mau, não senhora, tornou o João da Agualva, foi até um dos melhores reis que nós tivemos, mas, como elle ás vezes lá escorregava o seu pedaço, e nem sempre tratou a santa como ella merecia ser tratada, bastou isso para que o povo começasse a inventar cousas, que elle que era um sovina, um desconfiado, um unhas de fome, e até os pintores, quando fazem o quadro do milagre das rosas, põem-n'o com uma carantonha de metter medo, que ninguem dirá que está alli o rei poeta, o rei a quem chamavam o pae do povo, o rei que não quiz roubar os templarios, o rei que fundou a universi-

dade de Coimbra, o rei que tanto se desvelou pelo bem do paiz! É que as injustiças, por mais pequenas que sejam, sempre vem a pagar-se, e D. Diniz, esses peccados que teve, pagou-os bem caro, primeiro com a revolta de seu filho, depois com a injustiça do futuro, e agora vão vocês vêr como o filho tambem pagou o que fizera ao pae, porque em 1325 morreu el-rei D. Diniz e subiu ao throno seu filho D. Affonso IV, a quem chamaram o Bravo.

— Ora vamos lá a vêr o que fez esse senhor, disse uma voz.

— D. Affonso IV, meus amigos, tinha muito boas qualidades. Era, por exemplo, um homem de muito bons costumes, e foi isso até que o levou a praticar uma acção... emfim, depois falaremos. Era homem sério, mas arrebatado e vingativo. A primeira cousa que fez, assim que subiu ao throno, foi vingar-se dos irmãos, por cuja causa tivera as bulhas com o pae. D'ahi guerra. Quem acudiu? A rainha Santa Isabel.

Casou uma filha com Affonso XI, rei de Castella. Este, que era de feitio do D. Diniz, começou a largar a mulher e a metter-se com uma tal D. Leonor de Gusman. D. Affonso IV, que ficára embirrando devéras com esses arranjos depois das turras com o pae, começou a criar má vontade ao genro, e zas, toma que te dou eu, ao primeiro pretexto que teve, ahi começam as bulhas. Foi uma guerra de cá

cá ra cá, que não prestou para nada, mas que sempre fazia mal ao povo. No mais seguiu á risca o exemplo do pae. Tratou do povo, teve os fidalgos muito na mão, mais os padres tambem. E então com esses não foi lá só por causa das terras a que deitavam a unha, foi tambem por causa dos maus costumes, porque elles gostavam de passar vida airada e outras cousas que D. Affonso IV lhes não levou a bem. Por isso apanharam uma vez uma rabecada, n'uma carta que D. Affonso escreveu ao Papa, que foi de ficarem de cara a uma banda.

— Bem feito! acudiu a tia Margarida. Esse rei sim! esse é que me quadra. Bem se vê que era filho da rainha Santa Isabel!

— Espere lá, tia Margarida, não fale antes de tempo que, como diz o outro, até ao lavar dos cestos é vindima. Houve no reinado de D. Affonso IV duas cousas famosas: primeiro a batalha do Salado, depois a morte de D. Ignez de Castro.

— Foi com os hespauhoes a batalha do Salado?

— Não homem, foi dada até para os ajudar. Já lhes disse, meus amigos, que nós desde o reinado de D. Affonso III tinhamos posto os mouros na rua. Mas os hespanhoes ainda não tinham conseguido o mesmo, os mouros estavam reduzidos apenas ao reino de Granada, mas sempre isso era alguma cousa. Ora agora alli em Marrocos estava, como sabem, a moirama toda. Imaginem que um bello dia o tal mira-

molim de Marrocos, ou como diabo se chamava elle, desaba em Hespanha com o poder do mundo, e junta-se ao rei de Granada para darem cabo do rei de Castella. Era este D. Affonso XI, genro do nosso D. Affonso IV. Aterrado com o perigo, pediu soccorro ao sogro, apesar de estar mal com elle; mas o nosso rei, homem ajuizado, viu que a occasião não era para dize tu direi eu, que não era só Castella que estava em perigo, estava em perigo a Hespanha toda; se Affonso XI levasse uma tareia e perdesse algumas provincias, ficavam aqui os mouros de raiz, e tinha de se começar outra vez a pôl-os fora Por isso não esperou por mais nada, ajuntou quanta gente pôde, e foi em soccorro do genro. O nosso rei era homem de pulso, os nossos soldados tambem eram pimpões. O soccorro não foi nada mau. Na batalha do Salado os mouros levaram uma sova de primeira ordem, e nunca mais os de Marrocos vieram cá metter o nariz d'este lado do mar. D. Affonso IV voltou para a sua terra sem ter querido acceitar cousa nenhuma da grande prêsa que fizeram.

— E isso de D. Ignez de Castro o que foi, ó sr. João da Agualva? perguntou a tia Margarida. Não foi essa Ignez de Castro que esteve aqui em Bellas, que até alli na quinta do marquez ha uma arvore a que chamam de Ignez de Castro?

— Ora adeus, tia Margarida! esteve agora em

Bellas! quer dizer, eu, como não andei com ella por toda a parte, não sei se por cá passaria alguma vez, mas onde viveu principalmente foi em Coimbra. Era uma hespanhola esta Ignez de Castro, linda como os amores, loura como o sol, e com um pescoço tão bonito, que lhe chamavam o *collo de garça*. Veiu para Portugal como dama da infanta D. Constança que foi mulher do principe D. Pedro, filho de D. Affonso IV, mas o principe parece que gostou mais da dama que da mulher. Tristes amores fôram aquelles, rapazes! Ella tinha pelo seu Pedro um facataz lá de dentro, que estou em dizer que mais gostaria ella de que elle fôsse um pastor de cabras do que filho de um rei. A princeza D. Constança morreu, e para isso não deixaria de concorrer a paixão do marido, que, por mais que elle a quizesse esconder, rebentava por todos os lados. Coitada da princeza! tudo fez para arredar o marido d'aquelles mal-aventurados amores. Mas então! vão lá fugir ao seu destino! Pediu a Ignez de Castro que fôsse madrinha de um filho que ella teve, porque n'esse tempo haver amores entre compadres e comadre quasi que era maior peccado que havel-os entre irmãos. Nada! aquillo era como um fogo valente que tanto mais se accende quanto mais agua lhe deitam. Emfim, morreu a princeza, e D. Pedro e D. Ignez ficaram á vontade, porque até ahi tinham guardado respeito á pobre senhora. Casa-

riam? D. Pedro assim o jurou depois, mas eu estou em dizer que não, porque para casarem era necessaria dispensa graúda, que o Papa não daria assim sem mais nem menos e com tanto segredo como o principe quereria. Mas, ou casassem ou não, é certo que tiveram tres filhos, e que o principe D. Pedro não queria saber de mais nada senão da sua loura Ignez.

D. Affonso IV não viu isso com bons olhos. Sabem como elle era. Vivia só para sua mulher, queria tudo em boa ordem, e não gostava d'essas fraquezas. Os fidalgos tambem não gostavam, mas esses por outras razões. Tinha D. Ignez muita parentella, e diziam comsigo que, apenas D. Affonso IV fechasse os olhos, eram os Castros que davam as cartas em Portugal. Começaram a ferver as intrigas, e chegaram a aconselhar o rei que, visto que não havia fôrças humanas que arrancassem D. Pedro á sua Ignez, o melhor era darem cabo d'ella. D. Affonso IV torceu o nariz, mas lá por dentro estava em braza. Ora, imaginem vocês! D. Affonso, no principio da sua vida, tivera os maiores desgôstos por causa dos bastardos de seu pae. Tambem o tinham feito de fel e vinagre os amores de seu genro com D. Leonor de Gusman, morria pelo neto, um rapazinho bonito como a aurora, que tinha de ser depois D. Fernando o Formoso. Lembrou-se das amarguras que viriam a causar ao rapazito os filhos da amante

querida, que talvez até lhe roubassem a corôa. Subiu-lhe a mostarda ao nariz com a teima do filho, e deu ordem aos seus tres conselheiros. Alvaro Gonçalves, Diogo Lopes Pacheco e Pedro Coelho para que o livrassem de D. Ignez. Ahi vão todos até Coimbra, onde estava muito socegada a triste da rapariga. Ella, apenas suspeitou do caso, veiu com os filhos lançar-se aos pés do rei. O pobre D. Affonso enterneceu-se, mas os conselheiros é que viram o caso mal parado. «Se elle perdôa, disseram comsigo, nós é que pagamos as favas.» Não esperaram que D. Affonso resolvesse as cousas de outro modo. Fôram-se á pequena, e, emquanto o diabo esfrega um ôlho, ferraram com ella no outro mundo!

— Ai que malvados! bradaram todos.

— Isso eram, tornou o João da Agualva. Sim! que eu não desculpo D. Pedro, nem a desculpo a ella. Se uma mulher, só porque gosta de um homem, não está lá com mais cerimonias e passa a viver com elle, sem a benção do padre, aonde irá isto parar? mas tambem matal-a sem mais nem menos, matal-a no meio de seus filhos, matar uma pobre menina, que não fazia senão chorar, ah! só uns malvados eram capazes de fazer semelhante cousa. Por isso tambem, vêem vocês? D. Affonso foi um bom rei, um homem de bons costumes, um valente, tudo quanto quizerem, mas a final de contas perguntem ahi a um pequeno: — Quem era D. Affonso IV?

Cuidam que elle que lhes responde: Era um bom rei, isto, aquillo e aquell'outro. Não, senhores, diz logo: Foi o rei que matou Ignez de Castro. E como assassino é que a gente o conhece, e no seu manto real não se vê o sangue das batalhas, vê-se mas é o sangue de Ignez! E esta? se a não matassem, o que diria a historia? Foi a amante de um rei. Olhem que gloria! E assim? Todos choram por ella, como a tia Margarida, que está alli a limpar os olhos com a ponta do avental.

—E o que fez D. Pedro? perguntou o Manuel da Idanha.

—O que fez D. Pedro? Ah! com os diabos! Imaginem! Elle ainda tinha peor genio que o pae. Apenas soube do que succedera, aquillo parecia um leão ferido. Saltou logo para o campo em som de guerra, e D. Affonso pagou o que fizera ao pae, porque teve tambem o filho revoltado contra si. Correu muito sangue por esse reino, até que emfim se fez a paz, mas D. Affonso IV pouco tempo sobreviveu, morreu em 1359, dois annos depois da morte de Ignez.

—Subiu ao throno D. Pedro, não é verdade? perguntou com muito interesse o Manuel da Idanha.

—É verdade que sim, e, meus amigos, então é que se viu o amor lá de dentro que elle tinha á sua Ignez. Apenas subiu ao throno, os assassinos da

Castro safaram-se para Hespanha, mas D. Pedro lá fez o seu negocio com o rei de Castella, de forma que apanhou os criminosos, menos um, Diogo Lopes, que conseguiu fugir. Assim que os teve em seu poder, fez-lhes torturas. A um mandou arrancar o coração pelo peito e a outro pelas costas.

—Credo! exclamou a tia Margarida.

—Por isso lhe chamavam D. Pedro o Cruel, assim como tambem lhe deram o nome de D. Pedro o Justiceiro. Justiça fez elle, porque bradava aos céos a morte de D. Ignez, mas uma crueldade assim é de se pôrem a uma pessoa os cabellos em pé! Que mais querem? D. Pedro parece que não pensava n'outra cousa senão na sua Ignez, elle trasladou-a com um estadão nunca visto, de Coimbra para Alcobaça, onde lhe mandára fazer um tumulo que era mesmo uma lindeza. Elle declarou que tinha casado com ella, e até se diz que a sentou, depois de morta, no throno, e mandou que todos lhe beijassem a mão. Mas isso parece-me patranha, ainda que D. Pedro era capaz d'essas extravagancias e de muitas mais. Porque effectivamente, meus amigos, parece que elle tinha endoidecido com a morte de D. Ignez. Tinha assim de repente umas furias que era livrar quem estivesse deante. Era justiceiro, é verdade, mas fazia justiça á doida e á bruta. Outras vezes entrava por essa Lisboa dentro a dansar, muito contente da sua vida. Governava bem, não ha

duvida, punia pelo povo, abaixava a prôa aos bispos, conservava o reino em paz, e juntava bom dinheiro nos cofres para uma occasião de apuros, mas era ao mesmo tempo umas mãos rôtas com os fidalgos, que tornaram a fazer-se finos como se viu depois.

Foi em 1367 que D. Pedro morreu, e logo subiu ao throno D. Fernando, a quem chamavam o Formoso, de bonito que era. Lá que elle tinha telha, isso é que não padece duvida, porque nunca se viu uma ventoinha assim. Aquillo era mesmo um gallo de torre de egreja. Primeiro deu-lhe na tonta o querer ser rei de Castella, de mais a mais não tendo geito nenhum para a guerra, e não gostando de batalhas. D'ahi o que resultou? Gastou o que tinha, levou pásada de crear bicho, e teve de fazer as pazes. Mas vejam vocês que cabecinha! Quando fez a guerra a Castella, alliou-se com o Aragão, mandou-lhe para lá bom dinheiro, e prometteu casar com a filha do rei, que se chamava D. Leonor. Fez as pazes com o de Castella, e, sem se lembrar já do primeiro casamento, promette casar com a filha do rei castelhano, que tambem se chamava Leonor. O de Aragão não fez caso, metteu o dinheiro portuguez, que lá tinha, nas algibeiras, e nunca mais deu contas. Mas o peor não é isso, o peor é que D. Fernando tambem não casou com D. Leonor de Castella, porque n'este meio tempo namorou-se de uma dama do

paço, chamada D. Leonor Telles, e desposou-a! Ao menos n'uma cousa era elle constante, é que não sahia das Leonores.

Esta Leonor Telles foi o que se chama uma mulher de truz, bonita como as que o são, manhosa como a serpente, e dando, como a nossa mãe Eva, o cavaquinho pelo fructo prohibido. Quando casou com D. Fernando já era casada com um D. João Lourenço da Cunha, mas lembrou-se á ultima hora de que ainda eram parentes, e o rei arranjou do Papa que desfizesse o casamento. João Lourenço da Cunha deu graças ao céo por se vêr livre da mulher que estava para lh'a pregar mesmo na menina do ôlho, e D. Fernando levou D. Leonor Telles para casa. Mas o povo é que não esteve pelos autos e gritou e berrou e fez tumulto, tanto que el-rei safou-se de Lisboa. Houve mosquitos por cordas por esse reino todo, e a final acabou tudo em paz. D. Leonor ficou sendo rainha, os de Lisboa apanharam para o seu tabaco e D. Fernando não tardou a levar a paga.

O rei de Castella achou que D. Fernando o tratara com tal ou qual sem-cerimonia, e quiz-lhe dar uma licção de bem viver. Veiu a Portugal, chegou a Lisboa, entrou por ahi dentro, fez um estrago de seiscentos demonios, e dava cabo da capital se D. Fernando lhe não vem pedir pazes, que, já se vê, sahiram caras. Aqui ficámos finalmente em socêgo,

e então D. Fernando parecia outro homem. Sabia governar aquelle rapazote, quando as mulheres lhe não faziam andar a cabeça á roda, ou quando se não lembrava de ter outros reinos. Era economico e arranjado. Sabia pôr as cousas no seu logar. Foi elle que cercou Lisboa de fortificações, que depois não serviram de pouco ao seu successor.

Mas, coitado, acertára mal, em todos os sentidos, com a tal D. Leonor Telles, que era mesmo o demonio em pessoa; quando se enfastiou d'elle, tomou amores com um gallego que vivia em Portugal, chamado conde Andeiro. El-rei, entretanto, metteu-se outra vez em guerras com Castella, e pediu auxilio aos Inglezes. Oh rapazes, que tristes tempos foram aquelles! A vida do paço era um desafôro. Estava alli aquella mulher, aquella... não sei que diga, a pôr na cabeça a corôa da rainha Santa Isabel, a corôa que não pudéra pôr nos seus cabellos louros a pobre Ignez de Castro, que, apesar de todos os pesares, era mil vezes mais capaz do que essa rainha de contrabando, que andou de um para outro, sem vergonha de qualidade nenhuma! E ainda por cima era malvada! vingativa! e para ella a vida de um homem valia tanto... como... a honra do marido, que é o mais que se pode dizer!

O povo desgraçado, porque tudo se juntava. As guerras com Castella sempre infelizes! os Inglezes,

como sempre, apesar de amigos, muito peores do que se fôssem inimigos. Os fidalgos de Castella, que tinham tomado o partido de D. Fernando, tratados aqui á grande! e ainda por cima D. Fernando, sem ter filhos, e com a filha unica já casada com D. João I de Castella. D. Fernando, apesar da sua cegueira, já ia percebendo as cousas, e tinha lá por dentro um desgôsto que o ralava. Tambem em 1383, tendo apenas trinta e oito annos de edade, esticou a canella, depois de um reinado que podia ter sido muito proveitoso, e que assim foi uma desgraça para todos. E eu tambem me vou chegando para a cama, não sem lhes dizer que houvera mudança completa no modo de viver da nossa gente n'estes ultimos reinados. Os fidalgos tinham levado para baixo, e estavam já em grande parte, por assim dizer, ás sôpas dos reis. Os concelhos do povo tinham-se feito fortes, e batiam o pé á fidalguia, e ao clero, principalmente nas côrtes, em que entravam. O resultado de tudo isso é o que vocês hão de vêr de hoje a oito dias.

QUARTO SERÃO

Interregno.—Regencia de Leonor Telles.—Morte do conde Andeiro.—O cêrco de Lisboa.—Nuno Alvares Pereira e João das Regras.—As côrtes de Coimbra.—D. João I.—A batalha de Aljubarrota.—Os filhos de D. João I.—Tomada de Ceuta.—Os descobrimentos.—D. Duarte.—Expedição a Tanger.—Menoridade de D. Affonso V.—O infante D. Pedro.—Batalha de Alfarrobeira.—Tomada das praças africanas.—Guerras com Hespanha.—Batalha de Toro.—Ido de D. Affonso V a França—Continuação dos descobrimentos.

—Meus amigos, disse o João da Agualva no outro domingo, o que eu agora vou contar ha de parecer assim a vocês grande patranha, e a todos pareceria se não houvesse tantas provas da verdade. É caso de uma pessoa ficar pasmada vêr o que fez este paiz só, ao canto do mundo, pequeno como é. Oiçam, pois, rapazes, com attenção. Apenas morreu el-rei D. Fernando, tratou logo D. Leonor Telles de fazer proclamar rainha de Portugal a sua filha D. Beatriz, que era uma pequenota casada com o rei de Castella D. João I, e ao mesmo tempo fez-se regente, O povo, que não queria ser castelhano, ou hespanhol como hoje diriamos, nem que o matassem, começou a levantar-se por toda a parte. Mas

o que faltava era um chefe. Os filhos de D. Ignez de Castro andavam fugidos por fora de Portugal, um por isto, outro por aquillo, mas quem estava em Lisboa era um rapaz muito sympathico, filho bastardo de el-rei D. Pedro, que este fizera mestre de Aviz, e a quem D. Leonor Telles sempre tivera muito odio. A elle se dirigiram. O mestre viu que não havia remedio senão fazer o que o povo queria. Toma logo a sua resolução, vae ao paço e mata elle mesmo o conde Andeiro; á frente do povo de Lisboa, põe no meio da rua D. Leonor Telles e proclama-se *defensor do reino.* O povo toma todo, sem excepção, o seu partido, e por todas as provincias; mas uma grande parte dos fidalgos fôram para o rei de Castella. Entre os que ficaram figurava um rapaz sympathico tambem, valente como as armas, leal como a sua espada, amigo intimo e dedicado do mestre de Aviz, Nuno Alvares Pereira.

Sabedor do que se passava, desce a Portugal o rei de Castella com um exercito poderoso; mas pára deante de Lisboa já fortificada. Os lisboetas, commandados pelo mestre de Aviz, defenderam-se como uns homens, e o rei de Castella teve de se pôr na pireza; entretanto Nuno Alvares Pereira, que estava no Alemtejo, ganhava a batalha dos Atoleiros, e começava a estabelecer um systema de guerra que havia de dar muito de si. Como os concelhos estavam todos com o mestre de Aviz, a fôrça do exer-

cito era principalmente infantaria. Pois Nuno Alvares Pereira aproveitou isso para ensinar os nossos a combaterem a pé. Formava uma especie de quadrado, ou como é que se chama, com os seus soldados, quadrado onde a cavallaria fidalga vinha sempre despedaçar-se.

—Ah! se elles calavam baioneta, observou o Francisco Artilheiro, não entrava lá para dentro nem um cavallaria só que fôsse.

—Não calavam baioneta, respondeu o João da Agualva, porque era cousa que então não havia, mas fincavam as lanças no chão, e fôssem lá entrar com elles.

Acabado o cêrco de Lisboa, reuniram-se os dois amigos, e fôram conquistar todas as terras de Portugal em que os fidalgos tinham levantado a bandeira de Castella. Ao mesmo tempo reuniram-se côrtes em Coimbra, para se escolher um rei. Ahi teve D. João I outro amigo, advogado de mão cheia, fino como um coral, chamado João das Regras, que foi quem lhe fez ganhar a eleição. Assim, o mestre de Aviz tinha a felicidade de ter dois amigos particulares que o serviam excellentemente, e cada um segundo o seu officio. Para cousas de penna e parlenda João das Regras, para batalhas e mais bordoada correspondente Nuno Alvares Pereira.

—Mas então as côrtes é que escolheram quem havia de ser rei? perguntou o Manuel da Idanha.

—Tal e qual.

—E eram côrtes como as de agora? accrescentou o Bartholomeu.

—Não, senhor, havia os tres braços, como então se dizia, clero, nobreza e povo. Os bispos e os conventos mandavam os seus escolhidos, os fidalgos mandavam os seus e o povo tambem, quer dizer cada concelho mandava o seu procurador. Antes de D. Affonso III, iam só os padres e os fidalgos, depois é que o povo tambem começou a figurar n'essas festas; mas n'estas côrtes, que se reuniram em Coimbra, como muitos fidalgos estavam mettidos com o rei de Castella, pode-se dizer que foi o povo quem escolheu, e que o mestre de Aviz, isto é, D. João I, foi verdadeiramente o eleito do povo.

—E ahi lhe valeu o João das Regras? acudiu o Manuel da Idanha.

—Isso mesmo, porque lá para falar não havia outro como elle. Mas d'ahi a pouco tornou-se necessario falar outra lingua, a lingua das espadas, e n'essa, quem lia de cadeira era Nuno Alvares, que o novo rei fez logo condestavel. Os castelhanos, que tinham ido de cara á banda, voltaram á carga, e d'essa vez com um exercito immenso, porque o D. João I de lá tinha resolvido acabar de todo com o D. João I de cá. Antes de vir o rei com toda a sua fidalguia, já um corpo hespanhol tinha entrado pela Beira dentro, mas em Trancoso levou uma tareia

de primeira ordem. Não se emendaram e disseram comsigo: Agora é que vão ser ellas. A falar verdade tinham razão. D. João I de Portugal teria, quando muito, uns oito ou nove mil homens. D João I de Castella não tinha menos de trinta mil, e além d'isso trazia comsigo peças de artilharia que era a primeira vez que se viam em Portugal. Encontraram-se os dois exercitos em Aljubarrota, que fica entre Alcobaça e Leiria, a 14 de agosto de 1385, grande dia, rapazes! Eu não sei que diabo tinham os nossos, mas parece que os animava um esfôrço sobrenatural. E elles não eram nenhuns fracalhões, os Castelhanos, era tudo gente valente e destemida, mas os nossos estavam todos resolvidos a morrer alli mesmo. Depois tinham cabos de guerra que sabiam da poda, emquanto os de lá eram valentes e mais nada. De lá, eram tudo fidalgos muito bem montados, com as suas espadas a luzir ao sol; de cá, gente do povo, soldados de pé, mas que todos queriam ser portuguezes com o seu rei que elles tinham feito, e que tambem com elles queria vencer ou morrer. E por isso Nuno Alvares dizia: Rapaziada, pé terra! e zás! lanças no chão, e venha para cá a fidalguia castelhana, mais os traidores portuguezes que se uniram ao extrangeiro. E não é dizer que não houvesse fidalgos tambem de cá. Oh! se os havia, e dos bons e dos melhores, porque eram todos os que tinham preferido morrer com

um rei portuguez a receber do extrangeiro honras e castellos, gente briosa e valente, e aventurosa, que combatia pelo seu rei, e pela sua dama, e pela sua honra, e pela sua patria. Tambem, não lhes digo nada, nunca levaram os hespanhoes tão formidavel esfrega. Por muito tempo lhes ficou lembrada, e o rei, que fugiu a toda a brida para Santarem e de Santarem para a sua terra, não se podia consolar de semelhante desastre. D. João I mandou fazer, no sitio da batalha, uma egreja e um convento maravilhoso, a egreja e o convento da Batalha, para agradecer a Deus a sua victoria, — e razão tinha para isso, porque foi Deus decerto quem deu aos Portuguezes o esfôrço e a galhardia que então mostraram, que, eu, meus amigos, não sou dos que acreditam que Deus se mette n'estes barulhos dos homens, mas quando um povo combate pela sua terra, que é como quem diz quando um filho combate pela sua mãe, então, meus amigos, ha uma cousa cá dentro em nós, que vem a ser a consciencia a bradar-nos que Deus, que é a justiça e a bondade, ha de querer a victoria do que é justo e do que é bom.

—E a padeira de Aljubarrota, sr. João da Agualva? perguntou o Francisco Arthilheiro.

—Deixemo-nos lá de padeiras. Eu não sou muito amigo de mulheres que se mettem n'estas dansas. A padeira era melhor que amassasse pão. Se é ver-

dade o que se diz, quando os Castelhanos já iam de rota batida, a padeira foi-lhes no encalço e deu cabo de sete com a pá do forno. Olhem que grande façanha; matar quem vae fugindo! Aquillo era mulher de faca e calhau, e eu tôrço sempre o nariz a essa gentinha. Vamos adeante. A batalha de Aljubarrota decidiu a sorte de Portugal. Ainda durou a guerra muito tempo, ainda o condestavel deu nova tareia nos Hespanhoes em Valverde, mas a verdade é que estava tudo acabado. D. João I governou então com socêgo, casou com uma senhora ingleza muito virtuosa e muito boa, D. Philippa de Lencastre, teve muitos filhos que educou muito bem, e que fôram todos homens de saber, e alguns d'elles grandes homens, chamou muitas vezes as côrtes para ouvir o que ellas tinham que lhe dizer ácêrca dos negocios do Estado, e governou tão bem que se lhe chama, com toda a justiça, o rei da *Boa Memoria*. Já em edade adeantada, trinta annos depois da batalha de Aljubarrota, sentiu D. João I um appetite de tentar alguma empresa grande. Quem o metteu n'isso fôram os filhos, tudo rapazes decididos que andavam mortos por se metter n'alguma cousa que lhes desse gloria. O que haviam de fazer? Fôram-se aos mouros. Passaram o estreito, e tomaram Ceuta que fica alli mesmo defronte de Gibraltar. Vêem vocês? Aquillo era uma raça que não podia estar quieta. Emquanto jogavam as cristas com

os vizinhos, ia tudo bem, mas depois? Os Aragonezes viravam-se para Italia, os Castelhanos lá tinham os mouros granadís, nós o que tinhamos? Os mouros de Marrocos e as ondas do Oceano. Pois foram as ondas e os mouros que pagaram as favas. D. João I tomou Ceuta, e D. Henrique, seu filho, deliberou tomar o desconhecido.

— Ó sr. João, exclamou o Francisco Artilheiro, devo confessar que lá isso é que eu não percebo muito bem.

— Pois eu te explico, rapaz. Julgava-se d'antes que do outro lado do mar não havia cousa nenhuma, ou antes que as ondas lá para longe eram um verdadeiro inferno ou um paraiso tambem, porque uns diziam que tudo para além eram ilhas de santos e jardins do céo, e outros que eram ilhas do diabo e terras de maldicção; que havia umas estatuas encantadas que não deixavam passar ninguem, e um mar de pez que engulia os navios. Ora vocês hão de saber que pode uma pessoa ser muito valente, e ter medo de almas do outro mundo, e de feitiços e do diabo. Alli está o Francisco Artilheiro, que, quando foi na expedição á Africa, se atirou ao Bonga como gato a bofes, que é capaz de varrer uma feira, e que, se lhe disserem que vá de noite ao palacio do marquez, lá ao corredor onde dizem que fala a voz do Roque...

— T'arrenego! exclamou o Francisco Artilheiro,

um homem é para um homem, mas lá uma alma do outro mundo!...

—Ora ahi está! era o que acontecia aos soldados de D. João I. Com mouros e Castelhanos tudo o que quizessem, mas com as aventesmas do mar... arreda! Pois imaginem vocês se D. Henrique não fez um milagre conseguindo que os marinheiros do Algarve, porque elle, desde que pôz o fito em querer saber o que o mar escondia, foi-se estabelecer em Sagres, mesmo na ponta do cabo de S. Vicente, conseguindo que os marinheiros do Algarve se mettessem ás ondas, sem medo de phantasmas, nem de avejões. E fôram aquelles valentes, que fizeram tão grande no mundo este paiz tão pequeno, e partiram por esses mares fora, sem saber o que por lá havia, e sempre a tremer da perdição da vida e da perdição da alma, e fôram, e encontraram a Madeira e encontraram os Açores, e Gil Eanes dobrou o cabo Bojador, que era onde diziam que estavam as taes estatuas encantadas, e, como não encontrou estatuas nenhumas, lá foi tudo atraz d'elle, e, de repente, Portugal pôde desenrolar deante do mundo um outro mundo ignorado, a costa da Africa toda, com os seus grandes rios, os seus bosques verdes, o seu povo de pretos, como eu vi, n'um theatro de Lisboa, desenrolar-se deante da platéa pasmada um panno pintado com cidades e quintas e ilhas e rios, que era de uma pessoa ficar de bôcca aberta. Ah! meus

amigos, podem agora não fazer caso de nós, e podemos nós tambem dizer mal de nós mesmos, mas um povo que assim se atreve a arcar com o que mette medo aos mais valentes, e abre aos outros as portas de um mundo maravilhoso, é um grande povo, digam lá o que disserem.

— E D. João I é que fez tudo isso? perguntou o Manuel da Idanha.

— Não foi elle, mas foi o filho, D. Henrique, que era um sabio, e que a seu pae deveu a educação que recebera; e o grande rei, que salvára Portugal do extrangeiro, teve a gloria, antes de morrer em 1433, de vêr começada essa obra que havia de tornar para sempre grande no mundo o seu nome e o nome de Portugal.

Succedeu-lhe seu filho, D. Duarte, a quem chamaram o *Eloquente*, pelo bem que falava e que escrevia, porque tambem fazia livros como o rei D. Diniz, e livros muito bem feitos. Coitado! não merecia a sorte que teve. Os irmãos, D. Henrique e D. Fernando, quizeram continuar a obra do pae, e fôram tomar Tanger. Não o conseguiram, perderam muita gente, e para se salvar o exercito das garras dos mouros teve de ficar prêso na Mourama o infante D. Fernando. Para o livrar era necessario entregar Ceuta; mas o infante D. Fernando, que bem mereceu o nome de *Santo* que lhe puzeram, não quiz nunca ouvir falar em semelhante cousa, e preferiu

morrer atormentado nas masmorras de Fez a consentir que dessem por elle aos mouros uma terra, que tanto sangue nos custára. Tudo isto fôram desgôstos grandes para o pobre D. Duarte, que morreu, depois de cinco annos de reinado, em 1438, da peste que então assolou o reino, porque não houve desgraça que n'esse tempo não acontecesse.

Succedeu-lhe um filho pequeuo que tinha e que foi D. Affonso V, e, como D. Duarte era muito amigo da mulher, foi a ella que nomeou regente. Ora, na verdade, tendo o pequeno uns poucos de tios que seriam todos grandes reis, como D. Pedro, D. Henrique e mesmo D. João, dar a regencia a uma mulher e de mais a mais hespanhola, era tolice graúda, por isso o povo não gostou, e as côrtes convidaram D. Pedro a tomar conta da regencia. A rainha, que era levada da breca, e que nunca pudéra vêr os cunhados, deu pulo de côrça com esta resolução, a que foi obrigada a ceder, e, com o partido que tinha, agitou o reino de tal maneira que D. Pedro não teve remedio senão tomar providencias, e uma d'ellas foi tirar o filho á rainha, porque o pequeno estava sendo nas mãos d'ella um instrumento de revolta. Afinal, a rainha foi para Hespanha, mas eu estou convencido, rapazes, que o odio que D. Affonso V sempre teve ao tio veiu d'ahi. Ora imaginem vocês! D. Affonso era uma creança n'esse tempo, agarrado á mãe como são todas as creanças; não percebia cousa nenhu-

ma de politica nem de meia politica, viu-se arrancado dos braços da sua mamãzinha, que se agarrava a elle a chorar, e arrancado por quem? Por seu tio. Depois, quando fôsse maior, podia reconhecer que o tio era o que se podia chamar um grande homem, que lhe tinha governado o reino como ninguem seria capaz de o governar, que era tão pouco amigo de vaidades, que nem quizera que lhe fizessem uma estatua, mas o rancor da creança nunca se foi embora. Pois o tio, apenas elle chegou á maioridade, logo lhe entregou o governo, sem a mais pequena demora, e foi viver para Coimbra com o maior socêgo. Apesar de tudo isso, e apesar de ser muito amigo da mulher, que era filha de D. Pedro, o rei tal odio tinha ao tio e sogro que deu ouvidos a todas as intrigas dos inimigos d'elle, e principalmente ás do primeiro duque de Bragança, seu tio tambem, filho bastardo de D. João I; chegou o duque a levantar tropas para ir contra o pobre D. Pedro, que, espicaçado e ralado por todas as formas, teve de tratar da sua defesa. Emquanto o duque de Bragança levantava tropas por sua conta e risco, achava o rei isso muito bem feito; apenas o infante D. Pedro juntou alguns soldados para não atravessar esse reino ao desamparo, logo D. Affonso V entendeu que era caso de rebeldia e traição, e marchou contra elle. Na Alfarrobeira, alli ao pé de Alverca, se encontraram as tropas de um e as tropas

do outro. Não houve batalha, mas travaram-se de razões os soldados, e, quando mal se precatavam, achou-se tudo embrulhado na bulha, e lá morreu o pobre do infante D. Pedro, tão sabio, tão bom, tão justiceiro.

Quem ouvir isto, ha de dizer que D. Affonso V era um malvado, pois não era; cabeça de vento sim, nunca houve outro egual! Sympathico e bondoso, um mãos-rôtas, principalmente para os fidalgos que apanhavam d'elle quanto queriam, enthusiasmava-se todo por cousas que já não importavam a ninguem, e quiz até fazer uma cruzada contra os Turcos. Os outros principes christãos não estiveram pelos autos, e vae elle então voltou-se contra os mouros da Africa, e é certo que juntou a Ceuta as praças de Tanger, Arzilla e Alcacer Ceguer. Por isso lhe chamaram o *Africano*. Emfim, bom seria que nunca tivesse pensado n'outra cousa, mas deu-lhe na veneta querer tambem ser rei de Hespanha, e, quando lá houve grande bulha para se saber quem havia de succeder ao rei que morrera, se havia de ser D. Isabel que era irmã, se D. Joanna que era filha, o nosso D. Affonso, apesar de já não ser novo, casou com esta, que vinha a ser tambem sua sobrinha, ao passo que D. Fernando de Aragão casava com a outra. D'ahi veiu uma guerra levada dos demonios; mas afinal, D. Affonso deu a batalha de Toro, que ficou indecisa, mas foi o mesmo que se

a perdesse, porque não pôde continuar a guerra. De que se ha de lembrar então o nosso D. Affonso V? De ir em pessoa pedir soccorro ao rei Luiz XI de França, que era o mais manhoso de todos os principes, e que não fazia nada sem interesse. Luiz XI andou a cassoar com elle, até que D. Affonso V mandou dizer ao filho, que ficára a governar o reino, que subisse ao throno, porque elle abdicava, e ia para a Terra Santa; mas depois muda de tenções, e, quando já ninguem o esperava, apparece em Portugal. O filho é que não quiz saber de mais nada; entregou-lhe logo a corôa. que D. Affonso acceitou, morrendo quatro annos depois, em 1481.

— Ó sr. João, iuterrompeu o Bartholomeu, e essa historia de descobrir terras novas tinha parado?

— Qual tinha parado, homem! Emquanto D. Henrique viveu, e só expirou em 1460, quando já D. Affonso V era homem, não pensou n'outra cousa; todos os annos se ia descobrindo mais alguma porção da Africa, e já não havia quem acreditasse em carapetões de estatuas. Os Portuguezes, o que faziam era sempre seguir para baixo, até vêr se topavam com a India, ou então se davam com um rei que diziam que era christão, e a quem chamavam o Prestes João das Indias.

—E quem era esse rei? perguntou o Manuel.

—Eu depois lhes digo, rapazes, agora não me falem á mão. O que é certo é que estava já desco-

berta uma boa porção da Africa, e já por lá se fazia muito bom negocio, tanto que D. Affonso V, que andava embrulhado com outras cousas, e que não podia cuidar dos descobrimentos como o tio, arrendou o commercio da costa da Mina a um tal Fernão Gomes, com a condição d'elle continuar a descobrir terras. Felizmente, quem ía subir ao throno era um rei de outra laia, que tinha lume no ôlho, e que havia de levar as cousas pelo rumo que devia de ser, para gloria do nosso paiz.

Foi D. João II esse rei, e com razão lhe chamaram o principe perfeito, porque não houve nenhum que entendesse tão bem do seu officio; mas, antes de falar n'elle, meus amigos, deixem-me vocês explicar-lhes o que é que se tinha passado no tempo d'esses tres primeiros reis da dynastia que se chamou de Aviz.

Viram vocês como os reis se encostaram ao povo para dar cabo da nobreza e do clero, e como lhe deram fôrça para que os fidalgos e padres se não fizessem finos! Por isso tambem se pode dizer que foi o povo quem fez rei D. João I, e este nunca se esqueceu d'isso. Comtudo, padres e fidalgos, continuavam a ser muito poderosos, e, se D. Duarte, com a lei chamada mental, e o infante D. Pedro lhes tinham dado para baixo, D. Affonso V quasi que desfizera tudo, porque com elle não havia parente pobre, dava aos fidalgos o que elles queriam, e com

razão dizia o filho que seu pae o deixára rei das estradas de Portugal, o que, valha a verdade, não devia ser um grande reino. Ora agora acontecia tambem o seguinte; é que o povo, nas côrtes, estava sendo mais um servo do rei do que outra cousa. Já não podia dizer aos reis: «Toma lá, dá cá». Já não era cada concelho que mandava um procurador, juntavam-se uns poucos de procuradores para mandar um deputado a que chamavam definidor, e o rei sempre os podia ter mais na sua mão do que á turbamulta dos antigos procuradores. Além d'isso, os doutores, o que apprendiam nas escholas eram as leis de Roma, o direito romano, e ahi o que se dizia era que o rei podia fazer o que quizesse. O que resultava? Resultava que o clero e a nobreza haviam de levar para baixo, mas que o povo depois... esperasse pela pancada. É o que vocês saberão para o domingo que vem, porque a tia Margarida está a cahir com somno, e eu não quero que digam de mim, como de alguns prégadores, que sou bom para quem anda com falta de dormir.

SEXTO SERÃO

D. João II.—As côrtes de Evora.—Morte do duque de Bragança —Morte do duque de Vizeu.—Continuação dos descobrimentos.—O cabo da Boa Esperança.—Christovam Colombo.—Entrada dos Judeus.—Morte do principe D. Affonso.—D. Manuel. —Descobrimento da India e do Brazil.—Os conquistadores. da India.—Fernão de Magalhães.—D. João III — A inquisição e os jesuitas.—Decadencia do nosso dominio da India.—D. Sebastião.—A batalha de Alcacer-Kibir.—D. Henrique, o cardeal-rei.—A successão do throno.—D. Antonio, prior do Crato.—Batalha de Alcantara.—Perda da independencia.—Causas da decadencia de Portugal.

—Estou morto por saber, porque é que chamaram a D. João II o principe perfeito, principiou o Manuel da Idanha no domingo immediato, quando estiveram todos assentados á roda da lareira, porque, emfim, vocemecê já nos falou n'uns poucos de reis de quem se não pode dizer mal: D. Diniz, por exemplo, D. João I, etc.

—Eu te digo, rapaz, é porque não houve nenhum que percebesse tão bem o seu tempo, nem soubesse tão bem como é que se governa. Era homem de cabellinho na venta, mas só dava cabo de quem lhe fazia transtornar os seus planos, era valente como os que o são, mas, depois de ser rei, nunca mais foi á guerra. Calculava tudo, combinava tudo,

e, como quem joga bem a bisca, sabia de cór os trunfos, e o que queria era marcar bons pontos, desse lá por onde desse. Subiu ao throno, na firme resolução de acabar com os privilegios da nobreza e do clero. Para isso, como de costume, serviu-se do povo. Chamou côrtes a Evora, ahi entendeu-se com os procuradores do povo para elles se queixarem dos fidalgos. Então o rei põe-se no seu logar, e toca a deitar abaixo privilegios. Se vocês querem vêr o que é berraria! O primeiro que se levantou foi o duque de Bragança, e esse então metteu-se com os Castelhanos. D. João II não esteve com cerimonias, mandou-lhe cortar a cabeça. O duque de Vizeu, seu proprio primo e cunhado, fez-se tambem chefe de conspiração. O mesmo rei deu cabo d'elle com uma boa punhalada, e depois foi tudo raso com o diabo do homem. Prendia uns, desterrava outros, mandava matar este, confiscava os bens áquelle... um inferno.

—Então por isso é que era principe perfeito? perguntou a tia Margarida indignada.

—Ó mulherzinha, espere lá. Diz o proverbio: cada terra com o seu uso, cada roca com seu fuso. Pois eu digo tambem: cada tempo com os seus costumes. O tempo d'elle não era como o nosso. Hoje matar um homem é, com razão, uma cousa por ahi além. N'aquelle tempo parecia a todos perfeitamente natural que se castigassem com a morte, mesmo á

punhalada, todas as conspirações. Ora D. João II só escapou por milagre a muitas que houve contra elle.

Mas D. João II não era homem que se assustasse. Estreara-se em Arzilla, ao lado de seu pae, e logo mostrára um grande esfôrço; na refrega de Toro, em Hespanha, foi elle quem ganhou a batalha pelo seu lado, emquanto o pae a perdia pelo outro. Nas conspirações, que se faziam contra elle, mostrou sempre coragem a valer, mas tambem não perdoava nenhuma. E tanto fez, tanto fez, que afinal todas as cabeças se abaixaram, e quem ficou governando devéras foi elle.

Eu não lhes digo, rapazes, que approvo todas aquellas crueldades, e que acho bonito que D. João II matasse sem dó nem piedade até os parentes. Conheço que era preciso ter cabellos no coração para fazer o que elle fez, mas que querem vocês? É sina que nunca se fizeram as grandes mudanças politicas sem correr muito sangue. Dizia aquelle engenheiro francez, que aqui esteve em Bellas na obra da agua, quando ás vezes se punha a conversar commigo: «João, não se faz omeleta sem se quebrar ovos». E dizia bem. Aquillo entre D. João II e a nobreza era guerra de morte. Atiravam á cabeça; eu bem sei que era mais bonito perdoar. Mas, meus amigos, perdoar aos seus inimigos só o fez Nosso Senhor Jesus Christo, e isso bastava para

que todos conhecessem que elle era Deus e não homem.

Em todo o caso, rapazes, sempre lhes quero confessar que para gostar devéras de D. João II, preciso de desviar os olhos d'aquella sangueira toda, e vêr o que elle fez por outro lado. Ah! que rei aquelle, rapazes! Nos descobrimentos foi um segundo infante D. Henrique, porque não foi só dizer aos pilotos: «Vão vocês andando por ahi abaixo, e quando toparem a India mandem cá um recado». Não, senhores! Agarrou em dois judeus que eram homens de sabença, e mandou-os por terra ao Egypto, para que fôssem do Egypto vêr se topavam a India e se sabiam como é que se podia lá ir ter por mar. Foram estes Pedro da Covilhã e Affonso de Paiva. Ao mesmo tempo não deixára de mandar navios pela Africa abaixo. Um sujeito, chamado Bartholomeu Dias, tanto andou, tanto andou sempre com a terra á esquerda, até que um bello dia, por mais que tocasse á esquerda, não via senão agua: «Mau, disse elle comsigo, o diabo da costa virou de rumo». Vira elle tambem e dá com a terra que ía para cima em vez de ir para baixo como até ahi. «Eu cheguei ao fim da Africa, disse comsigo o Bartholomeu Dias, eu passei algum cabo sem dar por isso». E, já todo contente, queria ir seguindo para deante a vêr onde iria dar comsigo. Mas a marinhagem estava cançada e quiz por fôrça voltar

para traz. Não houve remedio, e á volta effectivamente deram com o tal cabo que vinha a ser a ponta da Africa, e apanharam tantos temporaes que Bartholomeu Dias chamou a esse cabo, cabo Tormentorio; mas, quando chegou a Lisboa e contou a D. João II o que succedera, este, que logo percebeu que estava dado o grande passo na descoberta da India, não quiz para tamanha descoberta um nome de mau agouro, e mudou ao cabo Tormentorio o nome em cabo de Boa Esperança, como quem diz: Agora sim, agora é que me parece que vamos por estrada direita.

Ora hão de vocês saber, rapazes, que por esta occasião vivia em Portugal um sujeito genovez chamado Christovam Colombo, que era homem entendido em cousas de mar, e que se occupava tambem muito de descobrimentos de terras e tal, etc. Foi até por isso que elle veiu para Portugal, porque isto aqui era a forja, onde, para assim dizer, se fabricavam terras novas, e todos os que se enthusiasmavam com essas cousas vinham para cá assoprar aos folles. Christovam Colombo estivera na Madeira, ouvira falar em signaes de terra para os lados do pôr do sol, e começára a embirrar que indo atraz do sol, havia de esbarrar com a India. Falou n'isso a D. João II, este consultou os sabios, e os sabios desataram a rir. Colombo então foi-se embora e começou a offerecer os seus serviços a quem lhe desse

uma casca de noz; acceitou-os a Hespanha, depois de maçar muito o pobre do homem. Christovam Colombo partiu seguindo sempre para o occidente, e afinal deu com uma terra povoada de selvagens, que vinha a ser nem mais nem menos do que a America, emfim um mundo inteiro muito maior que a Europa toda. Ora, tudo isso podia ter vindo para nós, e não nos fazia mal nenhum, se D. João II não cae na asneira de não acreditar no Colombo, que todos sabiam que era um homem esperto, e de lhe não querer dar dois ou tres navios para tentar a sua descoberta, elle que tinha navios a rôdo por esses portos todos!

—Sim! lá isso! acudio o Manuel da Idanha coçando na cabeça. Vocemecê diz que o homem era tão espertalhão, mas essa parece-me de cabo de esquadra!

—Achas, meu palerma? Diz um proverbio: Quem adivinha vae para a casinha. E eu já te mostro que outro qualquer, no caso de D. João II, fazia o mesmo. Tu imaginas que Christovam Colombo chegou ao pé de D. João II e lhe disse: Saiba Vossa Alteza (que então ainda se não dava majestade aos reis) saiba Vossa Alteza que alli defronte dos Açores está um paiz muito rico, onde ha muito ouro, e muita prata e muitos diamantes, e, se Vossa Alteza quizer, eu chego alli n'um instante e cá lh'o trago? Estás tu muito enganado. O proprio Colombo nem sa-

bia que havia alli semelhante paiz. Toda a sua mania era que, sendo a terra redonda, e n'isso tinha ella razão, indo uma pessoa para o occidente, havia de dar volta e chegar ao oriente. Mas o que elle não sabia é que a terra era tão grande como lhe sahiu; e, se não lhe apparece a America, o homem via-se grego, e ainda tinha de comer muito pão antes de arribar onde elle queria ir, tanto que provavelmente não levava no porão farinha que lhe chegasse. Ora agora, pensem vocês tambem, rapazes, no seguinte: Havia um bom par de annos que Portugal andava a teimar em seguir pela Africa abaixo á procura da India. Teimou, teimou, até que afinal chegou ao fim da Africa, e percebeu que a terra seguia para cima, e ia com toda a certeza parar á India. E é exactamente quando se consegue o que se procurava havia tanto tempo, quando se descobre o Cabo da Boa Esperança, quando se tem a certeza de que se encontrou o caminho da India, que vem um sujeito ter com o rei de Portugal, que está todo alegre com a descoberta, e dizer-lhe: Faça favor de apagar tudo isso, e de começar outra vez a procurar a India por outro lado. O rei, é claro, mandou-o pentear macacos. Ora agora confesso tambem que se não põe assim no meio da rua um homem como Christovam Colombo. Procurar a India pelo occidente não impedia que se continuasse a procurar pelo caminho que até ahi se seguira, e nós já tinhamos

topado tanta terra que não esperavamos, que não era cousa do outro mundo que fôssem mais duas caravellas a Deus e á ventura vêr o que o mar dava de si.

Emfim não se fez isso; os Hespanhoes ficaram com a America e principiaram ao desafio comnosco n'isso de descobrimentos, tanto que foi necessario que o Papa dividisse entre elles os novos mundos ao meio, dizendo: Para aqui descobrem os Hespanhoes, e para aqui descobrem os Portuguezes, o que fazia com que um rei de França dissesse depois: Ora sempre eu queria vêr o artigo do testamento do pae Adão que deixou a terça aos Hespanhoes e aos Portuguezes.

Todos se riram, e o João da Agualva continuou:

— Muito mais provas de juizo deu el-rei D. João II, e felizes seriamos nós se os reis que se seguiram fôssem como elle. Na Africa, tratou de chamar a si os pretos, de os mandar baptisar, mas ás boas, e de fazer por alli fortalezas para se assenhorear do commercio. Na Europa então houve uma cousa que mostra que elle sabia ser rei. Os soberanos de Hespanha, todos devotos, mandaram pôr fora do seu paiz os judeus, que eram, como fôram sempre, uma raça trabalhadeira e esperta, que se enriquecia e ia enriquecendo a terra onde vivia. Mas a rainha de Hespanha, lá por beaterios tôlos, não os quiz consentir no seu reino, e intimou-lhes mandado de des-

pejo. Sempre quero que vocês me digam porque? Porque tinham crucificado Jesus Christo? Mas isso fôram uns malandrins de Jerusalem, e nem os filhos tinham culpa do que os paes fizeram, e até os paes de muitos d'elles talvez nem em Jerusalem estivessem n'esse tempo. Porque não acreditavam na religião christã? O peor era para elles. Pois se não se pode salvar quem não fôr christão, no outro mundo torceriam a orelha, e não era necessario já n'este mundo ir-lhes torcendo o pescoço. Porque não comiam toucinho? tanto melhor para os bons christãos, que sempre ficava mais barata a carne de porco. Mas fôssem lá dizer estas cousas n'aquelle tempo aos reis catholicos! Corria uma pessoa risco de ir parar a uma fogueira. D. João II riu-se da devoção dos vizinhos, recebeu os judeus na sua terra, e tirou proveito do caso, obrigando-os, em troca do asylo que lhes dava, a pagar-lhe um bom tributo. Elles estavam com a corda na garganta, pagaram com lingua de palmo, ainda que isso lhes havia de custar, porque sempre fôram sovinas. Mas, como diz o outro, para judeu, judeu e meio.

—Olhe lá, ó sr. João da Agualva, e então quem diz que a inquisição cá em Portugal queimava os judeus? perguntou o Manuel da Idanha.

—Lá chegaremos, sr. Manuel da Idanha, lá chegaremos. Não ha só muitas Marias na terra, ha tam-

bem muitos Joões, e nós então tivemos seis, cada um do seu feitio.

Tudo se paga, meus amigos, e um homem póde ser principe perfeito, quando ultraja a lei de Deus, derramando o sangue de seus irmãos, ha de o pagar com lagrimas, que tambem são sangue ás vezes. Tinha D. João II um filho chamado Affonso, a quem queria como ás meninas dos seus olhos. Casára com a filha dos reis de Hespanha, e as festas com que se celebrou o casamento tinham sido das mais pomposas. Morreu, e morreu de um desastre. Quem pode imaginar a dôr d'aquelle pae! Chorou esse homem de ferro, que tantas lagrimas tambem fizera derramar, chorou lagrimas de sangue, do sangue do seu coração, e, lá nas horas mortas da noite, quando estivesse sósinho a pensar no filho, havia de vêr muitas vezes os espectros d'aquelles que matára sem ter piedade da orphandade de seus filhos, como Deus não tivera tambem compaixão da orphandade da sua alma. Morreu quatro annos depois, em 1495, sem poder deixar a corôa a um filho seu, porque debalde quizera legitimar um bastardo que tinha, e assim. altos juizos de Deus! quem lhe havia de succeder, e não é só isso quem havia de colher para si a gloria de realisar a conquista da India, que D. João II tão cuidadosamente preparara? Um irmão d'aquelle duque de Vizeu, que elle assassinára, D. Manuel, o *Afortunado*.

Afortunado ou Venturoso lhe chamou a historia, e com razão, porque não teve senão bamburrice, o que não quer dizer que fôsse um palerma, e que não tivesse mesmo bastante tino, mas fazia tanta differença de D. João II como uma laranjeira de um carvalho. Encontrou a papinha feita. Estavam preparados os navios para a descoberta da India, poz á frente d'elles Vasco da Gama, e em 1497 chegava Vasco da Gama á India, que era o paiz mais rico d'esse tempo. Mandou atraz d'elle Pedro Alvares Cabral, este chega-se mais para o occidente do que devia ser, e esbarra com o Brazil em 1500; bom! Põe ambos de parte, que lá ingrato como aquelle não havia nenhum, e manda para a India uma esquadra, onde ia Duarte Pacheco, homem que parece mesmo um d'aquelles sujeitos da antiguidade, que eram meios homens, meio deuses, e de quem se contam muitas patranhas, que fôram excedidas pelas verdades d'este nosso patricio. Querem vocês saber? Na India havia muitos reis, como ainda hoje ha, apesar que estão agora todos sujeitos aos Inglezes. Vasco da Gama tinha chegado a uma terra chamada Calicut, onde residiam muitos Mouros, que eram quem fazia n'esse tempo o negocio todo da India. Viram a bolsa em perigo, e não descançaram emquanto não puzeram ao rei de Calicut de mal com os Portuguezes. Palavra puxa palavra, elle matou-nos um homem, apanhou uma licção mestra, e de

vingança em vingança, ficámos inimigos para sempre. Mas havia outro rei, o rei de Cochim, que era e foi sempre nosso amigo. D'ahi barulho entre os dois. Como o rei de Calicut era muito mais poderoso, esperou que não estivessem lá navios nossos, e, sabendo que tinha ficado apenas Duarte Pacheco e mais uns cincoenta Portuguezes, disse comsigo: «Agora é que tu m'as pagas.» E arranjou um exercito forte, e marchou contra o pobre rei, nosso amigo. Os soldados de Cochim tinham mêdo que se pellavam, e fugiam que é um louvar a Deus; mas Duarte Pacheco, mais os seus cincoenta homens, com a sua habilidade e a sua valentia, conseguiram tomar o passo ao de Calicut, e dar-lhe tareias monumentaes. Ó rapazes, pois uma pessoa não se ha de ás vezes ufanar de ser Portuguez? Quando é que se viu uma cousa assim? Meia duzia de gatos bastarem para dar cabo de exercitos immensos! Eu bem sei que era a disciplina, que eram as armas, que era tambem a fraqueza d'aquelles bananas, que o sol da India faz uns mollengas, mas era necessario que fôssem de aço e de ferro, em vez de ser de carne e osso, esses valentes que assim viam, sem descórar, marchar contra elles um exercito formidavel! Era necessario que se tivessem disposto a morrer para não deixarem que fôsse pisada aos pés a bandeira de Portugal! E, afinal de contas, por muito molles que os outros fôssem, sempre eram mil con-

tra um, e, com certeza, nenhum dos nossos pensava que sahiria com vida de semelhante combate. Depois acções d'essas eram mais faceis, não só porque os nossos já tinham tomado confiança em si, e sentiam-se capazes de levar aos pontapés quantos Indios houvesse na India, mas tambem porque elles tinham-nos tomado mêdo; mas isso tudo a quem o devemos senão a Duarte Pacheco? Pois meus amigos, imaginam vocês que Duarte Pacheco foi feito governador da India, ou teve algum titulo, ou alguma recompensa grande? Qual carapuça! D. Manuel nem mais pensou n'elle, e era tão feliz que logo encontrou para ser primeiro vice-rei da India um homem como D. Francisco de Almeida, que em toda a parte do mundo seria digno de exercer os primeiros logares.

Com effeito, D. Manuel, que primeiro quizera apenas que os seus navios viessem carregados de mercadorias da India, que depois cá se vendiam na Europa, entendeu que devia tomar raizes, e encarregou D. Francisco de Almeida de governar os Portuguezes que por lá estivessem, fundando ao mesmo tempo fortalezas. D. Francisco de Almeida entendia, porém, e não deixava de ter razão, que Portugal era um paiz muito pequeno para estar assim a mandar soldados para a India, e o que elle queria era ser senhor do mar para que ninguem mais alli pudesse fazer negocio. Emquanto só teve os In-

dios pela prôa iam as cousas bem, mas os Turcos, que viam diminuir os seus rendimentos com o novo caminho das Indias, começaram a metter-se na dansa, e os Turcos não eram tropa fandanga, eram gente de quem tremia a Europa. Tambem, quando se encontraram primeiro com os Portuguezes, levaram a melhor e até mataram um filho de D. Francisco de Almeida, que o vice-rei adorava. Foi a sua perdição, porque D. Francisco de Almeida não descançou emquanto não vingou a morte de seu estremecido Lourenço. Os Turcos levaram uma sova de primeira qualidade e na India ficou-se sabendo de uma vez para sempre que casta de homens eram os Portuguezes.

Pois rapazes, parecia que d'esta vez D. Manuel se daria por muito feliz em ter no Oriente um homem como D. Francisco de Almeida, que tinha posto os Indios a pão e laranja, e dado uma refrega tal nos Turcos que se não atreveram por muito tempo a tornar á India. Enganaram-se. Apenas acabou o seu tempo, foi chamado a Portugal, e naturalmente el-rei nem pensaria mais n'elle, ainda que não tivesse morrido no caminho. Mas continuava a ser tão feliz que encontrou, para substituir D. Francisco de Almeida, um homem que ainda valia mais do que elle, porque era o grande Affonso de Albuquerque. Ah! meus amigos, apparecem de vez em quando no mundo uns homens, que são capazes de revolver a

terra, como os Napoleões e outros assim. Affonso de Albuquerque foi um d'esses.

A respeito das cousas da India não pensava como D. Francisco de Almeida, mas não era porque visse as cousas de outro modo, era porque achára maneira de as concertar. Sim, elle bem sabia que Portugal não podia estar a encher a India de soldados, mas o que elle queria era que os Indios se misturassem com os Portuguezes, e, para o conseguir, ao passo que era cruel com os Mouros, com os Indios era tão bom e tão justo que, depois da sua morte, iam elles rezar ao seu tumulo, como quem vae rezar ao tumulo de um santo. Escolheu elle tres pontos, em que estabeleceu, para assim dizer, os seus quarteis generaes, e todos muito bem escolhidos: Ormuz, ao pé da Persia; Gôa, no meio da India; Malaca, para os lados da China e das ilhas a que se chamava das Especiarias ou das Molucas. Primeiro tomou Gôa, depois Malaca que tinha dente de coelho, porque os Malaios são levadinhos da breca, depois Ormuz, e, quando acabou de fazer tudo isto, estava já demittido, e sabendo que ia ser nomeado para o seu logar o seu peor inimigo! Morreu com esse desgôsto.

Tambem d'essa vez tinha-se acabado o fornecimento de grandes homens, e os dois ultimos governadores da India, no tempo de D. Manuel, não fôram lá grande cousa, mas tambem não estragaram nada.

Aquillo então ia n'um sino. Os Portuguezes espalhavam-se por toda a parte, de um lado chegavam á China, do outro á Persia, do outro ás Molucas, do outro a Cambaya. Tinham fortalezas por toda a parte; elles recebiam a boa cannela de Ceylão, o bom cravo das Molucas, a boa pimenta da India, os bons cavallos da Persia, as sedas da China, o incenso da Arabia, os diamantes de Golconda, e traziam estas riquezas todas para a Europa e vinham aqui a Lisboa, que estava sempre cheia de navios, os Hollandezes e os Inglezes comprar tudo isto para o vender por esse mundo. Do Brazil não se fazia caso porque nem valia a pena; na Africa sempre se iam tomando praças, que era para n'aquellas constantes guerras com os Mouros se exercitar a fidalguia, que depois fazia o diabo a quatro na India. Emfim, quando D. Manuel mandou ao Papa uma embaixada com presentes vindos de todas as suas conquistas, Roma ficou embasbacada, e não se falava em todo esse mundo senão na grandeza de Portugal. Bons tempos, meus amigos, mas que duraram pouco!

No reino, D. Manuel logo mostrou que, se não era tôlo, tambem não tinha o entendimento de D. João II. Poz fora os Judeus; é verdade que depois quando em Lisboa o povo fez uma matança nos que tinham ficado a titulo de se terem convertido, mostrou-se muito zangado e castigou a cidade. Grande

não foi elle, mas viu-se cercado de gente que o fez grande, e teve a esperteza de os saber conhecer. Depois, punha-os de parte com a maior facilidade mas atinava com elles; só não percebeu o que podia esperar de Fernão de Magalhães, que, zangando-se com uma picardia que lhe fez, passou para Hespanha, e assim nos deixou ficar sem a gloria de termos sido nós os primeiros que deram volta ao mundo, como fizeram os Hespanhoes commandados pelo tal Fernão de Magalhães, porque isso, n'aquelle tempo, não havia por esses mares uma onda que não marulhasse em portuguez...

— Em portuguez porque? perguntou o Francisco Artilheiro. Eu nunca percebi o que ellas diziam.

—Então é que teem a cabeça tão dura como tu, porque foi sempre o portuguez a primeira lingua que ouviram, e até lá para a terra dos bacalhaus, para o norte, onde faz um frio de rachar, lá mesmo foi Gaspar Corte-Real que primeiro descobriu a Terra Nova. Emfim, meus amigos, depois de ter casado tres vezes, e sempre com princezas hespanholas, morreu em 1521 el-rei D. Manuel, e, verdade, verdade, com elle se pode dizer que morreu a grandeza de Portugal.

Succedeu-lhe o filho D. João III, que era o beato mais beato que tem vindo a este mundo. D. Manuel já lá tinha as suas manias, mas, como eu lhes con-

tei, quando os de Lisboa desataram a matar os Judeus, ou antes os christãos novos, deu-lhes com o *basta*. D. João III, esse, não descançou emquanto não metteu em Portugal a Inquisição. O Papa não queria, fazia-se rogado, e D. João III é que insistiu com elle para apanhar essa prenda. Chegou a gastar rios de dinheiro para o conseguir!! Ora, realmente, metter cá um tribunal que, apenas um sujeito se esquecia de ir á missa, ferrava com elle na cadeia, quando não era na fogueira, só lembrava a D. João III. Até os extrangeiros fugiam, e então o resto dos Judeus, que ainda por cá havia, e que por amor á nossa terra se tinham feito christãos, com mêdo da Inquisição, se fôram safando logo que puderam. E, não contente com isso, introduziu tambem a Companhia de Jesus, que era uma ordem nova de frades mais disciplinados que um regimento, e que tinham jurado ser elles que haviam de governar o mundo. Ora, lá para prégar aos herejes, e aos gentios da India, e aos selvagens do Brazil, eram muito bons, porque não recuavam nem diante da morte, e houve jesuitas, como S. Francisco Xavier, que não ficaram a dever nada aos doze apostolos; mas em Portugal mettiam-se em toda a parte: elles ensinavam, elles confessavam, e estou em dizer que não podia ser bom. Eu não sou contra os padres, nem contra a religião, pelo contrario, mas tambem não se hão de metter em tudo. Ora vejam vocês como

havia de viver um dos nossos avós d'esses tempos! Os jesuitas a apertarem-lhe o freio, e ao mais pequeno desmando, zás, fogueira da Inquisição com elle. Até se fizeram macambuzios os pobres homens, que eram até ahi gente alegre. Não se podia escrever cousa nenhuma, que não viessem logo os jesuitas: Córte-se isto porque parece contra a religião, não se represente aquillo porque se faz troça a um frade, e porque torna e porque deixa. O que é certo, meus amigos, é que, emquanto lá por fora se andava para deante, e se faziam invenções, e se estudava, nós não passavamos da cêpa torta, e o mal que isso fez vão vocês vêl-o.

Na India parecia que ia tudo muito bem, mas via-se que não podia durar muito. Valentes eram os nossos, mas em vez de fazerem o que Albuquerque queria, em vez de accommodarem os Indios, e de se pôrem ás boas com elles, não senhor, faziam crueldades que era uma cousa por demais, e o que queriam era apanhar dinheiro. Passavam o tempo, ora em guerra com o rei de Calicut, ora com o rei de Cambaya, ora com o rei de Achem, ora com o rei de Bintam, ora com o rei de Kandy, ora com todos ao mesmo tempo. Isto não era vida. Obravam prodigios de valor, isso é verdade, como por exemplo nos dois cêrcos de Diu, em que Antonio da Silveira e D. João de Mascarenhas se defenderam de um modo maravilhoso, mas, á fôrça de

dar cutiladas, o braço ia cançando, e o paiz estava esfalfado. Não havia nem um instante de socêgo. Se apparecia um governador como D. João de Castro, o da Penha Verde de Cintra, que era honradissimo e justiceiro, os outros não pensavam senão em roubar. Já se pegavam uns com os outros, como fez Lopo Vaz de Sampaio com Pedro de Mascarenhas, e quando D. João III, o Piedoso, como lhe chamaram os frades, morreu em 1557, todos previam que isto ia para baixo.

O filho mais velho de D. João III morrera ainda em vida do pae, e que lhe succedeu foi um neto, creança de cinco annos, que tinha o nome de D. Sebastião. Ficou regente a avó, senhora de bastante juizo, que governou bem, mas que em 1562 teve de ceder a regencia ao cunhado, o cardeal D. Henrique, todo dominado pelos jesuitas, e que cercou de padres o principe. O que resultou d'ahi? Resultou que D. Sebastião, que gostava de guerras e batalhas, fez-se ao mesmo tempo beato. Parecia um d'aquelles antigos frades militares, que tinham concorrido tanto para expulsar os Mouros de Portugal. Não quiz casar, e até fugia das mulheres. Não pensava senão em dar cabo dos Mouros. Ora, se nós que já tinhamos tanto trabalho para nos sustentarmos na India, que fôramos obrigados a largar umas poucas de praças na Africa, que tinhamos precisado de um grande es-

fôrço para salvar Mazagão, cercada pelos Mouros, nos mettiamos em grandes guerras com elles, aonde iria isto parar! Pois foi o que succedeu. Na India o trabalho era cada vez maior; um governador, chamado D. Constantino de Bragança, parente da casa real, fizéra por lá grandes cousas, mas pouco tempo depois juntavam-se quasi todos os reis da India e vinham sobre nós. O que nos valeu foi termos um novo Affonso de Albuquerque, um general de mão cheia, D. Luiz de Athayde, que a tudo acudiu e tudo salvou; mas vocês bem veem que isto não podia continuar assim.

Quando as cousas estavam n'este bonito estado, quando nós tinhamos ás costas a India e o Brazil para que D. João III principiára a olhar, onde precisavamos de nos defender contra os aventureiros francezes que achavam a terra a seu gôsto, de que se ha de lembrar el-rei D. Sebastião? De ir conquistar Marrocos! Eu já tenho ouvido dizer que mais valia termos conquistado Marrocos, que nos ficava á porta, do que irmos á India que ficava tão longe. Pois sim, mas o que era necessario era escolher. Ou uma cousa ou outra. Mas D. Sebastião, com aquella embrulhada, que elle tinha na cabeça, de idéas religiosas e de idéas guerreiras, não attendia a cousa nenhuma, nem fazia calculos nenhuns. O que elle queria era dar lambada nos Mouros, e, apesar dos conselhos de toda a

gente, levanta um pequeno exercito, e para o levantar custou-lhe, porque já não havia braços no paiz... co'a breca, que elles não chegavam para tudo! e abala-se para a Africa a pretexto de ir soccorrer um principe Mouro que tinha sido expulso do throno por seu tio!

Ah! meus amigos, aquillo era mesmo um doido que alli ia. A gente gosta de vêr um rapaz que tem o sangue na guelra, e que se atira para deante, embora faça asneira, mas é que D. Sebastião estava perfeitamente maluco. Era maluquice a empresa, foi maluquice o modo como a preparou, foi maluquice o modo como a dirigiu. Parecia que Deus, por umas poucas de vezes, o quizera salvar, e elle sempre a atirar comsigo de cabeça para baixo. Emfim, no dia 4 de agosto de 1578, deu-se a batalha á moda de seiscentos diabos, porque nem houve commando, nem houve nada. D. Sebastião atirou-se aos Mouros e não quiz saber de exercito, nem de cousa nenhuma. Emquanto pôde dar cutilada, deu. A flôr da fidalguia portugueza alli morreu, a que não morreu ficou prisioneira. Os soldados fugiram, uns por aqui outros por alli, e, quando a noticia chegou ao reino, imaginem que afflicção! Não se perdera só um rei, perdera-se a corôa, porque não havia herdeiros, e quem subiu ao throno foi o velho cardeal D. Henrique, tio avô do fallecido, que nunca fôra esperto e que estava até então meio apatetado. Ainda houve

quem dissesse que D. Sebastião não morrera, porque ninguem o vira cahir morto, e o cadaver que appareceu, e que se disse que era d'elle, estava tão desfigurado que se não podia conhecer. Assim lá ficou D. Henrique a governar, mas para que? Todos sabiam que a corôa era herança que não tardava. Quem a havia de apanhar? Quem tinha direito verdadeiro era a duqueza de Bragança, por ser filha de um irmão D. João III, D. Duarte; quem era mais sympathico ao povo era D. Antonio, filho bastardo de outro irmão de D. João III, D. Luiz; quem tinha mais fôrça era D. Philippe II, rei de Hespanha, filho de uma irmã de D. João III, D. Isabel. Ainda haviam outros que se diziam herdeiros, mas entre aquelles tres é que a lucta era séria. Ferviam as intrigas. D. Philippe tinha em Portugal um embaixador, e até por signel era Portuguez, D. Christovam de Moura, que comprava todos quantos se queriam vender, e bem parvos eram os que não iam ao mercado. As côrtes, chamadas por D. Henrique para decidir a questão, estavam já tão pouco costumadas a metter o seu bedelho 'n'essas questões, que disseram ao rei que decidisse como quizesse, apesar de berrar muito contra isso um Portuguez ás direitas, procurador de Lisboa, e que se chamava Phebo Moniz. O rei não decidiu cousa alguma. Morreu em 1580, e deixou o quartel general em Abrantes, tudo como d'antes. Nomeou governadores do reino

uns sujeitos que se tinham já vendido aos Hespanhoes, e que decerto iam escolher D. Philippe II. Mas, como se demorassem, este não esteve para os aturar, e mandou-nos cá um exercito commandado pelo duque de Alba. Vendo os Hespanhoes, o povo virou-se para D. Antonio, prior do Crato e bastardo do infante D. Luiz, e acclamou-o rei. Valente era elle, mas não era mais nada. Quiz resistir aos Hespanhoes com um punhado de gente que nunca pegára em armas. Batido em Alcantara, ás portas de Lisboa, depois de algumas horas de combate, fugiu para o Minho, por onde andou escondido, até que pôde safar-se para o extrangeiro. Philippe II entrou socegadamente em Lisboa, e era uma vez a independencia de Portugal.

— O que! estavamos Hespanhoes? perguntou furioso o Bartholomeu.

— Estavamos Hespanhoes, sim, meu amigo, e eu te vou explicar como é que tinhamos chegado a isso em tão pouco tempo. Em primeiro logar, creio que já sabem que D. João II abaixára a prôa de todo á nobreza, e d'ahi por deante os fidalgos ficaram sendo simplesmente creados do paço. O povo ajudára o rei a fazer essa obra necessaria, mas o rei, apenas se viu servido, deu-lhe para baixo, e el-rei D. Manuel começou a dizer que os foraes, que eram as leis por que se governam os concelhos, não estavam muito claros, e para os aclarar, reformou-os,

uer dizer, deu cabo d'elles. Em côrtes já se não falava senão de longe a longe. D'antes, pelo menos, para se lançarem tributos novos, sempre se reuniam as côrtes. D. Manuel não quiz que ellas se incommodassem por tão pouco, e, para lhes poupar trabalho, começou elle a deitar os tributos por sua conta. Ora isto é muito bom, emquanto as cousas vão correndo bem. O rei tem alli o seu povo manso como um leão domesticado, com as unhas cortadas e os dentes limados, mas, quando vêem as occasiões, o povo mette o rabinho nas pernas e não tuge nem muge. Para mais ajuda, a Inquisição concorria para terem todos pouca vontade de se mexer Os jesuitas, que tanto podiam fazer pela influencia que possuiam, não se importaram para nada com isso. Frades como elles eram, muito ligados entre si, e muito escravos do seu geral que estava em Roma, não tinham patria, a sua patria era a Companhia. Depois, vocês bem vêem que o reino não podia deixar de estar sem fôrças. Era um sahir de gente todos os annos para a Africa, para a India, para o Brazil, que era uma cousa por demais. No meio de tantas riquezas o paiz achava-se pobre. Havia muita gente rica e vadia, mas não havia lavoura, não havia fabricas, não havia nada, o dinheiro entrava por um lado para sahir pelo outro. Demais a mais tudo era pandega rasgada. Os Portuguezes vinham do Oriente descançar das suas fadigas. Tinham escra-

vos para o serviço, passavam os dias na amante vadiagem. Não ha cousa que mais deite a perder os homens. Por isso D. Philippe e o seu embaixador Christovam de Moura encontraram tudo pôdre.

Hão de vocês dizer: Pois então, só porque um rei morreu, e só porque se perdeu um exercito, que não era grande cousa, perdeu-se Portugal? É assim mesmo. Faltou o rei, faltou tudo, porque o povo nem já sabia de si, e as côrtes, quando não havia quem mandasse alguma cousa, nem sabiam o que haviam de fazer. Soldados portuguezes, os bons, estavam na India, e não bastavam; os que tinham voltado não pensavam senão na pandega. Tudo estava alluido na nação portugueza, veiu o empurrão de Alcacer-Kibir, foi tudo abaixo, e eu, meus amigos, não vou para baixo, vou para cima que são horas de me ir chegando ao pouso. Domingo continuaremos, porque já agora havemos de acabar, que lá dizer que eu tenho muita vontade de lhes contar a historia do que se passou no tempo dos Philippes, isso não tenho. Então é que Portugal perdeu a esperança de se levantar.

—Pois é pena que assim acabe o serão de hoje, observou o Francisco Artilheiro levantando-se de má vontade, porque até agora sempre a gente ia para casa com o sangue a ferver-lhe na guelra, só com a idéa do que tinham feito nossos paes por essas Africas e Indias.

— É verdade! é verdade! redarguiu com fogo o Bartholomeu, e agora vae-nos a ferver o sangue, mas é com a raiva de sabermos que os Hespanhoes fôram por algum tempo senhores e mandões cá n'esta terra, na nossa boa terra.

— Recolhe-se uma pessoa a val de lençoes, assim a modo macambuzio, murmurou timidamente o Manuel da Idanha.

— Pois não ha de ser assim, acudiu de repente o João da Agualva, já de pé e com a chamma da lareira a illuminar-lhe em cheio o rôsto contrahido por subito enthusiasmo, pois não ha de ser assim que sempre lhes quero falar n'um homem, que n'esse tempo viveu, e n'esse tempo morreu com a patria... como elle disse, e que bastava só elle, ainda que Portugal ficasse para todo o sempre debaixo da bota de Hespanha, para que ninguem ignorasse o que tinhamos sido e o que tinhamos feito. È que ha uns homens por este mundo, rapazes, dos quaes não lhes tenho falado, porque assim como assim não chega o tempo para tudo, nem eu tenho artes para lhes fazer perceber cá na minha linguagem mal amanhada, como é que esta gente que escreve concorre mais que ninguem para que um povo vá sempre andando a approximar-se cada vez mais do bem e da justiça. Mas este, rapazes, este é que é preciso que vocês conheçam para que leve cada um para sua casa, como quem leva um pouco de calor

d'esta lareira a espancar o frio, um pouco d'essa alma de poeta para que se não sintam de todo regelados pelas tristezas que acabei de lhes contar.

Calaram-se todos estupefactos, e mostrando claramente nas physionomias que não percebiam muito bem esta sahida energica do João da Agualva.

—Sim rapazes, e esse homem, por cuja bôcca parece que falava, em versos que são mesmo de uma pessoa se embasbacar, a alma cá do povo portuguez, esse homem que no momento em que Portugal morria, atirou por esse mundo fora um brado que se foi repetindo de lingua em lingua e de povo em povo, como além no monte Suimo a voz de uma pessoa se vae repetindo de quebrada em quebrada, esse homem, rapazes, foi Luiz de Camões.

—Camões! repetiram todos, como se este grande nome, que não era novo para elles lhes tivesse accordado lá dentro um mundo de sensações desconhecidas e grandiosas.

—Camões, sim, rapazes, o homem que andou por esses mares e por essas longas terras a naufragar e a combater, a passar inclemencias e a sentir saudades, e que de tudo que viu e que passou e de tudo o que leu e ouviu contar fez um livro em que parece que o sangue do povo está a bater em cada verso, como nos bate a nós o sangue nas veias,

no coração e no pulso. Ah! rapazes, dizem que os Judeus, quando estão afflictos, vão á sua Biblia e alli encontram allivio para tudo, e que os protestantes na Biblia tambem, mas na Biblia com a historia de Nossa Senhora acham amparo e consolação, pois eu, sem desfazer na palavra do Senhor, que é boa e santa, quando me sinto como Portuguez assim a modo amachucado, vou-me ao livro de Camões, e parece que crio alma nova. Vêem rapazes? Dizia-lhes eu, todo triste, que tinha morrido n'aquelle atoleiro dos Philippes o velho Portugal! Levaram-n'o á cova os traidores, mas, como a nossa alma sobrevive, quando vae o corpo á cova, assim tambem, se Portugal morria, lá ficava, rapazes, lá ficava, nos versos de Camões, viva, luminosa, heroica, a alma da nação.

Subira mais do que devia com a sua linguagem nos reptos do seu enthusiasmo o bom do João da Agualva. Mas não sei o que ha de prestigioso n'este nome de Camões, o que ha de electrico no enthusiasmo que elle inspira!... Esses pobres saloios que nunca o tinham lido decerto, sentiram-se como que exaltados pela palavra calorosa do João da Agualva, e foi não sei com que vago respeito que lhe apertaram, uns após outros, a mão ainda trémula e quente.

E o João da Agualva, ao sahir, depois de todos,

para se recolher a sua casa, ia recitando a si proprio aquelles versos sublimes do poeta:

> Esta é a ditosa patria minha amada,
> Á qual, se o céo me dá que eu, sem perigo
> Torne com esta empresa já acabada,
> Acabe-se esta luz alli commigo.

SETIMO SERÃO

Portugal durante o dominio hespanhol.—Philippe I.—Os falsos D. Sebastião.—Ultimos esforços do Prior do Crato.—Os Inglezes e Hollandezes no Ultramar.—A Invencivel Armada.—D. Philippe II.—Perda e restauração da Bahia.—Philippe III.— O conde-duque de Olivares e os privilegios das provincias.—Perda de Pernambuco.—Tumultos em Evora.—O duque de Bragança.—A conspiração dos fidalgos.—Revolução de 1 de dezembro de 1640.

—Meus amigos, disse o João da Agualva no domingo immediato, demorei-me e o resultado foi apanhar uma constipação, que ainda mal me deixa falar. Não quiz comtudo deixar de vir para se não perder este bom costume dos domingos, mas pouco tempo me demoro, e não farei mais do que contar-lhes a historia do que passou Portugal com o dominio dos Hespanhoes.

Se nós ao menos tivessemos passado para uma nação forte, com vida e com sangue, alguma cousa lucrariamos, mas a Hespanha estava peor do que nós. Parecia muito poderosa por fora, mas só havia podridão lá dentro. Depois andava em guerra com

a Europa toda, e n'essa guerra nos embrulhou para nossa desgraça.

Apesar dos pesares não cuidem vocês que tudo fôram rosas para o nosso rei Philippe I, que era em Hespanha Philippe II. Elle veiu com pésinhos de lã, prometteu respeitar as liberdades portuguezas, nunca nos dar por governadores senão Portuguezes ou principes da familia real, jurou quanto quizeram, mas o povo não andava satisfeito, e, como não tinha a quem se encostar, pensava em D. Sebastião, o *Desejado*, como lhe chamavam. Assim que apparecia um homem que tinha alguma parecença com o rei fallecido, diziam logo que era elle, de forma que os Hespanhoes estavam sempre em sobresalto. Por isso o rei de Penamacôr e o rei da Ericeira, uns pobres homens que o povo embirrou em querer que fôsse cada um d'elles D. Sebastião, e que tomaram o caso a sério, provocaram os seus tumultos, sendo os da Ericeira um poucochinho graves. Passados tempos ainda appareceram lá fora, em Hespanha e em Italia, dois homens que diziam ser D. Sebastião, e que lograram muita gente, mas esses eram verdadeiros intrujões que nem mesmo pensavam senão em comer á barba longa, á custa dos freguezes. O tal amor ao D. Sebastião foi-se pegando a ponto que começou a formar-se uma seita que ainda ha pouco tempo durava, a seita dos sebastianistas, que acreditavam que D. Sebastião havia de apparecer

n'um dia de nevoeiro para governar em Portugal. Eu ainda conheci um sebastianista.

— E eu tambem, acudiu o Bartholomeu.

— Já vêem que não minto. Mas d'esse D. Sebastião não ha de vir mal ao mundo, nem bem que é o peor. D. Antonio tambem trabalhava pela sua banda, e, como a ilha Terceira o acclamára rei, foi-se lá metter e arranjou soccorro de França, mas os Hespanhoes bateram a esquadra Franceza, e tomáram a ilha. Depois arranjou soccorros da rainha de Inglaterra, que mandou uma esquadra a Lisboa, mas os Inglezes foram repellidos, e D. Antonio, descoroçoado de todo, foi morrer a Paris em 1595.

Mas querem voces vêr o que nós ganhamos com o estar juntos á Hespanha? Foi termos á perna os Inglezes e os Hollandezes, que principiaram a sacudir-nos da India, e que então aos nossos navios faziam guerra mortal. Ia tudo pela agua abaixo, e, para mais desventura, Philippe lembra-se de mandar contra a Inglaterra uma esquadra immensa, a que chamou «a Invencivel Armada, e que sahiu do porto de Lisboa. A armada perdeu-se e lá se fôram os nossos melhores navios. Philippe morria em 1598, e succedia-lhe Philippe II aqui e III em Hespanha. Se as cousas tinham ido mal até ahi, então fôram peor. A Hespanha ia a Deus e á ventura, e nós atraz d'ella. O governo hespanhol, que mal cuidava de si, não cuidava nada de nós. Os Inglezes e os Hollan-

dezes tomavam-nos quasi tudo o que tinhamos na India, e estes ultimos tambem se mettiam no Brazil comnosco. Grandes façanhas ainda se faziam, é verdade, e da Bahia, por exemplo, fôram os Hollandezes expulsos, mas quando Phillippe II morreu em 1621, já o nosso poder não era nem a sombra do que tinha sido.

Succedeu-lhe Philippe III, e esse tinha um primeiro ministro chamado conde-duque de Olivares, que imaginou que havia de acabar com os privilegios das provincias, principalmente com os de Portugal. Não pensava n'outra cousa, de forma que deixava ir as colonias, e no Brazil já os Hollandezes tinham tomado raizes, e estavam senhores de Pernambuco. Mas os Portuguezes começaram a achar a brincadeira pesada e a refilar ao Olivares. Em 1637 rebentou uma revolta em Evora, foi logo apagada, mas com muito sangue. Peor para o caso. Os fidalgos, que andavam tambem damnados, principiaram a conversar com o duque de Bragança, D. João, e a apalpal-o para vêr se elle quereria a corôa. O duque não dizia nem que sim, nem que não. N'isto a Catalunha, que tambem não perdoava ao Olivares a sem-cerimonia com que elle lhe queria tirar os seus antigos privilegios, revolta-se. Bella occasião! Os fidalgos, em Lisboa, sentiam-se cada vez mais dispostos a mandar os Hespanhoes para o diabo. O Olivares não fazia senão

desesperal-os e atiçal-os. Tinha-lhes dado por governadora a duqueza de Mantua, e para secretario do governo um Portuguez, Miguel de Vasconcellos, que era mais damnado contra os seus patricios do que se fôsse Hespanhol. Emquanto deixava perder as colonias portuguezas, Olivares levava os nossos fidalgos e os nossos soldados para as guerras de Flandres e da Catalunha. Lembra-se emfim de dar ordem ao duque de Bragança para que vá para Madrid. Então é que já se não podia estar com pannos quentes. Os fidalgos dizem ao duque de Bragança: Ou acceita a corôa, ou nós pomo-nos em republica. O duque, afinal, disse que sim. Com a breca! aquillo foi um momento. Era um punhado de homens, os que andavam assim a conspirar; elles não sabiam se podiam contar com o povo, nem se não pudiam, conspiravam ás claras, que parece que em Lisboa todos sabiam da conspiração menos os Hespanhoes; reuniram-se umas vezes em casa de João Pinto Ribeiro, outras vezes em casa de D. Antão de Almada, no jardim. No dia 1 de dezembro de 1640 sáem todos para o meio da rua. Eram quarenta, pouco mais ou menos. Chegam ao paço, matam o Miguel de Vasconcellos, agarram na duqueza de Mantua e fecham-n'a á chave, desarmam a guarda, abrem as janellas, e dizem a quem ia passando: Viva o duque de Bragança, rei de Portugal! viva o sr. D. João IV! O povo diz-lhe cá de baixo: Viva!

e viva e viva! e eram uma vez os Hespanhoes, e d'aqui a pedaço estava tudo tão socegado como se não tivesse havido cousa nenhuma, e os Hespanhoes tinham desapparecido; e aqui teem vocês como se faz uma revolução quando ella está na vontade de todos. Digo-lhes, rapazes, que este dia 1 de dezembro consola uma pessoa. Parecia que o paiz não tinha feito senão accordar de um pesadello. Aquillo foi só saltar da cama abaixo, e elle ahi estava de pé, todo pimpão como em outros tempos. E sabem vocês porque isto foi? E' porque as nações são como as espadas, onde enrijam é na bigorna.

OITAVO SERÃO

Unanimidade da revolução.—Preparativos de resistencia.—Organisação militar do paiz.—As allianças.—Relações de Portugal com a Hollanda.—Restauração de Pernambuco e de Angola, e perda de Ceylão. — Conspirações contra D. João IV. — Guerra da Restauração.—Batalhas de Montijo e de Telena.—D. Affonso VI.—A sua educação e a sua indole.—Regencia da rainha D. Luiza.—Antonio Conti.—O conde de Castello Melhor. —Continuação da guerra. — Cerco de Badajoz. — Batalha das linhas de Elvas —Paz entre a Hespanha e a França. — Campanhas de D. João de Austria. — Schomberg. — Victorias do Ameixal, Castello Rodrigo e Montes-Claros.— Planos do conde de Castello Melhor.— Intrigas do Paço.— Casamento, desthronamento e divorcio vergonhoso de D. Affonso VI.—Regencia do infante D. Pedro.— Casamento com a cunhada.—Tratado de Methwen.—Guerra da successão de Hespanha.—D. João V. As minas do Brazil.—Desperdicios, beaterio e immoralidades.

— Meus amigos, principiou no outro domingo o João da Agualva, e já ninguem o interrompia, tal era o interesse com que todos seguiam a sua narrativa; o que succedeu na capital, succedeu no reino todo. Aquillo foi chegar a noticia do que se passava em Lisboa, e de um momento para o outro desappareciam os Hespanhoes, e tornava tudo a ser Portugal. Poupámos-lhes, muita despesa em correios, porque logo souberam pelo primeiro, que Lisboa se tinha revoltado, que tinha vencido, que reinava em Portugal D. João IV, e que a Hespanha, do Minho

para baixo, e do Caya para o occidente, já não possuia nem um palmo de terra. Querem vocês saber como o conde-duque de Olivares deu a noticia ao patrão? Foi d'esta maneira: Dou os parabens a Vossa Majestade; acabam de lhe entrar uns poucos de milhões no bolso. — Como assim? perguntou o rei que estava a jogar, e que não desgostaria de que lhe sahisse d'essa maneira a sorte grande de Hespanha. — Porque o duque de Bragança, tornou o ministro, acaba de se revoltar, e de se se fazer rei de Portugal; e, como temos de lhe tirar os bens e de lhe cortar a cabeça, fica Vossa Majestade mais rico. O rei não gostou muito d'este modo de enriquecer, e ainda olhou para os parceiros a vêr se alguem lhe dava quatro vintens pela herança. Nenhum cahiu n'essa.

Isso era muito bom, mas Portugal é que não vivia de cantigas. A Hespanha era então ainda maior do que hoje é, se ella nos cahisse em cima, estavamos promptos. De que precisavamos nós? De dinheiro, de soldados e de allianças. Tratou-se logo de tudo. Dinheiro votaram as côrtes quanto se quiz; para arranjar soldados fez-se uma obra fina que nunca ninguem até ahi tinha feito, e que foi pôr toda a gente em armas. E como? dividiu-se o reino em tres linhas; a primeira de soldados, que se chamavam pagos, a segunda de milicianos, e a terceira, que era a dos velhotes, de ordenanças. Uns iam

á guerra, os outros ajudavam-nos em sendo preciso, sahindo, o menos que pudesse ser, dos seus sitios, e finalmente os ultimos defendiam as suas terras, porque isso, atraz de um muro, todos fazem figura. Digo-lhes, rapazes, que aquillo é que foi uma idéa, e olhem que não nos serviu só então, tambem na guerra da peninsula foi o que nos valeu, e, aqui para nós, não me parece que fizessem muito bem em deitar abaixo aquella historia. Estava já tudo costumado, e quando vinha uma guerra, saltava toda a gente para o meio da rua; e olhem que isto de estar um homem dentro de casa, de espingarda na mão, dá que fazer aos mais pintados. E logo se viu.

Quanto a allianças tambem não faltaram; é verdade que não serviam de muito, porque cada um cuidava de si. A França, prompta, o que ella queria era abaixar a prôa á Hespanha, mas, como tambem lá andavam em guerra com os Hespanhoes, o mais que fez foi consentir que arranjassemos officiaes francezes pelo nosso dinheiro; a Inglaterra, a mesma cousa, muita festa para a festa, mas andava embrulhada em guerras civís, não mandou para cá nem um navio. Então a Hollanda ainda foi peor, isso... recebeu o nosso embaixador de braços abertos, poz luminarias, achou que tinhamos feito muito bem, mas, quando o embaixador lhe disse: «Então agora que estamos amigos, venham para cá as

nossas colonias, que são nossas e não dos Hespanhoes», a Hollanda exclamou; «As colonias! ah! sim! nós somos tão amigos d'ellas! Estão já acostumadas comnosco! até tinhamos pena de as deixar». E acrescentava o embaixador: «Mas então, c'os diabos, ao menos não nos tomem mais nenhuma.» — «Não tomamos, dizia a Hollanda, isso nunca. Ora agora sabem vocês? as colonias são como as cerejas. O caso é apanhar uma». Ah! elle é isso! disseram os Portuguezes comsigo, pois então vamos a ellas. E, zás, rebenta uma revolta em Pernambuco, e os Brazileiros a berrarem: Viva D. João IV! A Hollanda chamou o nosso embaixador: «Então que diabo é isso? nós somos amigos e fazem-nos uma partida d'estas!» — «Patifes! dizia o embaixador. Aquillo é do sol! esquenta-lhes a cabeça, e dão por paus e por pedras. Mas aqui para nós, se elles dizem: Viva D. João IV, não havemos de lhes ir dizer: Morra D. João IV! Não nos ficava bem.» — «Pois sim, mas digam-lhes que estejam quietos.» — «Pois isso dizemos nós». E D. João IV mandava para lá armas e officiaes, e dizia-lhes: «Ahi vae isso, que é para vocês estarem quietos», E em poucos annos estavamos senhores de Pernambuco, e os Hollandezes na rua.

D'ahi a tempos, Salvador Correia de Sá ia a Angola e punha fora os Hollandezes que nos tinham tomado esse reino. — «Então isto que vem a ser?

bradaram os Hollandezes, então os senhores vão de proposito do Brazil a Angola para nos sacudir!»—«Quem é que fez isso? perguntava o embaixador.—«Salvador Correia de Sá.»—«Sim! pois estejam vocês descançados, que lhe vamos já perguntar pelo correio, que diabo de lembrança foi essa. Em vindo resposta cá lh'a mandamos. E a proposito, sr.ª Hollanda, vocês tomaram-nos Ceylão?»—«Tomámos Ceylão mas que defesa! Antonio de Sousa Coutinho defendeu-se maravilhosamente. Os nossos generaes são todos accordes que nunca encontraram resistencia tão desesperada! Quando escreverem para lá, mandem os nossos parabens ao sr. Antonio de Sousa Coutinho e recommendações aos amigos.»

E era assim que nós estavamos com a Hollanda; abraços na Europa e lambada lá por fora.

Houve só duas côrtes que não quizeram nunca reconhecer a independencia de Portugal; uma foi a côrte de Roma, que estava toda nas mãos dos Hespanhoes, e a outra a da Allemanha, cujo imperador era da mesma familia que a do rei Philippe. E fizeram-nos transtôrno: a primeira porque estavamos assim a modo excommungados, a segunda por uma patifaria que praticou o imperador, mandando prender sem mais nem menos o principe D. Duarte de Bragança, irmão de D. João IV, que andava por lá na guerra contra os Turcos, e que tanta conta nos

faria em Portugal. Morreu na cadeia o pobre rapaz por causa de nós, e da traição do tal imperador.

Em Portugal, ao principio, tinha ido tudo bem, mas, assim que passou aquelle primeiro fogo, houve muitos que começaram a pensar no caso e que disseram comsigo: «Isto foi uma grande asneira. Vem ahi os Hespanhoes e dão cabo de todos nós. O melhor é pôrmos as costas no seguro, e, antes que elles venham ter comnosco, vamos nós ao encontro d'elles, que sempre apanharemos alguma cousa.» E n'isto desatam a conspirar contra D. João IV. Fôram castigados cruelmente. Morreram muitos com a cabeça cortada, e mais nem todos eram culpados. Mas que querem vocês? A mania de D. João IV era que o não tomariam a serio como rei em Madrid, emquanto não mandasse cortar a cabeça a alguem.

Pois em primeiro logar visse bem a quem matava, e em segundo logar eu sempre ouvi que os reis, quando são mais reis, é quando perdôam. E, além d'isso, os Hespanhoes quando tomaram a serio D. João IV não foi quando elle mandou cortar a cabeça a fidalgos portuguezes, mas quando os soldados portuguezes lhes começaram a esfregar as costas a elles.

Lá que os taes conspiradores tinham razão em estar com mêdo, isso tinham, porque parecia mes-

mo impossivel que Portugal resistisse. Tambem o que nos valeu foi a asneira dos Hespanhoes, que nos primeiros dois annos não fizeram senão dar um rebate falso a uma praça, atacar outra, escaramuçar aqui, disparar uns tiros além. Parecia que estavam incumbidos por D. João IV de fazer andar os nossos soldados na recruta. Em 1644 é que, pela primeira vez, fizeram assim movimento mais serio, mas já tinhamos então soldados velhos, commandados por um bom general, Matthias de Albuquerque, e os amigos Hespanhoes levaram a primeira sova mesmo lá na sua terra, em Montijo; em 1646 nova batalha em Telena, mas n'essa perdemos nós mais do que lucrámos, ainda que os Hespanhoes com isso nada ganharam tambem, porque voltaram á costumeira antiga. Emfim, para encurtar razões, quando D. João IV morreu, em 1656, estavamos havia dezeseis annos n'aquella brincadeira, hoje iamos nós á Hespanha e apanhavamos gado, ámanhã vinham elles cá e levavam-nos o nosso. Mas quem lucrava com isso? Eramos nós, porque os nossos milicianos, e as nossas ordenanças iam-se costumando á guerra, e cada vez este boccadinho de Portugal se ia tornando para Hespanha mais duro de roer.

Em 1656 morreu pois D. João IV, como eu lhes disse, e succedeu-lhe seu filho D. Affonso VI, a quem chamaram o *Victorioso*, como chamaram a

D. João IV o *Restaurador*, mas emfim a este com mais um boccadinho de razão.

D. Affonso IV não era o filho mais velho, mas o mais velho, um rapazito que dava esperanças, Theodosio, morrera em 1653, D. Affonso VI fôra desde creança muito doente, nunca pudera apprender cousa alguma e tivera uma educação muito descuidada. O seu gôsto era ir brincar com os garotos que iam para debaixo das janellas do paço, e, quando foi homem, andava em pandegas pela cidade, com uma roda de facinoras que faziam tudo o que queriam á sombra d'elle, a ponto que até havia mortes nas ruas de Lisboa! Como ainda era pequeno quando seu pae morreu, ficou regendo o reino sua mãe D. Luiza de Gusmão, uma Hespanhola muito decidida, que diziam até que fôra quem mais concorrêra para o marido acceitar a corôa. A regente lá foi governando com acêrto, emquanto o rapazote andava ao laré com um tal Antonio Conti, que lhe soubera conquistar a amizade. A rainha um dia pegou n'esse Antonio Conti, e ferrou com elle desterrado no Brazil. Ó diabo que tal fizeste! o pequeno zanga-se, e, quando o conde de Castello Melhor lhe disse que era bom que começasse a governar por si, porque tinha já chegado á maioridade, D. Affonso, para pregar pirraça á mãe, acceitou; eu não louvo o conde de Castello Melhor por ter aconselhado esta acção, mas a verdade é que D. Affonso VI já

estava na edade de governar, e que, se não podia dirigir os negocios, sempre era melhor que por elle os dirigisse um homem como o conde de Castello Melhor, que tinha uma excellente cachimonia, do que a rainha, que, apesar de ser esperta, sempre era senhora, e por isso menos capaz de governar o reino em tempo de guerra.

Bem conheço que D. Affonso VI era um mau rei, que não tinha juizo, que se entregava a divertimentos indecentes e até criminosos, mas uma qualidade tinha elle, percebia perfeitamente que não sabia cuidar do reino, e deixava o Castello Melhor fazer tudo quanto queria. Ora o Castello Melhor era uma das melhores cabeças que têem governado o nosso paiz, como vocês vão vêr, porque é bom que saibam o que se passára na guerra.

Logo depois da morte de D. João IV, um general portuguez, João Mendes de Vasconcellos, fizera grande asneira. Vendo que os Hespanhoes andavam só a fazer fosquinhas, disse comsigo: Não nos hão de conquistar, e havemos de ser nós que os conquistaremos a elles. Junta um exercito magnifico, e vae cercar Badajoz. Ainda alli ganhámos uma batalha, que foi a do forte de S. Miguel, mas afinal tivemos de levantar o cêrco, depois de havermos perdido inutilmente a flôr dos nossos soldados. Ora o que succedeu? Foi que, no anno seguinte, quero dizer, em 1659, os Hespanhoes, picados com o nosso

atrevimento, sahiram da sua pachorra, juntaram um exercito formidavel commandado pelo proprio ministro do rei, D. Luiz de Haro, vieram sobre Portugal e cercaram Elvas. A cousa esteve phosphorica, porque os nossos melhores soldados tinham ficado extendidos deante de Badajoz, e andava isto por cá muito desarranjado. Mas para alguma cousa haviam de servir os dezenove annos de guerra. Em primeiro logar Elvas, governada por D. Sancho Manuel que foi depois conde de Villa Flôr, defendeu-se admiravelmente, em segundo logar o conde de Cantanhêde, depois marquez de Marialva, como não tinha outra gente, reuniu um exercito quasi todo de milicianos e saltou nos Hespanhoes que cercavam Elvas. Foi no dia 14 de janeiro de 1659 que se deu a batalha, conhecida pelo nome de batalha das linhas de Elvas, e nunca os Hespanhoes apanharam tamanha pilota. Os prisioneiros fôram aos milhares, artilharia, bagagens, tudo nos cahiu nas mãos, e o proprio D. Luiz de Haro escapou-se por um fio. Tambem nunca mais nos perdoou aquella sova, e, quando n'esse mesmo anno foi fazer a paz com a França, deu aos Francezes tudo quanto elles quizeram, só com uma condição — a de se não falar em Portugal. Era patifaria graúda do ministro francez, um padre, um tal cardeal Mazarino, porque as tareias que davamos nos Hespanhoes tinham feito muita conta aos Francezes. Mas o Mazarino

foi apanhando o que pôde, e pouco lhe importou mandar-nos á fava.

Vêem vocês a situação em que ficámos. Quando começámos a guerra com a Hespanha, estava ella em guerra tambem com quasi toda a Europa, o que não era máu para nós. Em 1648 fez a paz com muitas nações, e isso não foi lá muito bom, porém, como a França continuava em guerra, e essa só por si dava mais que fazer á Hespanha do que todas as outras juntas, ainda a cousa não ia mal; mas agora? A França fazia a paz, quasi que se alliava com os Hespanhoes, porque o rei de França, Luiz XIV, casava com uma princeza hespanhola, e nós é que ficavamos em campo, com a Hespanha ás costas. Ella ainda esteve dois annos a apalpar-nos, mas em 1662 rompeu o fogo com alma. Poz um dos seus melhores generaes, D. João de Austria, filho bastardo do rei, á frente dos seus exercitos, e cahiu em cima de nós com todo o seu pêso.

Ora foi exactamente em 1662 que entrou no poder o conde de Castello Melhor, e foi sobre elle que desabou esse temporal desfeito. Nunca Portugal se vira em tão máus lençoes. D. João de Austria tomava praças sobre praças, e na campanha do anno immediato, 1663, quasi que chegava ás portas de Lisboa. Mas o ministro fizera o diabo, parece que até das pedras tinha feito soldados. Depois, como Mazarino era um finorio, que não desgostava

de jogar com páu de dois bicos, ao passo que contentava a Hespanha, mandava-nos para cá os officiaes que podia, entre elles o conde de Schomberg, que era um general de mão cheia. Não commandou nunca em chefe, porque os nossos não gostavam, e tinham razão, que elles já haviam dado provas de que não precisavam de tutores; mas foi um excellente conselheiro. O que é certo, meus amigos, é que, em tres annos successivos, em que os Hespanhoes fizeram todos os esforços para dar cabo de nós, levaram tres sovas mestras; a primeira deu-lha em 1663 o conde de Villa Flor na batalha do Ameixial, a segunda em 1664 Pedro Jacques de Magalhães na batalha de Castello Rodrigo, a terceira em 1665 na batalha de Montes Claros, o marquez de Marialva. D'ahi por deante nunca os Hespanhoes levantaram cabeça, e não pensaram mais em tomar conta outra vez de Portugal.

Ora o conde de Castello Melhor tinha uma grande idéa; dizia elle comsigo: os Hespanhoes levaram tanta pancadaria, que, se fazemos a paz com elles, ficando nós simplesmente com o que tinhamos ao principio, pode-se dizer que fomos logrados. Demais a mais Portugal é pequeno, a Hespanha é grande; em qualquer bulha que tivermos estamos de máu partido. É necessario fazer Portugal maior e a Hespanha mais pequena. E toda a sua tinêta era obrigar os Hespanhoes a dar-nos a Galliza. E o

que fazia elle então? Encostava-se a Luiz XIV, rei de França, que andava namorando umas provincias hespanholas lá de Flandres. Casava D. Affonso VI com uma princeza franceza, e dizia comsigo: Mais dia menos dia, Luiz XIV pega-se com a Hespanha. Nós vamos com elle. A Hespanha leva para o seu tabaco a valer. Elle fica com as provincias que quizer, até com a Flandres toda, se lhe fizer conta, e nós com a Galliza, e com mais alguma cousa se poder ser.

— E era bem pensado, sr. João da Agualva, observou o Bartholomeu, porque é que não havia de ser nossa a Galliza?

— Tens raãzo, e já vês que, se nós tivessemos a Galliza tambem, não estavamos sempre com mêdo de ser engulidos pelos vizinhos. Mas que queres tu? Entretanto iam grandes intrigas no paço. A rainha, que era uma princeza toda *liró* e toda costumada ás janotices da côrte de Luiz XIV, achando-se casada com um homem que só se dava bem com moços de cavallariça, e que de mais a mais era tão doente que nem marido podia ser, principiou a desgostar-se, e ao mesmo tempo a agradar-se do infante D. Pedro, rapaz desempenado, que tambem não desgostava da francezita. Pensaram em se juntar e governar o paiz. Principiaram as intrigas. Tanto fizeram que conseguiram pôr fora o conde de Castello Melhor. Desamparado, o pobre D. Affonso VI

não tardou a ser expulso do throno, e até o descasaram, coitado! Foi necessario para isso um processo que é uma vergonha, e realmente não posso perceber como foi que uma rainha se deixou assim andar nas bôccas do mundo!... Emfim, o que é certo é que desterraram o pobre D. Affonso VI, mandando-o para a ilha Terceira; prenderam-n'o depois em Cintra, onde morreu, e a rainha casou com o cunhado, e este ficou a governar o reino. Eu já lhes disse, rapazes, que bem conheço os defeitos de D. Affonso VI; mas o pobre homem, que era mesmo uma creança, que se não importava para nada com a politica,que tivera a fortuna de acertar com um bom ministro que governava por elle e governava bem, não merecia que lhe fizessem semelhante entrega! Mette dó, porque elle nem sabia defender-se, andava alli como o menino nas mãos das bruxas.

E o irmão, que lhe tirára a corôa, e que lhe tirára a mulher, nem ao menos lhe dava a sua liberdade, nem lhe consentia que espairecesse. Tinha-o prêso n'um quarto em Cintra, e alli o deixou morrer de aborrecimento e de desgôsto, a elle que nunca fizera mal a ninguem senão com as suas tôlas rapaziadas.

Emfim, passemos adeante! O que é certo é que isto succedeu em 1667, e logo no anno seguinte de 1668 fazia-se a paz com a Hespanha, sem lucro nenhum para nós, porque nem ao menos apanhava-

mos a praça Africana de Ceuta, que era tão nossa, por causa da qual morreu no captiveiro o Infante Santo, e que em 1640 não conseguira livrar-se dos Hespanhoes.

Tanto se empenhára em governar o reino o sr. D. Pedro II, que desde 1667 até 1683, anno em que morreu D. Affonso VI, só tomou o titulo de regente, e afinal de contas não fez senão tolices. Demais a mais algumas cousas boas que deixou fazer, logo as desmanchou. Um ministro que elle teve, o conde da Ericeira, quiz vêr se fundava fabricas em Portugal, mas em 1703 um tratado com a Inglaterra, conhecido pelo nome de tratado de Methwen, que este era o nome do embaixador que o assignou, deu cabo da nossa industria. Conservou-se em paz, tanto que lhe deram o nome de *Pacifico*, e vae no fim do seu reinado mette-se sem mais nem menos na guerra da successão de Hespanha, favorecendo D. Carlos da casa de Austria contra D. Philippe da casa de Bourbon. Como tinhamos então um excellente general, que era o marquez das Minas, deu-nos este o gostinho de entrar victorioso em Madrid, e de proclamar alli D. Carlos, rei de Hespanha; mas esse gostinho não tardámos a amargal-o, porque, morrendo D. Pedro II no dia 1 de dezembro de 1706, logo no dia 25 de abril de 1707 era o marquez das Minas batido na batalha de Almanza com graves perdas para nós, tanto que até o fim da guer-

ra pode-se dizer que nunca mais levantámos cabeça.

Subiu ao throno D. João V, e eu, para lhes dizer a verdade, o que não posso perceber é como ha historiadores que gabem aquelle rei. Cá para mim foi um dos peores que nós tivemos. Possuia algumas qualidades que não eram de todo más, era porém o mesmo que se as não tivesse, porque não pensava senão no beaterio, e em obras grandes e magnificas, que a maior parte das vezes para nada serviam. Logo por desgraça foi n'esse reinado que começaram a render rios e rios de dinheiro as minas do Brazil, e tudo era pouco para o rei que não cuidava senão de si e nada do reino. Por exemplo, achou-se embrulhado com a Hespanha e com a França n'uma guerra que no seu tempo não foi senão desastrosa. Uns corsarios francezes deram-nos cabo do Rio de Janeiro e levaram-nos umas riquezas espantosas. Pois não encontrou aquelle homem uns poucos de navios para saltarem tambem nas colonias francezas, ou para protejerem as nossas! Em fim! se os não tinhamos, paciencia! Mas d'ahi a pouco sahiu de Lisboa uma excellente esquadra em soccorro do Papa, commandada pelo conde do Rio Grande, esquadra que foi bater os Turcos no cabo Matapan! Ora vêjam se ha um patarata assim! Annos depois, por causa de uns insultos feitos em Madrid ao nosso embaixador, está para rebentar a guerra com a

Hespanha. Fazem-se preparativos, e vê-se que não temos nem exercito, nem marinha. De que tratou logo D. João IV? De comprar armamento? Qual historia! De mandar fazer em Paris, para si, uma barraca de campanha muito rica, e tão luxuosa que toda a gente a ia vêr!!

Não tinhamos estradas, não tinhamos rios canalisados, não tinhamos desentulhados os portos, não tinhamos nada do que nos era necessario, mas tinhamos aquella monstruosidade do convento de Mafra que custou 120 milhões de cruzados, que não serve para cousa nenhuma, e que nem ao menos é bonito. Dizem que gostava muito de imitar Luiz XIV, mas o que me dizia o engenheiro francez que esteve aqui em Bellas, é que Luiz XIV mandava ir sabios para França, dava pensões aos sabios extrangeiros, e este o que dava era dinheiro para egrejas, e o que mandava vir era de Roma bullas e capellas. Dizem que nunca deixou ás nações extrangeiras pôr pé em ramo verde comnosco. Quem lhe valeu para isso fôram os diplomatas que teve, que nunca em Portugal os houve tão bons, e tambem o ser tão orgulhoso que ia aos ares só com idéa de que mangavam com elle.

Mas no mais não me falem em D. João V, que até me sobe o sangue á cabeça. Pois vocês conhecem cousa que mais indigne do que ir um homem alli para Lisboa, no campo da Lã, vêr os inquisi-

dores queimar gente de bem, ou porque não gostavam de toucinho, ou porque nem sempre iam á missa, e depois montar a cavallo, para se metter em Odivellas na cella de uma freira e passar alli a noite? Eu digo que me chega a parecer nem sei o quê uma malvadez assim.

Morreu em 1750 esse rei que não fez nada bom em Portugal, a não ser as Aguas-Livres. Pouco mais dinheiro gastou que se pudesse dizer que fôsse bem gasto. E digo-lhes que, se vocês olharem para o paiz, até lhes ha de fazer pena. A nobreza já não se compunha senão simplesmente de creados do paço, o clero immenso e corrompido enchia o reino com os seus padres e os seus conventos, e conservava o povo n'uma ignorancia completa, o povo, miseravel, vadio, ou emigrava para o Brazil, ou pedia esmola ás portarias dos conventos, ou sentava-se ao sol. Tinhamos chegado ao mais baixo a que podiamos chegar. Felizmente, quando uma nação desce a tal ponto, sempre apparece alguem que a levante e esse, eu, para o outro domingo, lhes direi quem foi. Por hoje basta. Quando falo no sr. D. João V, o *Magnifico,* e penso no mal que elle fez ao paiz, fico sempre macambuzio, e então o melhor é ir-me deitar.

NONO SERÃO

D. José I.—As transformações sociaes.—O marquez de Pombal e a revolução.—Terremoto de 1 de novembro de 1755.—As grandes reformas de Sebastião de Carvalho.—Expulsão dos jesuitas.—Agricultura.—Industria.—Inquisição.—Christãos novos e christãos velhos.—Politica extrangeira.—Energia com Roma e com Inglaterra.—Reconstrucção de Lisboa.—Estatua de D. José.—Attentado contra o rei.—Supplicio dos Tavoras.—D. Maria I.—Reacção contra as medidas do marquez de Pombal.—Processo do grande ministro.—Pina Manique.—Francisco de Almeida.—Martinho de Mello.—Loucura da rainha.—Regencia do principe D. João.—A Republica Franceza.—Campanha do Roussillon.—Campanha de 1801.—Napoleão e o tratado de Fontainebleau.—Fuga da familia real para o Brazil.—Guerra peninsular.—Congresso de Vienna.—D. João VI.—Conspiração de 1817.—Revolta de Pernambuco.—Revolução de 1820.

—Hão de vocês notar, rapazes, observou o João da Agualva mal todos se sentaram no domingo seguinte em tôrno da lareira, que, em estando para haver uma grande mudança na sorte dos homens, parece que todos, sem o querer e sem o saber, trabalham para essa mudança, desejando fazer muitas vezes exactamente o contrario. Por exemplo, lembram-se vocês que alli por 1500 é que os reis se fizeram senhores absolutos, porque acabaram com os privilegios da nobreza, e com as fôrças do povo. Quem

é que contribuiu para isso? O povo, que ajudou o rei a dar cabo dos nobres. Agora encaminha-se tudo para a liberdade e para a egualdade, e quem é que no nosso paiz vae concorrer mais para semelhante cousa? O marquez de Pombal. Dir-me-hão vocês: Então o marquez de Pombal era algum liberalão por ahi além como os de vinte? Qual historia. Era um tyranno e dos mais ferozes que nunca houve, mas, sem o querer e sem o saber ninguem mais do que elle trabalhou pela liberdade.

Em primeiro logar hão de vocês saber que o rei D. José, que subiu ao throno por morte de seu pae D. João V, quasi que não conhecia o marquez de Pombal, que já era homem dos seus cincoenta annos, e que tinha andado por fora como embaixador, ora em Londres, ora em Vienna de Austria, onde casára com a filha de um figurão austriaco. Quem metteu empenhos para que elle fôsse ministro foi a mãe de D. José, D. Mariana se chamava ella, archiduqueza de Austria, e por isso amiga da mulher do marquez, que então se chamava simplesmente Sebastião José de Carvalho e Mello. Era um ministro como os outros, e o rei não fazia mais caso d'elle do que fazia dos seus collegas, quando de repente acontece uma grande desgraça em Lisboa, que veiu a ser o terremoto do dia 1 de novembro de 1755. A cidade foi quasi toda a terra, morreram muitas mil pessoas, outras ficaram a pedir es-

mola, e sobretudo reinava um terror tamanho que ninguem sabia o que havia de fazer nem para onde se havia de virar. O Sebastião de Carvalho não perdeu a tramontana. Toma elle a direcção de tudo, arranja sustento, enforca ás portas da cidade quantos ladrões apanha, porque isso então era uma praga, trata do desentulho, e logo em seguida de reconstruir a cidade, isto com uma actividade, com um desembaraço, com um acêrto, que D. José disse comsigo: Temos homem? D'ahi por deante quem governou foi elle, e é de uma pessôa pasmar vêr o que fez. Até ahi os governos, para falar a verdade, em quem menos pensavam eram no povo e no paiz. O dinheiro do Estado não servia senão para elles fazerem o que lhes agradava, e por feliizes se podiam dar os povos quando lhes dava o capricho para cousas uteis. Sebastião José de Carvalho e Mello tratou do paiz e mais nada. Ora de que é que o paiz precisava?

Precisava, primeiro que tudo, de acabar com as despesas no gôsto das que fazia el-rei D. João V, que era umas mãos rôtas com fidalgos e com egrejas.

Precisava de poder pensar e estudar, sem ser sempre debaixo da palmatoria dos frades e dos jesuitas.

Precisava de acabar com a Inquisição, porque era uma vergonha que ainda se queimasse gente em Portugal só porque não ia á missa.

Precisava de ter exercito e de ter marinha.

Precisava de ter industria.

Precisava de ter lavoura.

E nada d'isto elle tinha.

Sebastião de Carvalbo via estas cousas e disse comsigo: Mãos á obra. Ora digam-me vocês: Quando chegam a uma quintarola que compraram e vêem tudo estragado: os pardaes a darem cabo da fructa, as searas a morrerem á sêde, a terra fraca por falta de estrume, as hervas ruins a afogarem o trigo, o que é que fazem? Arregaçam as mangas e dizem: Vamos a isto. E sacham as hervas, sem dó nem piedade, e saltam ao tiro nos pardaes até os pôrem fora, e deitam estrume na terra, e levam a agua da rega para as searas, e levantam os muros arrasados, e enxotam os porcos que lhes vinham fossar as batatas, e sacodem as gallinhas que lhes depennicam tudo, e até vocês se riam se os accusassem de crueldade porque matavam os pardaes, ou porque arrancavam e deitavam fora as hervas ruins.

Pois Sebastião José de Carvalho e Mello tratou Portugal exactamente como vocês tratariam a tal quintarola. Olhou para tudo e disse comsigo: Eh! com os diabos, como isto está! No paço ha um bando de pardaes que dá cabo da melhor fructa dos pomares da nação. Toca a enxotar os pardaes, e, como os pardaes refilaram, saltou ao tiro n'elles. As sea-

ras da intelligencia, que tambem são trigo porque dão o pão do espirito, não podiam medrar porque as afogava por toda a parte o joio do jesuitismo. Toca a sachar os jesuitas. Os muros da quinta estavam arrasados, quer dizer, estavam as fronteiras a descoberto, e em vez de haver fortes o que havia era egrejas, e elle mandou fazer o forte da Graça em Elvas, e poz o exercito a direito, mandando vir para isso um militar extrangeiro, o principe de Lippe, que era da eschola de um rei da Prussia que foi o primeiro militar do seu tempo. Não havia lavoura nem havia industria, porque ninguem lhe dava a protecção da rega e do adubo, e Pombal deu-lhe tudo isso á moda do seu tempo, que elle tambem não podia adivinhar o que hoje se sabe. Elle reformou os estudos e a Universidade, elle fundou companhias e fabricas, elle partiu os dentes á Inquisição, elle pôz fora os jesuitas, elle tirou a censura dos livros aos padres, elle acabou com distincções de christãos-novos e christãos-velhos, e na India e no Brazil acabou tambem com todas as tolices das raças, elle determinou que não houvesse escravos em Portugal, elle arreganhou os dentes a Roma, e soube pôr o Papa no seu logar, elle bateu o pé á Hespanha, elle fez-se respeitar pela Inglaterra, elle acabou os morgados pequenos que só faziam mal á lavoura, elle não deixou que entrassem para padres e frades todos quantos o queriam ser, porque,

se as cousas continuassem assim, ás duas por tres não havia senão cabeças rapadas em Portugal, emfim, meus amigos, é de uma pessoa pasmar vêr que aquelle diabo de homem, que ao mesmo tempo fazia de Lisboa uma cidade nova e levantava uma estatua ao seu rei no Terreiro do Paço, em tudo poz a mão, tudo melhorou, tudo reformou, tudo arranjou, e pode-se dizer que virou a nação de dentro para fóra. Já se vê que fez tudo isto com o «posso, quero e mando». Mas a que é que prestou verdadeiros serviços? Foi á liberdade, porque tirou o povo da miseria e da ignorancia em que vivia, porque o livrou de ter os jesuitas por tutores, e assim o animou a cuidar dos seus direitos, e o preparou para um bello dia reclamar a liberdade. Foi cruel, bem sei, não digo menos d'isso. Tratou os homens como se fôssem pardaes, e praticou mesmo barbaridades escusadas; mas que diabo! não sei que sina é esta: reforma graúda sem muito sangue parece que não ha modo de se fazer; uma vez são os reformadores que derramam o seu proprio sangue, e então é que a reforma vem de Deus, como acontece com o christianismo; outras vezes os reformadores derramam o sangue dos outros, e então é que a reforma vem dos homens, como aconteceu com a revolução franceza; porque lá isso de regar as arvores do bem com o sangue das nossas proprias veias, Deus é que o ensina, que os homens só pôr si não são capazes de chegar a tanto.

— Ó sr. João, exclamou o Bartholomeu, mas parece-me que tenho ouvido dizer que os Tavoras, o duque de Aveiro e os mais fidalgos soffreram tormentos do diabo alli na praça de Belem. Ora, ainda que fôsse necessario dar cabo d'elles, acho que não era preciso atormental-os, e que o marquez de Pombal tinha na verdade cabellos no coração.

— Não digo menos d'isso, Bartholomeu, mas ouve lá uma cousa: tu sabes porque é que os fidalgos, eram executados, não sabes? Foi por darem uns tiros no rei. Elles queriam livrar-se do ministro, o rei não largava o ministro, cada vez se lhe agarrava mais, como depois mostrou, fazendo-o conde de Oeiras e marquez de Pombal, e então lembraram-se de dar cabo de D. José. Ora sabes tu como fôra castigado em França, pouco tempo antes, um homem que tinha querido matar o rei Luiz XV? Foi posto a tormentos, depois nas feridas abertas deitaram-lhe chumbo a ferver, e afinal ataram-n'o aos rabos de quatro cavallos, e esquartejaram-n'o. E comtudo ninguem diz que Luiz XV tivesse cabellos no coração. As cousas faziam-se assim no seu tempo, não foi o marquez de Pombal que as inventou.

Hão de vocês dizer: Este diabo gaba sempre as tyrannias por toda a parte. Já defendeu D. João II, agora defende o marquez de Pombal. Eu não as louvo, rapazes. Se vivesse n'esses tempos e pudesse, havia de berrar contra ellas, mas cá de longe, vendo

as cousas com socêgo, digo que ninguem é perfeito, e que todos os homens têem, como dizia o tal engenheiro francez que esteve em Bellas, os defeitos das suas qualidades. Alli está o Francisco Artilheiro que foi soldado: havia de ter servido com muitos coroneis: Encontrou algum que fôsse têso a valer e que ao mesmo tempo desatasse a chorar no tempo das varadas, quando tinha de mandar chibatar algum soldado? Não pode ser. Estes pimpões que quebram todos os abusos, que põem um joelho de ferro em cima de todas as revoltas, fazem aos homens o mesmo que fazem ás cousas, e o dever de quem depois conta a historia é perceber isso tudo, e não estar a berrar contra aquelles que fizeram serviços ao seu paiz, só porque nem sempre paravam onde seria melhor que tivessem parado.

Mas vamos nós ao resto da historia, que d'aqui a pouco já as noites são mais pequenas, e mal chega o tempo para dormir a quem tem de se levantar com o sol. D. José morreu em 1777, e, apenas elle fechou os olhos, rebentou o odio que havia contra o grande ministro; ninguem quiz lá pensar no bem que elle tinha feito, e todos clamaram contra as suas crueldades. Demais a mais quem succedia a D. José era sua filha a rainha D. Maria I, muito beata, embirrando muito com o marquez, porque desconfiava que elle quizera fazer passar o throno para o filho

d'ella, um rapazito muito esperto, chamado D. José, e então o rei a morrer hoje e o ministro a ser demittido ámanhã. Não houve picardia que lhe não fizessem. Mandaram-n'o para a sua quinta do Pombal e, estando elle já doente e amargurado, moeram-no com perguntas porque lhe armaram um processo. Se pudessem desfazer tudo o que elle fizera, desfaziam, mas afinal só soltaram os prêsos, porque emquanto ao mais tiveram mêdo de dar bordoada no finado rei, que a final de contas respondia pelos actos do ministro, porque elle é que assignava as ordens. Tiraram o retrato do marquez da memoria do Terreiro do Paço, que só em 1834 se tornou a pôr como era justo; em vez do retrato puzeram as armas de Lisboa que são um navio á véla, e foi então que o marquez de Pombal disse, ao saber do caso: Ai! Portugal que vaes á vela!

Bem quizera D. Maria I admittir os jesuitas outra vez, mas não podia ser, porque o marquez de Pombal não só os expulsára de Portugal, mas fizera uma liga contra elles em toda a Europa, e conseguira que o papa Clemente XIV acabasse com a Ordem. Muito trabalharam os parentes dos Tavoras para conseguir que se désse uma sentença a declarar que era pêta o que se dissera a seu respeito, e injusta a sentença que os condemnava; mas afinal não conseguiram isso, porque a rainha percebeu que, condemnando o marquez de Pombal, a quem condemnava era o pae.

No mais tudo andou para traz, a não ser na marinha, que teve um bom ministro, Martinho de Mello, e n'isto de escholas que sempre se fôram desenvolvendo. Houve além d'isso dois homens que fizeram muito bem a Lisboa e ao Porto, a saber, o intendente da policia, Pina Manique e o corregedor do Porto, Francisco de Almada. É que já se não podia deixar de cuidar de melhoramentos; mas o que deu cabo de nós foi a birra que tivemos em nos metter na bulha contra a republica Franceza. Isso, falar em Portugal nas idéas novas, era o mesmo que falar no diabo, e D. Maria I, em vez de tratar da sua vida, seguiu o caminho de D. João V. Este ia-se metter com os Turcos que lhe não faziam mal nenhum, D. Maria I foi-se metter com a republica Franceza, que estava lá tão longe e que nada tinha com Portugal.

O que resultou d'aqui é que mandámos uma divisão ao Roussilhão a ajudar os Hespanhoes, e uma esquadra a Toulon a ajudar os Inglezes. A divisão do Roussilhão portou-se o que se chama bem, mas depois? A Hespanha fez a paz com a França, e nós ficamos a olhar ao signal, a Inglaterra mettia-nos na dansa, e depois punha-se de palanque. Tivemos de andar a pedir a paz á republica Franceza, quasi de joelhos, e o Napoleão, que já n'esse tempo começava a governar em França, e que nos tinha jurado pela pelle, teve a habilidade de açular a Hespanha

contra nós, resultando d'ahi a guerra de 1801. Foi uma guerra vergonhosa. Tinhamos o exercito escangalhado, não fizemos senão levar bordoada, e, para alcançarmos a paz, tivemos de pagar bom dinheiro, e de dar aos Hespanhoes, Olivença que nunca mais apanhámos. De nada nos valeram todas as humilhações. Em 1807, Napoleão, que já era imperador, e que andava n'uma lucta de morte com a Inglaterra, quiz que fechassemos os portos aos nossos antigos alliados. Andámos a hesitar, até que Napoleão, que não gostava perder tempo, declara que a casa de Bragança deixara de reinar, e mette-nos cá dentro um exercito commandado pelo Junot. A familia real não teve senão tempo de fazer as malas e de partir para o Brazil, por conselho dos Inglezes. Devo-lhes dizer uma cousa: a rainha D. Maria I endoidecêra havia muito tempo, e quem governava em seu nome como principe regente desde 1792, era o principe D. João, seu filho mais velho, porque aquelle D. José, de quem lhes falei, e que dava tantas esperanças, tinha morrido em 1788.

Imaginem vocês como ficaria o povo com esta *partida*, e agora é que é o caso de se lhe chamar *partida*.

Abandonado pela familia real, viu o Junot tomar conta do governo, agarrar no exercito Portuguez, que não tinha ordem para resistir, e mandal-o para França servir no exercito de Napoleão, lançar con-

tribuições pesadas como o diabo, e emfim tratar isto como terra conquistada. E para maior vergonha, Junot invadira o paiz, no coração do inverno, com meia duzia de gatos, e entrara em Lisboa á frente de quatro soldados estropiados e esfarrapados. A vergonha de todas estas humilhações começou a fazer ferver o sangue aos Portuguezes, e um bello dia rebentou a revolta no Porto. Foi como quem diz um rastilho de polvora. Desde o Minho até ao Algarve, não houve terra em que se não pegasse em armas contra os Francezes. O Junot mandou as suas tropas esmagar as revoltas, e os Francezes fizeram então cousas do arco da velha, mataram, roubaram, queimaram . . .

—Ah! paé do céo! exclamou a tia Margarida, eu era bem pequenina então, havia de ter sete ou oito annos, mas lembra-me do que minha mãe me contava. Havia um que ella chamava o *Maneta*, que isso parece que era o diabo em pessoa.

—Era o general Loison, que não tinha um braço. Em Evora fez elle o demonio, mas, por mais que fizessem, não conseguiam acabar com a revolta. Era pobre gente do povo, sem armas, sem disciplina, sem chefe, que assim se levantava contra os Francezes, e estes davam-lhe para baixo facilmente, mas a gente levava aqui em Bellas levantava-se em Cintra, iam os Francezes a Cintra, levantavam-se os de Bellas. Demais a mais, cada qual faz a guerra

como pode. Lá em batalha não podiam os nossos medir-se com os soldados de Napoleão. O que faziam? Davam-lhes caça: em os apanhando, separados, carga para cima d'elles. Era facada, era paulada, era tiro de bacamarte, era o que podia ser, com os diabos! que um povo é como uma pessoa, quando o querem pisar aos pés, defende-se com unhas e dentes. Mas n'isto os Inglezes, que andavam á toca de vêr se podiam sahir da sua ilha e desembarcar n'algum sitio onde pudessem incommodar Napoleão, assim que viram que Portugal estava revoltado, desembarcaram aqui um exercito commandado por um sujeito chamado Wellington, que, se não era tão bom general como Napoleão, pelo menos parece-me que ainda seria mais feliz do que elle. O Junot, que não passava de ser um valentão, foi batido pelos Inglezes na Roliça e Vimeiro, onde os nossos, já se vê, tambem combateram ao lado das fardas vermelhas, que é, como vocês sabem, o uniforme inglez, e, para se safar de Portugal, teve de capitular. É verdade que o patife apanhou uma capitulação, que não podia ser melhor se fôsse elle que houvesse dado a tunda nos Inglezes. Levou-nos tudo o que nos tinha roubado, e nem se falou nos nossos soldados que lá andavam, contra vontade sua, a servir no exercito de Napoleão.

— O' sr. João, acudiu o Manuel da Idanha, voce-

mecê ha de desculpar uma pergunta, mas parece-me que ninguem pode vir por terra de França a Portugal, sem passar pela Hespanha, não é verdade?

— É sim, rapaz; mas que queres tu dizer com isso?

—Quero dizer que não percebo como foi que o Junot cá veiu. Então os Hespanhoes deixaram-n'o passar?

— Fizeram mais alguma cousa, vieram com elle, porque n'esse tempo estavam ainda muito manos com os Francezes, tanto que repartiram entre si Portugal como quem reparte um melão, uma talhaca para este, outra talhada para aquelle, etc. Mas o Napoleão surripiou aos Hespanhoes a sua familia real, e fez rei de Hespanha um seu irmão chamado José, de forma que, quando nós nos revoltamos, revoltaram-se elles tambem, e começamos uns e outros á lambada aos Francezes.

Entretanto cá se arranjára um governo; tratou elle de organisar o exercito, que ainda era á moda de 1640, e que só precisava de um general como o principe de Lippe para ficar uma joia. Esse general appareceu, foi nm inglez chamado Beresford, que n'um abrir e fechar d'olhos poz tudo a direito. O que é certo, meus amigos, é que na guerra da Peninsula, que durou seis annos, os nossos soldados, combatendo ao lado dos soldados inglezes, passa-

vam por ser tão bons como elles e talvez melhores. Já se vê que tinha sido necessario virem muitos officiaes inglezes para os nossos regimentos, porque a officialidade Portugueza estava toda dispersa, uns tinham ido para França, outros para o Brazil, e outros, diga-se a verdade, não prestavam para nada.

—Ó sr. João, dá licença que lhe faça uma pergunta? interrompeu de novo o Manuel da Idanha.

—Faze, rapaz, pudera! Pois então para que estou aqui?

—Porque é que se chamou a essa guerra a guerra da Peninsula?

—Não te disse eu, rapaz, no principio d'esta conversa, que Portugal e a Hespanha juntos formavam uma peninsula, quer dizer quasi uma ilha, porque a cerca o mar por toda a parte menos por um lado, que é onde pega com a França pelos Pyrenéos?

—Disse, sim senhor.

—E não te acabei de dizer que, quando nos revoltámos contra Napoleão, revoltaram-se tambem os Hespanhoes, e que desatámos uns e outros á pancada aos Francezes?

—Tambem é verdade.

—Pois então ahi tens tu: a guerra era de Hespanha e de Portugal, por conseguinte era a guerra da Peninsula.

—Ora tambem quero fazer uma pergunta, disse a tia Margarida.

—Pois então tia Margarida! Era o que faltava era que as mulheres não tivessem a palavra.

—O que você precisava era de um puxão de orelhas, mas emfim lá vae a pergunta. Eu, sempre que minha mãe falava n'essas cousas, ouvia-lhe dizer que os Francezes eram muito máus, mas que os Inglezes talvez ainda fôssem peores. Ora você diz que os Inglezes vieram ajudar-nos...

—Dizia muito bem a sua mãe, tia Margarida, mas eu tambem não digo mal. Soldados Inglezes sempre fôram abrutados, principalmente em estando com o vinho. Nunca vieram a Portugal senão ajudar-nos, e nunca tambem cá vieram que não ficasse tudo a berrar contra elles. Olhem no tempo de D. Fernando. Parece-me que lhes contei que, vindo elles combater ao nosso lado contra os Hespanhoes, fizeram o que o demonio não fez. E, agora que já respondi ás suas perguntas, vou continuar a minha historia.

O Junot foi posto fora em 1808, os Inglezes então viraram-se contra os Francezes que estavam na Hespanha, e metteram-se pela Galliza dentro, mas o Soult, apanhando-os lá, deu-lhes uma tareia formidavel, e depois veiu sobre Portugal e entrou no Porto. A gente do Porto, a fugir dos Francezes, metteu-se na ponte de barcas que então havia sobre o

Douro, para passar para o outro lado; a ponte abateu e morreram milhares de pessoas.

— Ah! bem sei! interrompeu a tia Margarida, diz que foi o dia de juizo.

— Ora se foi! os Francezes pararam no Porto. mas nós e os Inglezes fomo'-nos a elles d'ahi a tempo e pozemol-os fora. O Napoleão embirrando com o caso, mandou um exercito commandado pelo marechal Massèna, um dos seus melhores generaes, com ordem de atirar o Wellington ao mar; mas o Wellington, que era homem avisado, e que não gostava de tomar banhos de choque, aproveitára o tempo a arranjar as linhas de Torres Vedras, de traz das quaes se metteu. O Massèna bateu com as ventas nas linhas, viu que não podia fazer nada, foi-se embora, e nós logo atraz d'elle.

Para encurtar razões, em quatro annos decampanha, fomos a pouco e pouco empurrando os Francezes pela Hespanha fora, em 1814 entrámos em França de embrulhada, e, como os Russos, os Austriacos e os Prussianos tambem entraram por outro lado, levando o Napoleão adeante de si, cahiu aquella caranguejola toda, e Napoleão teve de dar a sua demissão de imperador, e nós ficámos livres dos Francezes.

Dois annos depois, em 1816, morreu a rainha D. Maria I no Brazil sem que ninguem, por assim dizer, désse por isso. O principe regente tomou o

nome de D. João VI e continuou tudo como até ahi.

Entretanto em Portugal estava tudo descontente. O povo levantára-se contra os Francezes por sua conta e risco, e parecia-lhe historia que o rei, que fugira, continuasse a não fazer caso nenhum d'elle.

Em Hespanha tinham-se reunindo côrtes e arranjára-se uma constituição pela qual se acabava com o poder absoluto dos reis. Em Portugal, se não se fizera o mesmo, não fôra por falta de vontade, mas os Inglezes não deixavam. Todos percebiam, porém, que se não podia voltar á antiga, como senão se tivesse passado cousa nenhuma no intervallo. Por outro lado a teima do rei em ficar no Brazil já nos ia fazendo chegar a mostarda ao nariz, tanto mais que, ao passo que havia por cá muita miseria, estava sempre a ir dinheiro para o Brazil, e não só dinheiro mas tropa tambem, porque D. João VI, em 1817, lembrára-se, de juntar Montevideu ao Brazil, como se o Brazil ainda fôsse pequeno, aproveitando para isso a revolta das colonias hespanholas. Emfim, a conservação de Beresford e dos coroneis inglezes no quadro do exercito portuguez incommodava os nossos officiaes, e descontentava a nação.

Em 1817, descobre-se ainda por cima uma conspiração liberal, dão como implicado n'ella, com pro-

vas de cá-cá-rá-cá, um general muito estimado, Gomes Freire de Andrade, de quem diziam que Beresford tinha ciumes, e enforcam-n'o. Tudo isto ia fazendo ferver o sangue aos Portuguezes, e, quando em 1820 começou a haver revoluções liberaes por toda a parte, rebenta tambem uma revolução liberal no Porto, espalha-se logo por todo o reino, chega a Lisboa, e pega-se ao Brazil. D. João VI é obrigado a acceital-a, e a vir para Portugal, a mandar embora os officiaes inglezes, e a assignar uma constituição que as côrtes fizeram; mas os governos lá de fora, e logo os mais poderosos, acharam perigoso que se tornasse a falar em liberdade e constituições, e decidiram que viesse um exercito Francez pôr a mordaça na bôcca aos liberaes da Hespanha, emquanto um exercito Austriaco ia fazer o mesmo aos da Italia. Apenas cá chegou a noticia, os amigos do absolutismo, que tinham por chefe o infante D. Miguel, segundo filho do rei, levam este para Villa Franca, e deitam abaixo a constituição. Mas o que a fez cahir não fôram elles, fôram os passos dos soldados francezes que já a essas horas andavam por Hespanha.

Entretanto o Brazil, onde ficára governando o principe D. Pedro, que era o filho mais velho do rei, fazia-se independente. Antes d'elle tinham feito o mesmo as colonias vizinhas que pertenciam á Hespanha, e cincoenta annos antes as que pertenciam

á Inglaterra. No Brazil já houvera duas tentativas de revolta, e ambas tinham sido afogadas em sangue, uma em 1789, outra em 1817. Afinal venceram. Accusam muito D. Pedro de se ter feito imperador do Brazil, e de se haver revoltado contra seu pae. Elle não se revoltou, mas só podia fazer uma de duas cousas, ou ir com os Brazileiros, ou pôr-se no andar da rua. Então esses figurões imaginavam que um paiz rico, grande e forte, está agora para receber ordens de outro mais pequeno, ou maior que elle seja, e que fica de mais a mais do outro lado do mar? Ora, historias da vida! e não se queixem d'isso. È ordem das cousas. As colonias são como os filhos. A gente educa-os, trata-os, deixa-os ir crescendo. Quando são maiores emancipam-se. E ninguem tem que extranhar. Foi o que aconteceu com o Brazil. Estava maior, emancipou-se. Perdemos o Brazil em 1825, em 1826 morreu D. João VI. Os seus ultimos dias fôram amargurados. Tivera guerra com o filho mais velho que se revoltára com o Brazil; estivera para ser desthronado pelo filho mais novo, D. Miguel, que o chegára a prender na Bemposta, e que elle depois tivera que mandar para fóra do reino; a mulher, D. Carlota Joaquina, que estava sempre ás turras com elle, nunca lhe déra senão desgostos. Falleceu ralado o pobre do rei, que era uma excellente pessoa, amigo de tomar o seu rapé com socêgo, e que para sua desgraça governára no tempo

da revolução franceza, no tempo de Napoleão, e no tempo da revolução de 1820. E ha de a gente acreditar no rifão: Dá Deus o frio conforme a roupa.

E, como eu tambem estou com frio, rapazes, vou até casa á procura de roupa, e no proximo domingo acabaremos com isto.

DECIMO SERÃO

Historia contemporanea. — D. Pedro IV. — A carta constitucional.—Regencia da infanta D. Isabel Maria.—D. Miguel, rei absoluto.—Sublevação do Porto.—Emigração.—A ilha Terceira.—O conde de Villa-Flôr.—Perseguição aos liberaes.—A esquadra franceza no Tejo.—D. Pedro IV põe-se á frente dos liberaes.—Desembarque no Mindello.—Cêrco do Porto.—Expedição do Algarve.—Batalha do Cabo de S. Vicente.—Entrada das tropas do duque da Terceira em Lisboa, a 24 de julho.—Cêrco de Lisboa.—Batalha de Almoster.—Convenção de Evora Monte.—Reinado de D. Maria II.—Revolução de Setembro.—Constituição de 1838.—Restauração da Carta.—A Maria da Fonte.—A Junta do Porto.—A intervenção extrangeira.—A Regeneração.—Reinado de D. Pedro V.—A febre amarella.—Reinado de D. Luiz.—Conclusão.

— Vocês percebem, meus amigos, principiou o João da Agualva, que, tendo de lhes contar agora acontecimentos em que tomou parte muita gente que ainda está viva e sã, e não querendo offender ninguem, não posso estar com muitas reflexões. Quem succedeu a D. João VI, foi D. Pedro IV, já então imperador do Brazil. Este, que era um principe que percebia as cousas, viu bem que o nosso tempo já

não era tempo para absolutismos, e antes quiz dar elle uma constituição do que ir o povo arrancar-lh'a. Mandou portanto para Portugal a Carta, dizendo ao mesmo tempo que abdicava em sua filha D. Maria, a qual havia de casar com seu tio o infante D. Miguel, e, emquanto D. Miguel não voltava para Portugal, nomeou regente a infanta D. Isabel Maria, que vocês haviam de conhecer muito bem.

— Ora se conhecemos! morava alli em Bemfica!

— Tal qual! morreu ha cousa de oito annos. A Carta Constitucional ficou sendo lei do reino. apesar de algumas revoltas, mas o infante D. Miguel, apenas chegou a Lisboa em 1828, fecha as côrtes, atira com a Carta de pernas ao ar e faz-se proclamar rei absoluto. A guarnição do Porto não está pelos ajustes, e revolta-se, mas tem de fugir para Hespanha. Tudo o que eram liberaes, e que puderam safar-se, emigraram uns para França, outros para Inglaterra. Mas o que é certo é que o povo todo estava com D. Miguel. Porque? Como pode haver um povo que não goste de liberdade? Vão lá explical-o! Os padres e os frades estavam quasi todos ao lado de D. Miguel, e levavam comsigo muita gente.

Mas a ilha Terceira não esteve pelos autos, e não acceitou o absolutismo. Apenas isso constou, correram os emigrados para essa ilha, o conde de Villa Flôr tomou conta do governo, e alli resistiu ás esqua-

dras de D. Miguel. Este, entretanto, com o devido respeito, fazia tolices graúdas, e a maior era perseguir os liberaes a ferro e fôgo. A fôrca estava sempre armada, as prisões sempre atulhadas, e os caceteiros não deixavam ninguem socegado. Isto de fazer martyres é o diabo. Para a arvore da liberdade não ha rega como o sangue dos seus filhos.

Ora, além d'isso, emquanto o governo francez se mostrava pouco amigo da liberdade, tinha D. Miguel as sympathias da França, mas depois da revolução de 1830 aconteceu o contrario. O governo de D. Miguel cahiu nâ asneira de perseguir uns francezes. D'ahi resultou vir uma esquadra franceza ao Tejo e levar os navios que ahi estavam. Ao mesmo tempo D. Pedro, que tivera os seus dares e tomares com os Brazileiros, abdicou a corôa imperial do Brazil, e veiu tomar o commando dos defensores de sua filha. Põe-se á frente d'elles, que não eram muitos, eram 7:500, desembarca no Mindello a 8 de julho de 1832, mette-se no Porto, e ahi resiste mais de um anno aos soldados de D. Miguel, que eram muito valentes, mas mal commandados. Envia ao Algarve em 1833 meia duzia de gatos, debaixo das ordens do conde de Villa Flôr, já então duque da Terceira, n'uma pequena esquadra, que primeiro fôra commandada por um Inglez chamado Sertorius, que ainda vive, e que o estava sendo por outro inglez chamado Napier. Este desembarca o du-

que da Terceira no Algarve, depois vae-se á esquadra miguelista e derrota-a no cabo de S. Vicente. O duque da Terceira marcha sobre Lisboa, bate na Cova da Piedade os miguelistas, commandados pelo Telles Jordão, que tinha sido um tyranno para os prêsos liberaes, e que alli morreu, e entra em Lisboa no dia 24 de julho de 1833. D. Pedro vem para Lisboa, que os miguelistas cercam. Elle e os seus dois marechaes, duques da Terceira e de Saldanha. obrigam os miguelistas a retirar para Santarem. Depois o duque de Saldanha por um lado bate os miguelistas em Almostér, o duque da Terceira por outro bate-os na Asseiceira, e D. Miguel assigna a 25 de maio de 1834 a convenção de Evora Monte, pela qual o seu exercito depunha as armas, e elle abandonava Portugal. Como se esperasse unicamente o fim da sua empresa para terminar tambem a sua vida, D. Pedro IV veiu aqui morrer a Queluz no dia 24 de setembro de 1834. Podem para ahi pensar d'elle o que quizerem, meus amigos, mas o homem que, tendo nascido no throno, passou a sua vida a rejeitar corôas, e a combater, como um soldado valente, pela liberdade dos povos, merece bem as tres estatuas que no Porto, em Lisboa e no Rio de Janeiro mostram que, ao menos depois da sua morte, não fôram ingratos com elle os Portuguezes e os Brazileiros.

Succedia-lhe a senhora D. Maria II, que viveu

bem pouco tempo, e teve uma vida bem atormentada. Logo em 1836 um partido, que queria mais liberdades que as da Carta, fez a revolução de setembro, e em 1838 veiu uma nova constituição. Contra elle se fazem muitas revoltas, até que em janeiro de 1842 Costa Cabral, depois conde de Thomar, deita abaixo a constituição de 1838, e põe outra vez a Carta de pé. Governou elle muito tempo, mas, diga-se a verdade, um poucochinho á bruta. D'ahi vieram mais revoluções, e a maior de todas que foi a da Maria da Fonte, em 1846, em que metade do reino obedecia á Junta do Porto, e a outra metade ao governo nomeado pela rainha. Batidos em Val-Passos, em Torres Vedras, e no Alto do Viso, os *patuléas*, como se chamava aos partidarios da junta, são obrigados a depôr as armas pelos Inglezes e pelos Hespanhoes que mandaram uns uma esquadra, os outros um exercito para restabelecerem aqui o socêgo. Mas no fundo estava tudo em braza, e quando em 1851 o duque de Saldanha se levantou contra o conde, hoje marquez de Thomar, foi tudo atraz d'elle. Reuniram-se côrtes que introduziam umas mudanças na Carta, e d'ahi por deante nunca mais houve revoltas de consideração. Pegaram os governos a fazer estradas e caminhos de ferro, e lá de partidos é que eu não entendo. Em 1858 morria a senhora D. Maria II, considerada por todos como uma santa senhora, e uma santa mãe, e succedeu-

lhe seu filho, o senhor D. Pedro V, sendo regente nos primeiros dois annos o senhor D. Fernando que vocês todos conhecem. O sr. D. Pedro V era uma joia, como sabem. Quando em 1857 veiu a febre amarella a Lisboa, andou elle pelos hospitaes, a consolar os doentes, e a dar coragem e exemplo a todos. Tambem quando em 1859 morreu a boa rainha Estephania, sua mulher, não houve portuguez que a não chorasse com elle, e quando em 1861 morreu elle tambem quasi de repente, com os seus dois irmãos, o senhor D. Fernando e o senhor D. João, a dôr do povo foi tamanha que chegou a haver tumultos porque até se desconfiava que aquillo não fôsse natural. Subiu ao throno o senhor D. Luiz que hoje reina, e aqui portanto acaba a historia. Sempre direi, comtudo, que não são muitos os paizes por esse mundo onde os povos ainda hoje chorem pelos reis, e que isso vem de serem os nossos tão amigos da liberdade como são e tem sido, graças a Deus. E aqui, meus amigos, acabo a minha tarefa; o que eu desejo, rapazes, é que vocês achem que não os maçou muito o pobre do João da Agualva, e que entendam que empregaram melhor o seu tempo a ouvir as minhas historias, do que a beber decilitros na taberna do Funileiro.

FIM